SUPER
INTERESSANTE
ALEXANDRE DE SANTI E ANDRÉ SCHRÖDER
Chico Xavier
A vida. A obra. As polêmicas
Abril

Chico Xavier

A vida. A obra. As polêmicas.

Agradecimentos

JUAN ORTIZ, Marcela Donini, Maurício Brum, Melissa Schröder, Sílvia Lisboa, Raíza Vieira: obrigado pelo apoio. Denis Russo Burgierman e Alexandre Versignassi: obrigado por apostar na ideia.

Sumário

I

Vida e obra

de Chico Xavier

1

A explosão de um fenômeno

Chico Xavier bateu o recorde de audiência da televisão brasileira quando sentou na cadeira do programa Pinga-Fogo *para ser sabatinado por jornalistas. Foi um marco para a TV, para o espiritismo e para a carreira do médium mineiro, que virou celebridade nacional.*

EM MEADOS DE 1971, a cúpula da TV Tupi em São Paulo estava insatisfeita com o desempenho do programa *Pinga-Fogo*. O consenso entre os diretores da emissora era um só: precisavam encontrar um entrevistado capaz de seduzir os telespectadores e reverter os maus resultados. A transmissão, ao vivo, acontecia no ingrato horário das 23h30 de terças-feiras. Nem com a presença de políticos e intelectuais de renome a atração costumava superar os 5% de audiência. Na reunião para avaliar possibilidades, o repórter Saulo Gomes sugeriu Chico Xavier. Mas a ideia não foi bem recebida por Cassiano Gabus Mendes, principal chefe do canal:

> *"Está querendo trazer um pai de santo para o* Pinga-Fogo*? Você está louco!"*

Confundir médium com pai de santo era apenas um entre tantos equívocos repetidos a respeito do espiritismo até então. Cassiano estava longe de ser um sujeito ignorante. Era um dos profissionais mais versáteis da comunicação brasileira, tinha sido ator, radialista, roteirista, produtor e foi o criador da novela *Beto Rockfeller*, um dos maiores sucessos da televisão brasileira – mais tarde, se tornaria o autor de outros hits, como as novelas *Anjo Mau* e *Que Rei Sou Eu?*. Mas a frase do diretor refletia o quanto a elite brasileira desconhecia o trabalho do médium.

O programa tinha o formato de sabatina, nos moldes do *Roda Vida*, da Cultura, no ar até hoje. Um grupo de convidados colocava o entrevistado na parede, ao vivo. Temendo uma reação da Igreja Católica e a fuga de anunciantes no caso de polêmicas, o diretor comercial Fernando Severino também foi contra a proposta. Mesmo caso do diretor da Rádio Tupi, Hélio Ribeiro, que preferia não correr riscos.

Apesar do quadro desfavorável, Saulo Gomes não se deu por vencido. Atuando nos corredores, fez o nome rejeitado chegar aos ouvidos de Edmundo Monteiro, diretor dos Diários Associados, dona da Tupi, em São Paulo. O chefão chamou o repórter para uma conversa e ficou convencido dos seus argumentos. A entrevista com Chico Xavier tinha potencial para ser um sucesso. Na visão deles, além disso, a TV Tupi estaria fazendo jornalismo de primeira linha ao sabatinar uma figura que merecia ser desvendada. Monteiro telefonou para a sede da Tupi e ordenou que a direção da emissora tocasse em frente o projeto. Logo Saulo Gomes viajou a Uberaba para fazer pessoalmente o convite. O médium hesitou, disse que

havia lideranças mais capacitadas para falar sobre o espiritismo, mas acabou aceitando o desafio.

Saulo Gomes era amigo de Chico Xavier. Uma camaradagem que começou em 1968, quando o repórter viajou até Minas Gerais, para reaproximar o médium da imprensa. Por mais de duas décadas, Chico evitou jornalistas. Vivia receoso desde 1944, quando apareceu ridicularizado na reportagem *Chico Xavier, detetive do Além*, publicada pela revista

O Cruzeiro (contada em detalhes no capítulo 9). Suas raras manifestações públicas após esse episódio tinham sido feitas em eventos organizados por grupos espíritas, com Chico sempre protegido de qualquer investida de repórteres. Foi necessária muita negociação até Chico Xavier aceitar a visita de Saulo Gomes.

Até que os dois terminaram se encontrando. Com o gravador desligado, conversaram pela primeira vez das 22h30 até 4 horas da madrugada. Só então o médium disse ao repórter que aceitaria gravar no dia seguinte. A filmagem de 2 de maio de 1968 foi exibida pela Tupi no dia 14 do mesmo mês. Era a primeira aparição de Chico na TV – três anos antes do Pinga Fogo.

A partir de então, jornais, rádios e outras emissoras de televisão logo voltaram a correr atrás do líder espírita em busca de novas entrevistas. Preocupado com o assédio, Chico Xavier fez de Saulo Gomes uma espécie de assessor de imprensa. Era com base em conselhos do repórter que o médium decidia se aceitava ou não participar de determinada atração. Entre 1968 e 1971, ele apareceu brevemente em alguns dos programas de auditório mais famosos do país. Em 6 de março de 1970, por exemplo, Chico Xavier esteve no *Cidade contra Cidade*, comandado por Sílvio Santos na TV Tupi. Era uma disputa entre Uberaba e São José do Rio Preto, que apresentaram ao público suas atrações. Como um dos destaques da cidade mineira, Chico subiu ao palco. Falou sobre a descoberta de sua mediunidade e respondeu a perguntas formuladas por Sílvio Santos e pelo próprio Saulo Gomes, que o acompanhava. Com ajuda do médium, Uberaba saiu vitoriosa.

No *Pinga-Fogo*, no entanto, Chico foi alvo de investigação jornalística. Para desmontar possíveis críticas à escolha do médium espírita, a equipe do programa pediu a líderes religiosos de São Paulo que formulassem

perguntas ao entrevistado. Muitas dessas autoridades puderam acompanhar o programa ao vivo no auditório, sentadas em lugares especialmente reservados – uma gentileza que fazia parte do esforço de manter a neutralidade, uma das virtudes do programa. Os envolvidos no projeto já tinham decidido sabatinar Chico Xavier sem dar brechas para que ele fizesse propaganda da doutrina espírita. O médium sabia disso e estava preocupado. Ele praticamente não dormiu na véspera. Passou a madrugada andando e refletindo pelo jardim da residência do casal de amigos Nena e Francisco Galves, onde estava hospedado na capital paulista. Chico temia um mau desempenho na entrevista, algo capaz de prejudicar todo o movimento espírita. Era essa a avaliação que fazia sobre o catastrófico episódio de 1944, quando seu perfil na revista

O Cruzeiro teria servido apenas para ridicularizar a crença.

Na noite de 27 de julho de 1971, cerca de 500 pessoas lotaram o auditório da TV Tupi em São Paulo. Todas as cadeiras estavam ocupadas, levando parte do público a sentar no chão ou a ficar em pé no fundo do salão. Não era uma situação comum. Em dias normais, os assentos ficavam quase vazios. No lado de fora, uma multidão tentava em vão conseguir um lugar no estúdio. Era tanta gente que a Avenida Professor Alfonso Bovero foi tomada, complicando o trânsito nos bairros do Sumaré e de Perdizes. De improviso, funcionários da emissora instalaram televisores na calçada para que admiradores e curiosos pudessem acompanhar a atração. Quando o carro com Chico Xavier chegou, houve tumulto. Entre gritos e empurrões, centenas de pessoas tentaram chegar perto para tocar o médium, que precisou de ajuda para entrar no prédio. Logo em seguida, com entrevistado e entrevistadores no palco, teve início o programa que marcou a televisão nacional, mudou a história do espiritismo e consagrou Chico Xavier como o líder religioso mais popular do Brasil.

O jornalista Almir Guimarães, responsável por mediar a conversa, apresentou Chico como “o maior e mais discutido médium brasileiro

do século”, fornecendo uma breve biografia do convidado. Até aquele dia eram mais de cem livros publicados, 3 milhões de exemplares vendidos e pelo menos 200 mil pessoas atendidas em sessões espíritas. A bancada de entrevistadores era eclética. O jornalista, escritor e professor João de Scantimburgo, desde 1992 membro da Academia Brasileira de Letras, era um católico ferrenho. José Herculano Pires era espírita, tradutor de obras de

Allan Kardec para a língua portuguesa. A repórter Helle Alves, famosa por ter sido a primeira jornalista a noticiar a morte de Che Guevara em 1967, tinha feito algumas reportagens sobre religiões. Reali Júnior, célebre jornalista de política, era integrante fixo do *Pinga-Fogo*. Mesmo caso de Saulo Gomes, figura responsável por convencer Chico a participar do programa.

Câmeras ligadas, Chico se manteve calmo. E foi modesto. Sentado, de óculos escuros diante do microfone, o médium falava de maneira pausada. Agradeceu pela gentileza do convite e, modestamente, disse que não se sentia capaz de corresponder à expectativa do programa. Admitiu estar receoso em cometer erros gramaticais e pediu desculpas de antemão por eventuais respostas insatisfatórias. Em seguida, Chico Xavier deixou claro que contava com o amparo de amigos espirituais solícitos em transmitir ensinamentos ao longo do programa e disse ainda que o espírito Emmanuel, seu principal guia, tinha prometido acompanhar de perto a entrevista. Para os seguidores da doutrina era fácil enxergar Chico como uma aprimorada ferramenta de acesso ao mundo dos mortos, mas, para boa parte do público, tudo aquilo era duvidoso. Caberia ao telespectador fazer juízos sobre o intrigante senhor de 61 anos que dizia atuar como canal de comunicação entre a Terra e o plano espiritual.

Na primeira série de perguntas, Chico Xavier fez um balanço de sua produção psicográfica, disse que o mundo espiritual é subdividido em vários planos, falou que a evolução da alma acontece dentro e fora da Terra e comentou a morte do médium José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, que sofrera um acidente automobilístico no início daquele ano. No fechamento do bloco, o público presente reagiu pela primeira vez. Questionado sobre os romances ambientados na Roma Antiga, psicografados no início da década de 1940, o médium esclareceu que acompanhava o desenrolar da trama como quem assiste a uma novela. Segundo Chico, as obras foram escritas sob leve hipnose, de maneira que ele só lia aquilo que sua mão escrevia, sem saber o que aconteceria nos parágrafos seguintes. O médium afirmou que tinha grande interesse pelo enredo e arrancou risos e aplausos da plateia quando confidenciou que muitos personagens pelos quais tinha simpatia passavam a sofrer contra a sua vontade.

João de Scatimburgo, o mais combativo dos entrevistadores, perguntou se as psicografias de Chico não seriam meras reminiscências de suas próprias leituras, e se o médium não teria simplesmente o talento de imitar autores

cujas obras leu em algum momento. Chico disse que, antigamente, ficava ressentido com desconfianças desse tipo, mas que tinha aprendido a respeitar a opinião alheia. Sem mostrar irritação, afirmou a Scatimburgo que, sim, as psicografias eram autênticas. Explicou que mantinha convivência constante desde a infância com entidades espirituais e que os livros publicados não pertenciam a ele. O médium argumentou que não poderia memorizar tantas informações sobre tantos autores. Uma das razões era porque não tinha estudado além do curso primário, mas havia ainda outro motivo: uma doença ocular que limitava sua capacidade de leitura. Mais uma vez o público aplaudiu a resposta. Chico encantava a plateia sem fazer força.

Parte desse carisma tinha a ver com a rapidez com que Chico dava respostas a perguntas de temas variados, incluindo assuntos complexos que exigiam vocabulário mais específico e referências um tanto obscuras para grande parte da população. Muita gente passou a achar espantoso aquele senhor sentado no palco ter na cabeça respostas bem formuladas para tudo que lhe era perguntado. Para muita gente, a ideia de que Chico Xavier era auxiliado constantemente por guias espirituais se tornava uma possibilidade mais aceitável do que antes. Anos mais tarde, o jornalista Durval Monteiro, integrande do *Pinga Fogo*, diria que a postura de Chico Xavier no programa contagiou até os mais céticos da equipe. A repórter Helle Alves também afirmou que os entrevistadores ficaram fascinados pelas falas do entrevistado e que, como reflexo, Chico passou a receber perguntas mais brandas.

Exemplo de resposta intrincada pode ser a visão de Chico a respeito dos "bebês de proveta" (a fertilização in vitro, que começava a ser estudada no exterior e, há 40 anos, gerava polêmica). O médium disse que "o mundo espiritual acompanhava com grande interesse o trabalho da ciência" em relação à geração de vida em tubo de ensaio, mas questionou os efeitos psicológicos desse recurso nas crianças ao imaginar um futuro em que todas as gestações acontecessem fora do útero – algo que continua no terreno da ficção científica. Chico também aproveitou o tema espinhoso para condenar o aborto, que fere dogmas do espiritismo, e defender o uso das pílulas anticoncepcionais – outro assunto polêmico da época. Sobre preparativos para a morte, o médium disse que a cremação era um ato legítimo aos olhos do mundo espiritual, desde que fosse respeitado um período de pelo menos

72 horas, tempo necessário para que o espírito completasse o desligamento do corpo físico.

O *Pinga-Fogo* costumava durar uma hora e meia. Passada a primeira hora de entrevista, no entanto, o diretor dos Diários Associados recebeu em sua residência no Guarujá, de onde acompanhava o programa, os primeiros relatórios de audiência. Impressionado com os números, Edmundo Monteiro telefonou para pedir que Chico Xavier fosse mantido no ar por mais uma hora. A madrugada de quarta na capital paulista estava mais silenciosa que o habitual. Menos gente nas ruas, menos carros. Em muitos bares, restaurantes, o único barulho ouvido vinha de televisores sintonizados na TV Tupi. Nos pontos de táxi, carros aguardavam vazios a volta dos condutores, que também assistiam ao programa nas redondezas. Em frente à sede da emissora, a agitação era maior. Com a rua bloqueada, foi preciso chamar autoridades de trânsito para garantir ao menos a passagem dos ônibus de transporte urbano.

No lado de dentro, Chico ouvia atento a pergunta gravada de Manoel de Mello Silva, fundador da igreja O Brasil para Cristo e destacado líder pentecostal da época. O pastor pediu para o médium mineiro uma explicação aceitável sobre a procedência dos espíritos de Caim e Abel. Se a Bíblia afirma que Deus criou apenas Adão e Eva, indagou ele, como vieram à Terra os dois irmãos? Não se preocupe, leitor, em encontrar uma lógica sólida para a questão. A pergunta era uma “pegadinha teológica” feita para questionar a doutrina da reencarnação – claro que Caim e Abel eram filhos de Adão e Eva, mas de onde teriam vindo seus espíritos?

Bem, Chico agradeceu a pergunta, disse que admirava o trabalho do pastor e começou a tecer uma resposta. Para isso, citou a própria Bíblia. O *Gênesis* fala que, após matar Abel, Caim partiu para o exílio, onde depois encontraria sua esposa e teria seus filhos. Isso, naturalmente, abre para o mais clássico questionamento em relação ao *Gênesis*: de onde veio a mulher de Caim? A Bíblia não tem uma resposta nítida. Depois de responder à pergunta do pastor com outra questão, ainda mais impenetrável, o afiado Chico argumentou que os textos do Antigo Testamento não deveriam ser entendidos de maneira literal. O médium endurecera, mas não tinha perdido a ternura: convidou o pastor para estudarem juntos tais questões. Aproveitando a deixa, o mediador Almir Guimarães reforçou que o pastor deveria mesmo estudar, arrancando risos e aplausos do público.

Os telefones da Tupi não pararam de tocar durante o programa. O movimento de ligações foi grande a ponto de prejudicar os serviços. Por causa de linhas cruzadas, moradores das redondezas também receberam em suas residências telefonemas de telespectadores que desejavam fazer perguntas ou queriam saber os horários das reprises. O apresentador do *Pinga-Fogo* pediu desculpas por não conseguir fazer ao vivo centenas de perguntas encomendadas pelo público. Aproveitou para anunciar mais uma vez que o programa estava chegando ao final, o que novamente não ocorreria de imediato. Edmundo Monteiro fez outro contato de sua residência no litoral para pedir que mais rodadas de perguntas fossem feitas a Chico. Mesmo com o avanço da madrugada, a audiência continuava alta. O próprio mediador falou em “Ibope 100%”.

Atendendo a pedido de um telespectador, Chico contou uma história vivida por ele em 1959. Durante voo de Uberaba para Belo Horizonte, a aeronave em que o médium estava começou a balançar bruscamente de um lado para o outro, aterrorizando passageiros que gritavam sem parar por socorro. O comandante pediu calma e explicou que o deslocamento anormal era causado por vento de cauda – uma ocorrência comum em voos. Mas esse esclarecimento não sossegou os ânimos. Chico relembrou então que, diante de tanta gente gritando, rezando e implorando para não morrer, perdeu o controle e engrossou o coro dos desesperados, berrando também. No meio da gritaria, Chico afirmou que recebeu a visita do seu guia espiritual Emmanuel, que o recriminou por gritar e colaborar com o caos quando deveria dar testemunhos da sua fé e da confiança na imortalidade do espírito. O médium contou então que argumentou com Emmanuel que estava com muito medo de morrer, recebendo do espírito um inesperado conselho: “Pois bem, então morra com educação. Cala a boca e morra com educação”. Alguns membros da plateia se dobraram nos assentos de tanto rir. O causo cômico mostrou um lado “contador de histórias” de Chico, dando uma amostra do carisma do médium.

Outra passagem notável da entrevista foi o discurso de Chico Xavier sobre homossexualidade aos olhos da doutrina espírita. Segundo ele, a homossexualidade, a bissexualidade e a assexualidade são condições da alma humana que não devem ser tratadas com espanto. Afirmou ainda que o comportamento sexual dos humanos sofreria revisões muito grandes no futuro e que não parecia correto sentenciar às trevas uma manifestação que poderia ser usada para o rendimento do bem.

O encerramento do programa foi triunfante para o movimento espírita. Os brasileiros puderam acompanhar ao vivo pela primeira vez o trabalho de psicografia que tornou Francisco Cândido Xavier o médium mais conhecido do país. O apresentador Almir Guimarães perguntou a Chico se era possível colocar no papel uma mensagem recebida do plano espiritual. O convidado disse que poderia tentar. Pediu um pouco de música para auxiliar no processo e começou a se concentrar.

Enquanto o público permanecia no mais completo silêncio, Chico cobriu os olhos com a mão esquerda e passou a escrever ininterruptamente com a mão direita. Em aproximadamente quatro minutos, mantendo o gestual que se tornaria sua marca registrada, ele psicografou uma mensagem atribuída ao espírito do poeta paulista Cyro Costa, morto em 1937. Diante de olhos atentos, muitos deles marejados, Chico finalmente leu o poema nomeado *Segundo Milênio*, e foi muito aplaudido. Nas suas palavras finais, agradeceu pelo convite e pediu permissão para rezar um *Pai Nosso*, dizendo que era a oração que fazia com a mãe quando criança. Eram quase 3 horas da madrugada de terça-feira quando o *Pinga-Fogo* chegou ao fim. Note que o programa tinha começado às 23h30. Era a primeira vez que um entrevistado ficava tanto tempo ao vivo no ar na história da TV brasileira.

O clima na TV Tupi era de completa euforia. O Ibope informou que 86% dos aparelhos televisores pesquisados estavam sintonizados na emissora durante a entrevista. Outros 11% estavam desligados. O programa com Chico Xavier teve audiência praticamente total segundo os parâmetros de medição da época (diferentes dos atuais, mas que não deixam de ser válidos). Nos dias seguintes, o noticiário repercutiu profundamente a longa entrevista com o médium espírita. O *Diário de S. Paulo*, por exemplo, publicou a transcrição do programa na íntegra

em sua edição dominical. Pela capital paulista, o assunto era um só: Chico Xavier. "Ouvia-se todo tipo de comentário caminhando nas ruas. Até coisas como 'aquele homenzinho fala bem' ou 'que homem gozado' para se referir ao Chico", relembra o jornalista Saulo Gomes.

Enquanto o repórter amigo de Chico Xavier festejava o sucesso do projeto e os pontos ganhos com a chefia, técnicos da TV Tupi continuavam a trabalhar duro para gravar o programa em fitas que abasteceriam sucursais da emissora pelo país. Foram dois dias inteiros passando a entrevista para videotapes do formato quadruplex, que podiam pesar até 7 quilos. Sabendo

do grande sucesso do *Pinga-Fogo* nas cidades em que o programa passou ao vivo, diretores das afiliadas começaram a disputar as cópias para exibir logo o material em suas regiões. Ao longo de três anos, a entrevista com Chico Xavier rodou o Brasil de Norte a Sul, chegando inclusive a lugares ermos, como comprovam cartas de fãs enviadas de municípios do interior do Amazonas, por exemplo. Em São Paulo, o programa foi reprisado várias vezes para satisfazer quem tinha perdido a exibição ao vivo e quem desejava ver tudo novamente. Muitas pessoas colocaram gravadores perto da TV para registrar as respostas do médium.

Diante do sucesso, a TV Tupi decidiu repetir a dose e convocou Chico Xavier para nova entrevista na edição de Natal do *Pinga-Fogo*, realizada em 20 de dezembro de 1971. Mais uma vez, o auditório foi completamente tomado por fãs do médium mineiro, agora elevado a celebridade nacional. Na abertura do programa, o apresentador Almir Guimarães destacou que a repetição do entrevistado tinha por objetivo atender a milhares de pedidos vindos de todo o país, sendo o conteúdo uma espécie de prolongamento da edição de junho. Os membros fixos da bancada foram mantidos. Mas os outros três entrevistadores eram novidade. Vicente Leporace era um apresentador de programas jornalísticos bastante conhecido. Freitas Nobre era deputado federal pelo Estado de São Paulo e escritor simpático ao espiritismo. Hernani Guimarães Andrade era estudioso do espiritismo e da parapsicologia, tendo pesquisado cientificamente a reencarnação e a transcomunicação instrumental (tentativas de contato de espíritos por meio de aparelhos eletrônicos). Eram nomes mais simpáticos à causa espírita em relação aos convidados da primeira edição – reflexo do sucesso do programa e do fim dos temores quanto a repercussões negativas.

Dessa vez usando peruca, Chico agradeceu pelo novo convite e logo tratou de esclarecer que suas palavras não representavam as posições de nenhuma instituição espírita. Afirmou que estava ali em caráter pessoal para uma conversa, auxiliado por amigos espirituais desencarnados, como fazia desde 1927, quando iniciou o trabalho mediúnico. Como se soubesse das perguntas de cunho político que estavam por vir, o médium aproveitou sua fala inicial para dizer que contava com o apoio de guias espirituais para não ofender governantes, leis e autoridades. Em dezembro de 1971, o Brasil era comandado pelo general Emílio Garrastazu Médici. Sabendo que o governo promovia intenso monitoramento da imprensa, Chico deixou claro que as

suas respostas não tinham por objetivo criticar o regime. Um artifício do médium para não cair no radar dos militares.

Foi justamente o amigo Saulo Gomes o responsável por colocar o assunto delicado em pauta. Ele quis saber o que os benfeitores espirituais tinham a dizer sobre a situação política e social brasileira. O médium respondeu que a posição do país à época era "das mais dignas e das mais encorajadoras". Falou que a democracia estava sendo "guardada por forças que nos defendem contra a intromissão de quaisquer ideologias vinculadas à desagregação". Ele defendeu a atuação das Forças Armadas com o objetivo de manter a ordem, mas deixou claro em certo momento que desejava que a atuação dos militares ocorresse somente até que fosse possível "encontrar um caminho". A resposta longa e repleta de volteios também serviu como estratégia para não ofender o poder militar. Mais tarde, perguntado sobre a liberação do jogo no país, recuou sem rodeios, argumentando que tal assunto exigia deliberações legais dos governantes. As posições do médium – ou do mundo espiritual – sobre esse tema não foram reveladas, segundo Chico, por "respeito".

O médium mineiro mais uma vez deu respostas rápidas e informativas sobre questões complexas. Trazia, segundo o que alegou diversas vezes, a visão do plano espiritual sobre temas que eram polêmicos no início dos anos 1970. E era um ponto de vista bastante liberal para a época, a exemplo da posição progressista que ele assumia em relação à sexualidade. Durante o programa, Chico defendeu cirurgias plásticas regeneradoras como forma de aumentar a alegria de viver na Terra. Marcou posição contrária à pena de morte, por acreditar que ninguém deve morrer em nome da Justiça. Pregou moderação no consumo de carne para não criar situações de extermínio desnecessário de animais. Também pediu respeito aos hippies (vistos como os grandes *outsiders* da época), destacando seus trabalhos artísticos e artesanais.

A edição natalina do *Pinga-Fogo* também teve uma duração muito maior que o normal. Foram quatro horas e meia de programa. Como encerramento, uma nova psicografia ao vivo do médium. Foram longos 12 minutos de silêncio na plateia e música no estúdio para ajudar Chico. Enquanto parte do público olhava fixamente para o mineiro, tentando desvendar os mistérios da escrita psicográfica, outros presentes se entregavam à emoção e oravam de olhos fechados. Muitos cobriam o rosto com uma das mãos, imitando o gesto característico de Chico. Quando parou

de escrever, Chico leu o poema intitulado *Brasil*, atribuído ao espírito de Castro Alves, morto cem anos antes, em 1871. Por fim, com a voz embargada pela emoção e com lágrimas nos olhos, Chico Xavier desejou um feliz Natal a todos.

No embalo do sucesso do *Pinga-Fogo* com Chico Xavier, a TV Tupi deu nos anos seguintes atenção especial ao espiritismo em sua programação. Além de reportagens sobre a doutrina, a emissora usou o espiritismo como pano de fundo nas novelas *A Viagem* (1975) e *O Profeta* (1977), escritas por Ivani Ribeiro. Foi também o resultado do programa que fez de Chico colaborador permanente de um grande jornal, o *Diário de São Paulo*, e de uma revista semanal, *O Cruzeiro*. Ambos os veículos passaram a publicar regularmente mensagens mediúnicas escritas por ele. Mas foram inúmeras as apurações, discussões e opiniões sobre espiritismo que ocuparam espaço em jornais, revistas, rádios e televisão depois do *Pinga-Fogo*, assunto que também passou a ser mais discutido em debates familiares, conversas de rua e em redutos acadêmicos. “O Brasil não virou espírita por causa do programa, mas o espiritismo passou a ser comentado e discutido no país”, afirma Saulo Gomes.

O repórter amigo de Chico foi responsável por anunciar o fim da TV Tupi, que, por conta de problemas administrativos e financeiros, saiu do ar em julho de 1980. Por mais de três décadas, os rolos com gravações das duas edições do *Pinga-Fogo* com Chico Xavier tiveram paradeiro desconhecido. Em meados dos anos 2000, no entanto, o jornalista soube que as fitas estavam em um depósito às margens de uma rodovia em São Paulo. Ele então resgatou o material e recuperou as imagens. Produziu ainda conteúdos inéditos sobre o programa, conversando com entrevistadores e pessoas que fizeram parte do público presente no auditório. O resultado é quase a íntegra dos dois programas com Chico restaurados, uma preciosidade da televisão brasileira agora ao alcance de qualquer interessado – disponíveis no YouTube, por exemplo.

O médium Divaldo Pereira Franco, considerado por muitos o maior nome do espiritismo depois de Chico Xavier, costuma dividir o movimento espírita brasileiro entre antes e depois do *Pinga-Fogo* de 1971. “O programa foi o momento culminante na história da divulgação do espiritismo no Brasil”, disse à época do lançamento das gravações restauradas do programa. E não há exageros em tal afirmação. O próprio Chico Xavier, encerrado o *Pinga-Fogo* natalino, agradeceu à equipe da TV

Tupi por ajudar o movimento. “Obrigado pelo serviço que vocês prestaram ao espiritismo. Esse programa está ajudando a desmistificar. Muitas pessoas que não sabiam o que era o espiritismo agora vão ter mais cuidado ao falar do nosso trabalho e da nossa doutrina”, disse a Saulo Gomes e a outros envolvidos no projeto.

As oito horas de entrevista com Chico Xavier rodaram o país e serviram para tirar o espiritismo do balaio de gatos em que a doutrina se encontrava. Até então, ele era frequentemente chamado de “macumba”. Foi com base nas respostas do médium que os brasileiros puderam compreender melhor os pilares da crença espírita – em especial a caridade – para rever certos preconceitos. Além disso, Chico deu aos adeptos do espiritismo um impulso para vencer a discriminação, ajudando crentes envergonhados a se assumirem frequentadores dos centros espíritas.

As entrevistas no *Pinga-Fogo* fizeram de Chico Xavier celebridade nacional. O médium transformaria o Brasil na maior nação espírita do mundo com um trabalho incansável, iniciado ainda jovem e mantido até o fim da vida. E é a fascinante jornada desse fenômeno que você vai conhecer nos próximos capítulos, começando pela infância desse estranho menino que ouvia vozes do além.

2

O menino que ouvia vozes

Chico Xavier começou a conviver com supostos espíritos aos 4 anos. Após a morte da mãe, sofreu com a madrinha violenta, teve problemas na escola e ouviu que estava com "o diabo no corpo". Só aos 17 anos, ao conhecer um casal espírita, ele encontrou explicação para as vozes e aparições que o acompanhavam.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER nasceu em Pedro Leopoldo, vilarejo mineiro a cerca de 40 quilômetros de Belo Horizonte, no dia 2 de abril de 1910. Na época, o povoado se desenvolvia com empregos gerados por uma fábrica de tecidos e pela construção de uma ferrovia. A agropecuária era outro ramo importante da região. A família de Chico Xavier era grande e pobre. O pai, João Cândido Xavier, vendia bilhetes de loterias. A mãe, Maria João de Deus, era responsável pela criação dos nove filhos e ainda ajudava a sustentar a casa lavando roupas. Era agarrado à fé católica que o casal encontrava forças para superar as dificuldades. Na casa da família Xavier, os filhos aprendiam ainda pequenos a rezar e sabiam que ir à missa era a maior das obrigações.

E foi depois de uma missa que o pequeno Chico, aos 4 anos, assustou os pais com uma conversa estranhíssima. Enquanto preparava um café na cozinha de casa, Maria João de Deus escutava o marido falar sobre o aborto sofrido por uma vizinha. João Cândido fazia julgamentos levianos a respeito do caso quando foi interrompido pelo filho. Chico disse que o pai estava desinformado sobre o ocorrido e assegurou que a vizinha não era culpada pelo incidente. O garoto então esclareceu que o aborto tinha sido consequência de um "problema de nidação inadequada do ovo" (a fixação do óvulo fecundado no útero não ocorreu como deveria), que fez o bebê adquirir "posição ectópica" (fora da cavidade do útero). O casal ficou de boca aberta. Nidação? Ectópica? Que palavras esdrúxulas eram aquelas? Chico não soube explicar. Sob olhares espantados dos pais, ele falou que apenas tinha repetido a explicação ditada por uma voz. O episódio é apontado como a primeira manifestação de sua mediunidade.

A infância do menino que dizia ouvir vozes tomou rumo inesperado pouco tempo depois do episódio do aborto, quando a mãe ficou gravemente doente e não pôde mais cuidar dos filhos. Antes de morrer, vítima de problemas no coração, ela distribuiu as crianças entre amigos e parentes. Com apenas 5 anos de idade, Chico Xavier perdeu a mãe e foi morar com a sua madrinha, Rita de Cássia. Em vez de consolo, ele encontrou na mulher um vasto repertório de surras, torturas e humilhações. São muitos os relatos dos abusos sofridos nesse período, contados pelo próprio médium ao longo dos anos. Certa vez, Rita cravou um garfo na barriga de Chico, que ficou com um ferimento aberto no corpo por vários dias. Em outra ocasião, ela obrigou o garoto a lamber uma ferida na perna de um primo como parte de

uma simpatia. Chico também passou muitas refeições sem comida. As agressões com vara de marmelo eram quase diárias.

Chico só encontrava sossego quando conversava com o espírito da mãe morta. Quando era maltratado, ele corria para o quintal da casa da madrinha e, próximo das árvores, rezava até sentir a presença materna. O médium disse que foram os valiosos conselhos de Maria João de Deus que o ajudaram a suportar os castigos sem reagir, o que poderia piorar a situação. Esses momentos de isolamento no jardim, no entanto, quando conversava solitariamente, fizeram a madrinha acusar Chico de ter "o diabo no corpo", outro trauma psicológico que a criança teve de suportar. Foram mais de dois anos de sofrimento até Chico Xavier voltar para casa. Depois que João Cândido casou novamente, sua segunda mulher, Cidália Batista, fez questão de reunir os filhos do primeiro casamento que estavam espalhados pela região. Quando percebeu que o garotinho de 7 anos estava machucado, com marcas de garfadas, vergões e arranhões no corpo, a madrasta prometeu a Chico que cuidaria bem dele. E cuidou.

Cidália queria ver todas as crianças matriculadas no colégio, mas a situação financeira da família não ajudava. O dinheiro arrecadado por João Cândido com a venda de bilhetes de loteria era praticamente todo gosto para alimentar a família. Não sobrava nada para comprar material escolar. A madrasta teve então a ideia de fazer uma horta no quintal de casa e pediu a Chico para vender as verduras pelas ruas. O dinheiro das vendas seria usado para comprar lápis, cadernos e livros. Poucas semanas depois de ajudar a madrasta a adubar a terra, semear e regar as plantas, o menino saiu de casa com uma cesta cheia oferecendo legumes e hortaliças nas casas de Pedro Leopoldo. Em janeiro de 1919, com 8 anos, Chico Xavier entrou na escola pela primeira vez. No mesmo ano, conseguiu o seu primeiro emprego fixo, na fábrica de tecidos da cidade.

O pai e a madrasta viviam preocupados com a criança. Apesar de estudar e trabalhar, o que tomava quase todo o seu tempo, Chico continuava a falar sozinho. Jurava que tinha conversas com o espírito da mãe, e também com vários outros que apareciam diante dele. À noite, o menino acordava e zanzava pela casa falando com figuras que ninguém mais via. A madrasta Cidália era compreensiva e tentava entender o que estava acontecendo com a criança. Sempre dizia a Chico que acreditava nas aparições. Até encomendava alguns conselhos dos mortos. O pai, no entanto, parecia cada vez mais convicto de que Chico estava possuído pelo demônio ou

simplesmente louco. O homem ficava horrorizado com os relatos que o filho fazia no café da manhã sobre as entidades que tinham aparecido na noite anterior. Muitas vezes, Chico dava ao pai notícias de parentes falecidos. Na esperança de não precisar mandar o pequeno Chico para um manicômio, João Cândido buscou antes a ajuda de um padre.

Acompanhado pelo pai até a porta da igreja, Chico Xavier seguiu sozinho até o confessionário. De joelhos, contou ao padre Sebastião Scarzelli que costumava ouvir conselhos da mãe falecida, que via e falava com entidades estranhas no meio da noite e que, a bem da verdade, escutava vozes falando com ele a todo instante. O padre recomendou muita reza e pediu que o menino carregasse uma pedra sobre a cabeça durante uma procissão em Pedro Leopoldo. Chico cumpriu a ordem do religioso, mas a situação não mudou. O padre sugeriu então que João Cândido afastasse o filho de livros, revistas e jornais. Segundo ele, esses materiais poderiam estimular a imaginação fértil do garoto. Outra vez nada disso funcionou. Como última alternativa, o padre decidiu ser rigoroso. Disse a Chico que não era a mãe morta que aparecia para ele, mas o demônio. O menino caiu no choro.

Na escola, o comportamento de Chico também causava problemas. Gozações e agressões eram comuns cada vez que o garoto falava de suas estranhas companhias. As polêmicas em torno do “menino que falava com os mortos” ganharam mais força depois que uma redação escrita por ele recebeu menção honrosa em um concurso promovido pelo governo de Minas Gerais para festejar os cem anos da independência do país. No dia em que escrevia o texto, em sala de aula, Chico disse que tinha ao seu lado um homem ditando o que deveria escrever. Ele contou o que estava acontecendo para a professora, que pediu para ele continuar o trabalho. O destaque para seu texto diante de milhares de outros inscritos fez com que alguns alunos passassem a acreditar no garoto. Para outros, o colega tinha mesmo era algum talento literário. A maioria, no entanto, afirmava que Chico havia trapaceado, copiando a redação de algum livro.

Não era incomum Chico escrever ou falar nas aulas palavras complicadas para um garoto. Muitas vezes ele surpreendia os professores com termos científicos, frases bem elaboradas e mensagens poéticas – recursos que não eram comuns a crianças da sua idade. Foi um bom aluno, tendo repetido a quarta série não por falta de estudo, mas por problemas de saúde. A poeira do algodão que respirava diariamente na fábrica de tecidos prejudicou seu sistema respiratório. Em 1923, na mesma época em que concluiu o ensino

primário, Chico seguiu o conselho de um médico e mudou de emprego para não agravar a situação de seus pulmões.

Nos anos seguintes, a imagem da mãe deixou de aparecer. Ainda assim, Chico seguiu atormentado por vozes e assombrações de todos os tipos. Sentindo que estava sendo perseguido por um desses fantasmas, ele procurou por conta própria ajuda do padre Scarzelli. O religioso mais uma vez recomendou reza para combater as visões, remédio que não teve resultado. Depois que deixou o emprego na fábrica de tecidos, Chico foi trabalhar em um bar, onde cuidava da limpeza e auxiliava na cozinha. O salário era baixíssimo. A rotina, estafante. Em busca de mais dinheiro para ajudar o pai a cobrir as despesas de casa, ele aceitou trabalhar no armazém do padrinho José Felizardo Sobrinho, ex-marido da madrinha que o torturava na infância e que, por volta de 1925, já havia morrido. No novo emprego, Chico Xavier trabalhava desde o amanhecer até tarde da noite. Cortava linguiças, pesava cereais, servia cachaça para os clientes e arrumava os produtos na loja.

Apesar das rezas não funcionarem contra as aparições que ele seguia vendo, Chico continuava a frequentar a igreja como bom católico. Ia a missas com a família, confessava seus pecados regularmente e acompanhava as procissões que agitavam o vilarejo. Chico não tinha namorada, mas nas raras horas de folga escrevia cartas de amor. Não para encantar alguma garota por quem estivesse apaixonado, mas para que os amigos presenteassem suas amadas. Era um rapaz talentoso para as palavras. No mais, o jovem continuava em busca de uma explicação para as vozes e vultos que o acompanhavam.

A vida de Chico Xavier mudou definitivamente em maio de 1927, quando uma de suas irmãs, Maria da Conceição Xavier, ficou doente. No quarto de casa, com os olhos arregalados, suando frio, a moça se contorcia na cama. Volta e meia gritava palavrões e proferia frases absurdas, muitas vezes incompreensíveis. Os médicos que avaliaram a paciente não souberam dizer do que se tratava. As orações dos familiares também não estavam ajudando. Apavorado, o pai João Cândido viajou mais de 100 quilômetros até uma fazenda no interior de Curvelo (MG), onde pediu ajuda para um casal de amigos espíritas, José Hermínio Perácio e Carmen Pena Perácio. Quando a dupla entrou na casa da família Xavier e viu o transtorno da menina, não teve dúvidas: Maria da Conceição estava sob influência de um espírito obsessor, dedicado a causar transtornos em sua vida.

Carmen disse que sabia muito bem com o que estava lidando. Garantiu que ela própria tinha sofrido do mesmo problema anos antes. Depois de ser tratada de acordo com os preceitos espíritas, estava curada. De quebra, a experiência vivida fez a mulher desenvolver suas habilidades mediúnicas. Agora ela podia ajudar outras pessoas em apuros. A irmã de Chico era uma delas. Os amigos espíritas de João Cândido iniciaram o tratamento com uma série de passes e rezas. Queriam que a alma maligna que atormentava a garota fosse embora o mais depressa possível. Chico Xavier acompanhou todo o ritual de perto. Mesmo sendo um rapaz católico, ele logo percebeu na lógica espírita uma explicação plausível para as vozes e aparições que o acompanhavam desde criança. Desejou saber mais sobre a doutrina.

Assim que teve oportunidade, Chico falou de suas experiências aos amigos do pai. Ouviu pela primeira vez alguns dos ensinamentos espíritas sobre o mundo dos desencarnados, sobre a possibilidade de comunicação entre vivos e mortos e sobre o dom da mediunidade. Para ele, tudo aquilo fazia bastante sentido. Na mesma noite em que viu a irmã mais calma com a terapia que o casal tinha promovido, Chico foi apresentado ao *Livro dos Espíritos* e ao *Evangelho Segundo o Espiritismo*, obras fundamentais da doutrina de Allan Kardec, de quem nunca tinha ouvido falar até então. Nessa mesma noite, a médium amiga da família psicografou uma mensagem atribuída ao espírito de Maria João de Deus, mãe de Chico. “Os livros à nossa frente são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra com seus deveres e, em breve, a bondade divina nos permitirá mostrar a você seus novos caminhos”, teria recomendado ao filho. Na manhã seguinte, a irmã doente embarcou com o casal para uma temporada na fazenda em Curvelo, onde seguiu com o tratamento por mais algumas semanas. Chico ficou em Pedro Leopoldo, já certo de que havia encontrado um novo caminho a seguir.

Depois desse episódio, o espiritismo passou a fazer parte da vida de Chico, à época com 17 anos. Nas horas de folga, ele estudava os livros de Kardec. No trabalho, debatia pontos da doutrina com qualquer freguês disposto a falar do assunto. Em 21 de junho de 1927, Chico, junto do irmão José Xavier, do chefe e padrinho José Felizardo Sobrinho e de mais meia dúzia de interessados no tema, fundou o centro espírita Luiz Gonzaga, o primeiro da cidade. O grupo decidiu realizar as sessões nas noites de segunda e sexta-feira. No mês seguinte, quando a irmã voltou para casa curada, o casal José Hermínio Perácio e Carmen Pena Perácio decidiu fixar

residência em Pedro Leopoldo para ajudar a desenvolver o trabalho espiritual do centro que havia sido criado.

Em reunião realizada na noite de 8 de julho de 1927, a médium Carmen ouviu uma voz pedindo que Chico Xavier tomasse um lápis nas mãos. O rapaz obedeceu de imediato. Depois, entrou numa espécie de transe antes de preencher 17 páginas em grande velocidade. “Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos”, contou Chico anos mais tarde. “Ao passo que o mensageiro escrevia as 17 páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração. As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembleia de entidades amigas me fitava com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajava em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer”.

Foi a primeira experiência de psicografia de Chico, que nas décadas seguintes escreveria sem parar mensagens supostamente ditadas por guias do plano espiritual. Depois de tantos anos desconfortável com fenômenos que não podia entender, Chico agora parecia convicto de que tinha um papel a exercer. Nas semanas seguintes, ele procurou pela última vez o padre Sebastião Scarzelli para contar a série de episódios que tinha provocado uma reviravolta em sua vida. Pediu ao religioso, por quem tinha grande carinho, que o abençoasse. Depois nunca mais voltou a vê-lo. Chico era agora espírita. Um médium em início de carreira.

Os primeiros anos de trabalho do grupo espírita de Pedro Leopoldo foram pouco animadores. As sessões frustravam alguns dos frequentadores, que inicialmente iam às reuniões na esperança de ouvir, ver ou incorporar espíritos. Nem todos estavam realmente interessados em conhecer a doutrina kardecista, o que exigiria longas e aprofundadas leituras. As atividades, no entanto, não ficavam restritas a encontros caseiros com objetivo de contatar espíritos vivendo em outros planos. Aos sábados, Chico Xavier realizava “peregrinações” até os redutos mais miseráveis da cidade, onde distribuía pães a pessoas famintas e ajudava os necessitados da maneira que fosse possível. Ações de caridade que futuramente se tornariam marca importante do centro liderado pelo médium mineiro. Além

disso, a assistência aos mais pobres era uma forma nobre de rebater a onda de comentários maldosos que circularam pela comunidade católica, que via com ressalvas os poderes mediúnicos do jovem morador.

Entre 1927 e 1931, Chico disse ter estabelecido contato com diversas entidades espirituais. A mãe, dona Maria João de Deus, falecida em 1915, estaria sempre ao seu lado, responsável por inúmeros conselhos que orientavam a conduta pessoal do filho. Foi ela, por exemplo, que teria ensinado o médium a ignorar as fofocas. O espírito do médico Bezerra de Menezes, maior nome do espiritismo brasileiro no século 19, seria o responsável pelas receitas homeopáticas que Chico ditava aos doentes. Conforme o médium, muitas outras figuras surgiam diante de situações mais complicadas, como em casos de obsessão, quando era preciso convencer espíritos malignos a pararem de perseguir insistentemente os humanos. Nesses quatro anos iniciais de mediunidade, Chico também contou ter recebido do mundo dos mortos centenas de mensagens que colocou no papel. Os escritos, no entanto, seriam meros exercícios de aprendizagem que serviram para desenvolver seus dotes psicográficos. Mais tarde, segundo ele, os textos acabaram inutilizados por ordem dos benfeitores espirituais.

A partir de 1931, porém, uma entidade em especial passa a orientar a carreira de Chico Xavier para toda a vida: Emmanuel.

3

Poetas do além-túmulo

Chico Xavier começou a ter destaque na imprensa brasileira quando publicou o seu primeiro livro, Parnaso de Além-Túmulo*, de 1932, uma coletânea de poemas atribuídos a autores já mortos. E a Justiça viu-se num dilema: as famílias dos escritores deveriam ou não receber direitos autorais pelos textos psicografados?*

NOS FINAIS DE TARDE, Chico Xavier costumava frequentar o Açude do Capão, um local nos arredores de Pedro Leopoldo. O médium passeava pela área para meditar e orar na sombra das árvores. Numa tarde de 1931, Chico contou que viu a figura de um homem simpático, que vestia túnica sacerdotal e que estava rodeado por fortes raios luminosos. Os dois passaram a conversar, e o espírito disse que se chamava Emmanuel.

A figura da roupa brilhante perguntou se Chico estava disposto a colaborar com a difusão da filosofia espiritualista. Emmanuel (pronuncia-se "Emmânuel") garantiu que o jovem seria amparado por bons espíritos, mas, caso aceitasse a missão, teria de demonstrar disciplina para dar conta de uma missão ousada: psicografar 30 livros enviados do plano espiritual. Segundo a história que Chico repetiu incontáveis vezes ao longo da vida, foi assim que ele começou a conviver com o seu guia.

Livros e entrevistas de Chico Xavier – e de outros autores espíritas – indicam quem Emmanuel teria sido em algumas das suas encarnações. O espírito que guiou o médium mineiro até seus últimos dias de vida teria vindo à Terra como um senador romano chamado Publius Lentulus Cornelius, que teria lutado contra a corrupção em Roma, encontrado Jesus Cristo pessoalmente e morrido vítima do vulcão Vesúvio, no ano de 79 (tal figura, apontam os historiadores, jamais existiu).

Seja como for, Emmanuel teria voltado ao mundo dos vivos um pouco mais tarde, no ano de 131, como um escravo de origem judaica, preso e condenado à morte por ser fiel a Jesus. Mas a sua passagem mais ilustre pelo planeta teria sido como Manuel da Nóbrega, o padre português responsável pela catequização de indígenas brasileiros, também fundador da cidade de São Paulo. Teria sido nessa encarnação que o orientador de Chico ficou apaixonado pelas terras tupiniquins. Em sua última temporada na Terra, Emmanuel teria sido Padre Amaro, humilde religioso que viveu no Pará entre os séculos 19 e 20, tendo contato com o expoente espírita Bezerra de Menezes quando esteve no Rio de Janeiro.

Chico, enfim, partiu para a missão de produzir 30 livros. Mas teve de superar uma série de graves problemas antes de iniciar a tarefa. Em dezembro de 1931, o médium sentiu um desconforto no olho esquerdo, como se grãos de areia arranhassem o globo ocular a cada movimento. Ao consultar um especialista em Belo Horizonte, foi diagnosticado com uma catarata obscura e inoperável. Aos 21 anos, ele estava praticamente cego de um olho, com risco de perder a visão também do outro. O tratamento era

doloroso: injeções de corticoide diretamente no local afetado, as quais provocavam incômodas hemorragias. Outro obstáculo era encontrar tempo para psicografar. A madrasta Cidália Batista tinha morrido meses antes. Chico prometeu a ela cuidar dos irmãos e ajudar o pai a sustentar a casa, o que ocupava seu dia por inteiro. "Fiquei com 14 crianças, irmãos menores e sobrinhos. Não conseguia assumir o compromisso [de psicografar] porque os problemas domésticos eram muitos", relembrou Chico Xavier décadas mais tarde.

Diante das dificuldades, o médium se viu na companhia de um Emmanuel implacável. Chico disse que o espírito não aceitou seu repouso de dois dias enquanto tratava os ferimentos no olho esquerdo. O médium contou que, nesse dia, Emmanuel perguntou por que Chico não estava escrevendo. Quando alegou que o olho estava doente, ouviu de seu orientador uma lição dura: "E o outro, o que está fazendo? Ter dois olhos é um luxo". São inúmeros os relatos de Chico que revelam um guia rígido, cujo papel principal não era oferecer consolo, mas cobrar disciplina para que as obrigações espirituais fossem cumpridas. Depois que um impactante caso de obsessão – irmãs que reagiam violentamente diante dos frequentadores do centro espírita – provocou uma debandada de adeptos, Chico sentou muitas noites sozinho à mesa para realizar sessões. Tinha recebido uma ordem de Emmanuel para manter as leituras religiosas, fundamentais não só para os vivos, mas também para os mortos ali presentes. Quando o médium cogitava desistir de sua missão, o guia, segundo Chico, se enfurecia.

No início dos anos 1930, Chico Xavier ainda era um médium desconhecido de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, sem grandes conexões com líderes do movimento espírita do Rio de Janeiro e de São Paulo. Essa situação mudou assim que o médium começou a psicografar poemas supostamente enviados de outro plano por escritores já falecidos, o que despertou interesse da cúpula da Federação Espírita Brasileira. O grande salto na carreira de Chico foi dado com a publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, seu primeiro livro, em julho de 1932. A obra era uma coletânea de 60 poemas atribuídos a 14 autores mortos – nove brasileiros, quatro portugueses e um anônimo. Entre eles estavam nomes famosos como Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Cruz e Sousa, Olavo Bilac, Castro Alves e Artur Azevedo. A temática da antologia girava em torno das visões dos poetas sobre como era a vida após a morte. Responsável pela publicação, Manuel Quintão, à época presidente da

federação, logo tratou de defender a veracidade dos poemas psicografados pelo “rapaz de 21 anos, um quase adolescente”, dizendo no prefácio que nem mesmo o mais intelectual dos literatos era capaz de imitar tal produção.

Na abertura do livro, Chico se apresentou aos leitores. Esclareceu que estudou apenas até o fim do curso primário, tendo aprendido no período não mais que alguns “rudimentos de aritmética, história e vernáculo”. Ele garantiu que nunca invocou os espíritos dos poetas famosos, tendo recebido a série de poesias “a contragosto”, sem ter feito qualquer esforço intelectual. O médium explicou que, ao colocar os escritos no papel, sentia a sua mão impulsionada por outra. Outras vezes copiava os textos de livros “fantasmagóricos”, que só existiam no além. Também escrevia versos ditados ao seu ouvido. Afirmou que fluidos elétricos e vibrações indefiníveis invadiam seu corpo. “Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o meu corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. É o que eu experimento fisicamente quanto ao fenômeno que se produz comigo”, escreveu. O médium fazia questão de deixar claro que não era autor dos poemas, apenas um intermediário. Para mostrar que não escrevia em busca de dinheiro, seguindo os princípios da mediunidade gratuita, Chico abriu mão dos direitos do livro, oferecendo tudo à federação espírita para financiar ações sociais e o trabalho de divulgação da doutrina.

Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras, falou sobre o trabalho de Chico em dois artigos publicados pelo *Diário Carioca* logo após o lançamento. “Os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e expressão que os identificavam neste planeta. O gosto é o mesmo e o verbo obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical”, escreveu. Depois de apontar semelhanças entre os originais e as psicografias, o escritor foi taxativo: *Parnaso de Além-Túmulo* merecia a atenção dos estudiosos, para se descobrir o que há nele de “sobrenatural ou de mistificação”.

Parnaso foi uma publicação ousada – talvez a mais ousada entre os mais de 400 livros que Chico Xavier viria a publicar em quase 70 anos de carreira. No entanto, o debate em torno da obra explodiu mesmo em 1935, após a chegada da segunda edição, quase três vezes maior, com 173 poemas atribuídos a 32 autores falecidos. Entre eles estava o próprio Humberto de Campos, que tinha morrido em dezembro do ano anterior. A polêmica dessa

vez foi enorme. Pela primeira vez, o nome do médium mineiro surgia nos jornais mais importantes do Brasil, em meio a debates acalorados. Cada um dos poemas foi incessantemente examinado pelos críticos, sempre ávidos em encontrar indícios de plágio, de fraude. Esse objetivo, no entanto, logo se mostrou complicado. Críticos ortodoxos, que consideravam a ideia da sobrevivência do espírito um delírio religioso, classificaram a obra como pastiche, mera cópia do estilo literário dos autores. Para eles, Chico Xavier não passava de um imitador exímio do conteúdo e da forma dos falecidos. Mas como provar isso?

O caso do médium que psicografava escritores mortos despertou interesse de jornalistas. Em maio de 1935, o repórter Clementino de Alencar, do jornal *O Globo*, viajou até Pedro Leopoldo no intuito de desmascarar Chico. O jornalista acompanhou por mais de um mês o trabalho do jovem mineiro e realizou várias entrevistas com moradores da cidade, espíritas ou não. Também remexeu em arquivos de mensagens manuscritas por Chico e participou das sessões realizadas no centro Luiz Gonzaga. Na primeira delas, viu o jovem médium escrever com desenvoltura – de trás para frente – uma mensagem em inglês. Viu surgir em folhas de papel dois poemas atribuídos ao espírito de Olavo Bilac e outro a Augusto dos Anjos. Desconfiado, o repórter testou Chico Xavier com perguntas difíceis sobre sistema monetário. As respostas vieram em longos e elaborados textos assinados por economistas mortos. Nas prateleiras da casa onde Chico morava com os irmãos, não havia livros dos escritores e poetas presentes em *Parnaso*. A cidade de Chico sequer contava com biblioteca.

As impressões de Clementino de Alencar foram publicadas semanalmente no jornal, de modo que os leitores puderam acompanhar passo a passo as investigações. No final da série de reportagens, o jornalista descartava a hipótese de charlatanismo. “Torna-se cada vez mais remota a ideia de fraude grosseira que tenha porventura surgido com as primeiras notícias relativas ao jovem médium de Pedro Leopoldo”, afirmou. Para Chico, o material produzido pelo jornal *O Globo*, com grande circulação em todas as regiões do país, serviu como defesa e também como divulgação.

Outros interessados no caso também viram suas crenças abaladas diante das habilidades do médium de Pedro Leopoldo. Nos anos seguintes, a polêmica sobre *Parnaso* seguiu ganhando páginas dos jornais. Em 1939, Agripino Grieco, crítico literário conhecido daqueles tempos, acompanhou uma sessão de psicografia realizada na sede da federação espírita em Belo

Horizonte. Ficou surpreso com o que viu. “Como crítico literário, não pude deixar de impressionar-me com o que realmente existe do pensamento daqueles dois autores”, disse em entrevista ao *Diário da Tarde*, ao analisar os escritos atribuídos a Augusto dos Anjos e Humberto de Campos. No jornal *Correio do Povo*, em 1941, o poeta gaúcho Zeferino Brasil – que, depois de morto, também teria poemas escritos pelas mãos de Chico – concluiu: “Ou as poesias em apreço são de fato dos autores citados e foram realmente transmitidas do Além ao médium que as psicografou, ou o Sr. Francisco Xavier é um poeta extraordinário, genial mesmo, capaz de produzir e imitar assombrosamente os maiores gênios da poesia universal”.

O jornalista e escritor Mário Donato, em artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1944, estava convencido que não era Chico quem escrevia os poemas. Na falta de explicações científicas sobre a psicografia, decidiu colocar tudo na conta do milagre. “É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo. Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras”, escreveu. Melo Teixeira, psiquiatra e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, que conhecia Chico pessoalmente, não acreditava na tese de pastiche. “Fazê-lo, como Chico Xavier o costuma, de improviso, numa elaboração e redação instantâneas, sem segundos sequer de meditação para coordenar ideias, passando em sucessão ininterrupta da prosa ao verso, da página de ficção para a de filosofia, ou moral (...) é alguma coisa de inexplicável, que não está ao alcance de qualquer imitador de estilos ou amadores de contrafação literária”, escreveu no *Diário da Tarde*, jornal mineiro, também em 1944. Para Teixeira, para fazer um pastiche digno, seria preciso dedicação exclusiva, edições constantes, além de mil e um retoques.

Os vários anos de debates em torno de *Parnaso* fizeram Chico Xavier famoso. Foi devido aos relatos sobre as assombrosas capacidades mediúnicas do mineiro que as primeiras caravanas do Rio e de São Paulo começaram a chegar a Pedro Leopoldo, enchendo as sessões antes vazias no centro espírita Luiz Gonzaga. Em muitas noites, mais de 300 pessoas eram atendidas. Chico indicava aos doentes as homeopatias que garantia terem sido receitadas na hora pelo espírito do médico Bezerra de Menezes, o ícone do espiritismo brasileiro do século 19, falecido em 1900. Chico Xavier psicografava centenas de mensagens, segundo ele, enviadas por mortos para consolar os familiares. O médium pedia aos visitantes que

fizessem trabalhos de caridade. E difundia o credo espírita por meio dos livros que indicava aos interessados.

Chico, porém, só conseguiu alcançar a disciplina exigida pelo guia Emmanuel quando o emprego no armazém de José Felizardo ficou pela bola sete. O dono do mercado havia sofrido uma trombose no cérebro, e a doença afetou as finanças do empório. Com o salário sofrendo baixas, Chico teve de procurar alternativas de sustento e encontrou a vaga temporária na Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, na chamada Fazenda Modelo. O armazém de José Felizardo acabou falindo no segundo semestre de 1935. Rômulo, o administrador da Fazenda Modelo, era espírita praticante e frequentava o centro Luiz Gonzaga. Com a falência do mercadinho, agarrou a oportunidade de contratar Chico, que virou datilógrafo do governo. O médium passava os dias escrevendo relatórios sobre cavalos e bois no novo emprego. Rômulo era um chefe disciplinador que estava interessado no trabalho do médium dentro e fora da repartição. Tanto que passou a convocar Chico para as sessões espíritas que ocorriam na sua casa todas as quartas-feiras à noite. Além disso, ele organizou uma sala na própria residência onde o médium cumpria um terceiro turno, psicografando os livros ditados do além.

Com o ambiente propício para a concentração, novas edições de *Parnaso* surgiram com mais poemas inéditos. Alguns dos textos já publicados foram revisados e até mesmo retirados da obra por orientação, segundo o médium, de espíritos que atuavam como editores. O principal deles era Emmanuel, a quem Chico dizia recorrer quando tinha dificuldade para entender mensagens ditadas por autores mortos, recebendo do seu guia instruções que o ajudavam a desenvolver seu talento. A sexta e definitiva versão de *Parnaso de Além-Túmulo* só seria publicada em 1955, contendo 259 poemas de 56 autores diferentes.

As semelhanças com o tipo de linguagem dos supostos autores surpreendem. Um desses casos é o do poeta Augusto dos Anjos. Filho de família de proprietários de engenhos, ele nasceu no Engenho Pau d'Arco, na Paraíba, em 1884. Formado em Direito, nunca exerceu a profissão. Morando no Rio de Janeiro, começou a se dedicar às faculdades de português e geografia. Em vida, só publicou um livro, intitulado *Eu*, em 1914, misturando características do parnasianismo e do simbolismo. Morreu de pneumonia logo depois, aos 30 anos. Nos textos atribuídos ao falecido, Chico Xavier reproduz, tal como Augusto dos Anjos, os versos

com dez sílabas poéticas, as aliterações (repetição de fonemas) e coliterações (repetição de fonemas de um mesmo grupo fonético). Também introduz comparações a partir de apostos ou vocativos, entre outros detalhes observados pelos especialistas.

Vozes de uma Sombra
AUGUSTO DOS ANJOS, por Chico Xavier

Donde venho? Das eras remotíssimas,
Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas matérias.
Venho dos invisíveis protozoários,
Da confusão dos seres embrionários,
Das células primevas, das bactérias.

Angústia Materna
AUGUSTO DOS ANJOS, em vida

Disse-lhe a Lua - "Eu sei do encanto,
Dum filho amado que a gente tem;
E das ausências conheço o pranto,
Oh! se o conheço, conheço-o bem!..."

Outro destaque de *Parnaso* são os poemas atribuídos ao português Antero de Quental. Nascido em Ponta Delgada, em 1842, o escritor foi um dos poetas realistas mais famosos do seu país. Pertenceu à Geração de 70, um movimento acadêmico que queria renovar os ânimos intelectuais no século 19, da política à literatura. Antero escreveu poesia e ensaios filosóficos com influência de Hegel e do positivismo. Sofria com transtorno bipolar, sendo sua carreira marcada por uma mudança de visão: era no começo idealista e terminou pessimista. Deprimido, cometeu suicídio em 1891. Nas mãos de Chico, Quental voltou com sua poesia filosófica, conservando o mesmo tipo de acentuação e ainda o estilo de rimas, de adjetivo com substantivo. Os poemas fazem uso de *enjambements*, isto é, um encadeamento sintático entre versos. Analistas destacam ainda a repetição de termos, o predomínio de acentos na sexta e décima sílabas poéticas, bem como a angústia existencial como tema recorrente. No poema a seguir, porém, surge uma

característica comum à obra psicografada de Chico Xavier. O médium é bem mais religioso que seus autores mortos. Veja.

Deus
ANTERO DE QUENTAL, por Chico Xavier

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
Onde se agitam turbilhões de esferas,
Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?

Quem, senão ele fez a esfinge estranha
No segredo inviolável das moneras,
No coração dos homens e das feras,
No coração do mar e da montanha!

Deus!... somente o Eterno, o Impenetrável,
Poderia criar o imensurável
E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,
E que habita na eterna claridade
Das torrentes da Luz e da Harmonia!

À Morte
ANTERO DE QUENTAL, em vida

Ó Morte, eu te adorei, como se foras
O Fim da sinuosa e negra estrada,
Onde habitasse a eterna paz do Nada
As agonias desconsoladoras.

Eras tu a visão idolatrada
Que sorria na dor das minhas horas,
Visão de tristes faces cismadoras,
Nos crepes do Silêncio amortalhada.

Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,
Escorraçada no padecimento,

Batendo alucinado à tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,
Por onde penetrei no Sofrimento,
Numa senda mais triste e mais sombria.

Outro dos autores que Chico dizia receber era Cruz e Sousa, o principal poeta do simbolismo brasileiro. Nascido em 1861, em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, era filho de ex-escravos e cresceu sob a proteção dos antigos proprietários, que bancaram sua educação. Sofreu a vida inteira preconceito por ser negro. Chegou a ser nomeado promotor, mas não pôde assumir a função por conta da cor da pele. Seus livros mais célebres foram *Missal* e *Broquéis*, que o consagraram como fundador do simbolismo brasileiro, com poesias musicais, pessimistas, cheias de metáfora e com linguagem rebuscada. Casou-se e teve quatro filhos, que morreram todos de tuberculose, doença que também levou o poeta, aos 36 anos. Os textos publicados por Chico mantêm o tom religioso e a ideia de sofrimento redentor que marcam a última fase da carreira de Cruz e Sousa. Neles a morte segue como tema recorrente, bem como a preocupação com as pessoas desassistidas e marginalizadas. Os especialistas apontam ainda as semelhanças nos versos musicais, os sonetos líricos com foco na subjetividade, a linguagem rebuscada e a sinestesia, recurso que associa dois ou mais sentidos.

Glória Victis
CRUZ E SOUSA, por Chico Xavier

Glória a todas as almas obscuras
Que caíram exânimes na estrada,
Onde a pobre esperança abandonada
Morre chorando sob as desventuras.
Glória à pobre criatura desprezada,
Glória aos milhões de todas as criaturas,
Sob a noite das grandes amarguras,
Sem conhecer a luz de uma alvorada.

Tudo Vaidade
CRUZ E SOUSA, em vida

Na Terra a morte é o trágico resumo
De vanglórias, de orgulhos e de raças;
Tudo no mundo passa, como passas,
Entre as aluviões de cinza e fumo.

Todo o sonho carnal vaga sem rumo,
Só o diamante do espírito sem jaças
Fica indene de todas as desgraças,
De que a morte voraz faz seu consumo.

O escritor, jornalista e político maranhense Humberto de Campos, responsável por esquentar a polêmica em torno de *Parnaso*, nasceu na cidade de Miritiba, hoje chamada Humberto de Campos, em 1886. Fez sucesso com crônicas e entrou para a Academia Brasileira de Letras graças à sua produção poética, bastante valorizada na época. Como jornalista, escreveu para diversos jornais do país. Caiu nas graças do público ao escrever contos humorísticos sob o nome Conselheiro XX. A produção, no entanto, não agradou a crítica literária, que a considerou literatura rasa. O auge da popularidade veio pouco antes da morte, quando, gravemente enfermo, escreveu sobre si mesmo. Faleceu em 1934, aos 48 anos, como um dos escritores mais lidos do Brasil. Mas teria voltado à ativa pelas mãos do médium de Pedro Leopoldo, em crônicas semelhantes às escritas em vida. Textos que expõem um fato acontecido, fazem analogia a caso lendário, histórico ou literário, e que contêm uma conclusão em tom moralizante. Há nos textos atribuídos a Humberto o mesmo tom espontâneo, o humor e a malícia refinada. Também estão lá a erudição e o culto pela elegância, assim como o interesse pelo popular.

De Pé, os Mortos!
HUMBERTO DE CAMPOS, por Chico Xavier

Pede-me você uma palavra para o introito do "Parnaso de Além-Túmulo", que aparecerá brevemente em nova edição. A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos. Imagine se o aparelho visual do homem

fosse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos inverossímeis e inesperados. Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

Decerto, os que receberem novamente o "Parnaso de Além-Túmulo" dirão mais ou menos o que eu disse. Hão de estranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações. Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivéssemos algemados nos tormentos do Inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo, como se os nossos amargores daí não bastassem para nos inclinar à verdade compassiva.

[....] – De pé, os mortos! – exclama-se – porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.

A Defesa de Noé

HUMBERTO DE CAMPOS, em vida

(...) acusar-me de misticismo religioso é dar testemunho de que nada sabe nem da minha literatura nem da minha vida. Se há um espírito livre de superstições na atualidade literária do Brasil, esse é o meu. Apenas, por educação e por princípio, não tiro Deus ao coração de ninguém. Porque tenho o meu vazio, não me considero modelo de prudência e sabedoria. Sem um templo em que me prosterne, não me sinto no direito de incendiar os altares dos que têm fé. E se não sou filósofo, aprendi, pelo menos, com os que têm esse nome, a arte de suportar a vida e as dores que ela me trouxe, e de me não supor, entre os homens ignorantes, o portador do facho de Minerva.

Não sou, evidentemente, um espírito moderno, destinado a presidir à renovação do mundo. Sou antigo e contrarrevolucionário, porque não me ocupo senão da alma humana, cujas aspirações instintivas não variaram através dos séculos. (...)

Enquanto jornalistas, críticos literários, religiosos e intelectuais dissecavam os poemas de *Parnaso de Além-Túmulo*, Chico Xavier mantinha o foco nas psicografias. O livro de estreia, no fim das contas, era apenas o primeiro dos 30 que, segundo Chico, Emmanuel havia encomendado. O médium agora demonstrava interesse em escrever histórias como as psicografadas por uma médium pioneira chamada Zilda Gama. Chico era grande admirador do trabalho de Zilda. Depois de ler com entusiasmo uma novela atribuída ao espírito do poeta, romancista e dramaturgo francês Victor Hugo, ele queria ampliar seu leque de estilos. Além de poemas, de crônicas e de mensagens instrutoras, o mineiro queria receber do plano espiritual romances empolgantes como os que Zilda colocava no papel.

Nascida em 11 de março de 1878, no interior de Minas Gerais, Zilda Gama teve uma vida conturbada, assim como Chico. Aos 24 anos, com a morte dos pais, teve de cuidar de cinco irmãos e de cinco sobrinhos. Era uma professora dedicada, diretora da escola em que trabalhava. Certo dia, quando orava sozinha, disse ter percebido a presença de um espírito que a incentivava a escrever. Assim que pegou o lápis, teria colocado no papel uma mensagem do próprio pai, que a consolava e avisava que uma missão de grande importância estava reservada para ela. Era o início da sua carreira como médium psicógrafa.

Em 1912, aos 34 anos, Zilda escreveu seus primeiros textos assinados por Allan Kardec, falecido em 1869. Ela assinaria outros supostamente enviados pelo pai do espiritismo, mensagens compiladas no livro *Diário dos Invisíveis*, de 1929. Mas a grande empreitada de Zilda seria iniciada em 1916, quando ela contou ter sido avisada por seus orientadores que escreveria uma novela ditada por Victor Hugo, morto em 1885 e autor de *Os Miseráveis* e *O Corcunda de Notre-Dame*. O livro *Na Sombra e na Luz*, de 1917, se passa quase todo no século 19 e ganhou quatro obras como continuação: *Do Calvário ao Infinito*, *Redenção*, *Dor Suprema* e *Almas Crucificadas*. Cada obra narra uma encarnação dos personagens, mostrando a evolução de seres degenerados e sofredores. Essa série é considerada um dos maiores clássicos da literatura espírita. Em 1959, após sofrer um derrame cerebral, Zilda passaria a viver numa cadeira de rodas. A escritora morreu em janeiro de 1969, pouco antes de completar 91 anos.

O primeiro movimento de Chico Xavier na nova direção veio com a publicação do livro *Emmanuel*, em 1938, definido no subtítulo como

“dissertações mediúnicas sobre importantes questões que preocupam a humanidade”. A obra atribuída ao guia espiritual aborda o papel dos médiuns, esclarece pontos da doutrina espírita e busca delinear os ideais que devem nortear o ser humano ao longo da vida. A primeira parte trata das tradições religiosas e da evolução da fé no contexto histórico, falando da ascendência do Evangelho, das origens do cristianismo em Roma e do catolicismo na Europa moderna. A segunda metade trata de temas científicos e filosóficos à luz da teoria espírita, como a consciência humana, os animais no plano terrestre, a civilização ocidental, a saúde humana, o livre-arbítrio e o *modus operandi* dos espíritos.

Em 1939, Chico psicografou *A Caminho da Luz*, livro que faz um retrato da humanidade à luz do espiritismo. A história começa na criação do Universo e avança no tempo para falar de egípcios, hindus, israelitas, chineses, gregos e romanos. O escritor aborda períodos importantes da história, como as Cruzadas na Idade Média, a Revolução Francesa e o descobrimento da América. Personagens de destaque na história são apontados como enviados de Deus, caso de Sócrates e Platão, além das figuras-chave das grandes religiões: Abraão, Moisés, Confúcio, Buda, Jesus, Maomé e Allan Kardec.

Primeiro romance épico de uma série de cinco volumes, *Há Dois Mil Anos*, de 1940, narra o nascimento do cristianismo a partir da figura do próprio Emmanuel. Como já dissemos, o espírito teria sido, em uma de suas encarnações, um senador da Roma antiga chamado Publius Lentulus Cornelius. O político, segundo a obra de Chico, fora enviado pelo imperador para a Palestina a fim de fiscalizar Pôncio Pilatos, acusado de corrupção, exatamente na mesma época em que Jesus pregava entre os judeus. Na parte mais empolgante do romance, o senador encontra Jesus. Lentulus, porém, teria sido orgulhoso e não dado muita bola para o filho de Deus. Depois, se arrependeu e passou a pregar o cristianismo para se redimir.

Outro romance de fundo histórico escrito pelas mãos de Chico (e assinado por Emmanuel) é *Paulo e Estêvão*, de 1941. O livro tem como protagonista o apóstolo Paulo e se passa em Jerusalém. A narrativa vai desde quando Paulo empreendeu perseguições a cristãos até o momento de sua conversão. Para todos os efeitos, o livro é o *Ato dos Apóstolos*, o quinto do *Novo Testamento*, reescrito pelo espiritismo. O Estevão do título é o espírito Santo Estevão, mártir do cristianismo, que ajuda o apóstolo Paulo ao

aparecer em sonhos. Em 1943, Chico publicou o livro *Renúncia*, que aborda períodos conturbados da história religiosa ocidental, como a criação da Inquisição, a reforma protestante, as perseguições promovidas pelos católicos e a atuação dos jesuítas pelo mundo.

Chico Xavier bateu a meta dos 30 livros encomendados por Emmanuel. Com folga. Entre os mais de 400 livros publicados pelo médium ao longo da carreira, quase 117 são atribuídos ao espírito. Chico nunca deixou de citar a presença e a influência de Emmanuel sempre que possível. Em 1998, já no final da vida, Chico afirmou que seu guia iria reencarnar na Terra por volta do ano 2000, vivendo no Estado de São Paulo.

Ao mesmo tempo em que os primeiros volumes atribuídos a Emmanuel eram publicados, Chico também lançou livros inteiramente assinados pelo espírito de Humberto de Campos, entre eles *Pátria do Evangelho*, de 1938, *Novas Mensagens*, de 1940, e *Boa Nova*, de 1941. Esses trabalhos, no entanto, geraram problemas para o médium e para a Federação Espírita Brasileira. A viúva do escritor, Catharina Vergolino de Campos, começou a solicitar à entidade os royalties sobre os títulos atribuídos ao marido falecido e colocou Chico novamente no centro de uma grande polêmica nacional. Os debates em torno das psicografias de Chico – principalmente em relação a poemas de autores famosos em *Parnaso* – ainda ganhavam espaço nos jornais da época, e o médium se viu no meio de duas frentes de batalha simultâneas na imprensa.

Em 1944, a viúva e os filhos do escritor entraram com um processo judicial. A família de Humberto de Campos queria que a Justiça decidisse se os livros psicografados por Chico Xavier eram mesmo de autoria de Humberto de Campos. Se a Justiça entendesse que os escritos eram fraudes, a viúva pedia o pagamento de indenização por perdas e danos, podendo Chico ser preso por falsidade ideológica. Caso a obra póstuma fosse considerada legítima, Catharina queria receber os direitos autorais. A opinião pública aguardava com grande expectativa a decisão do juiz João Frederico Mourão Russell. Isso porque a ação colocou a autoridade frente a um dilema inédito e peculiar. Se aceitasse a tese de fraude, talvez o médium mineiro acabasse preso. Se avaliasse os textos como verdadeiros, a Justiça brasileira aceitaria formalmente a existência de vida após a morte, dando a jurisprudência ao pagamento de direitos autorais por livros ditados do além.

Críticos literários e outros interessados analisaram a fundo outra vez os livros em questão. Houve divergência entre quem via embuste e quem

confiava na palavra de Chico. O médium, mesmo diante da possibilidade de ser preso, confirmou que tinha contato com o espírito de Humberto de Campos e com os demais autores que já havia psicografado.

No meio da polêmica, em 15 de julho de 1944, o próprio morto teria demonstrado o desconforto com a situação em carta psicografada por Chico Xavier:

Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da Justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do Direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida da sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto são elas executadas sem esquecimento de um til.

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos. Quero, porém, salientar, nesta resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante ação por perversidade ou má-fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afeto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao pai amigo, distanciado do mundo. Mas, que paisagem florida, em meio do mato inculto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? É por isto que não observo esse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão.

No fim de 1944, o juiz declarou que a viúva só tinha direito a receber dinheiro pelos livros que o marido havia publicado em vida. Com a decisão, a Justiça encontrava uma saída em que não era preciso julgar se as psicografias eram ou não verídicas. Chico estava livre para seguir seu trabalho.

A produção do médium era solitária – no plano físico, ao menos. Raramente era visto em confraternizações e não há registro de que tenha tido um namoro. Passava os dias no trabalho ou escrevendo. Não se sentia sozinho, pois vivia cercado de vozes. E, em meio à polêmica sobre os livros de Humberto de Campos, ele ganhou uma nova companhia. Chico relatou que um novo espírito começou a rondar suas sessões de psicografia ao lado do velho guia Emmanuel: André Luiz.

4

O mundo espiritual de Chico

Em Nosso Lar*, o médium descreveu em detalhes como seria a vida depois da morte. Com isso, formou toda uma nova geração de espíritas. E se tornou um dos maiores fenômenos editoriais do país.*

NO INÍCIO, ELE ERA DISCRETO. Apenas observava. Depois, passou a contar histórias e a conversar com Chico Xavier. O médium perguntou o nome do novo amigo, mas o espírito preferiu revelar apenas que havia vivido como um renomado médico do Rio de Janeiro na última encarnação. Se Chico fazia questão de usar um nome, podia chamá-lo pelo nome do seu irmão, André Luiz, que dormia no quarto ao lado. Pelo ponto de vista estritamente cético, o médium talvez tivesse um motivo jurídico para disfarçar a identidade do suposto espírito. Depois da polêmica com os textos atribuídos a Humberto de Campos, era mais prudente evitar a citação de pessoas famosas nos livros para afastar a possibilidade de novos processos.

E foi assim, de mansinho, que um espírito com o pseudônimo de André Luiz entrou na vida de Chico Xavier. O novo amigo espiritual, aliás, assistiu ao lado de Chico ao nascimento de um dos maiores best-sellers do espiritismo, *Paulo e Estêvão*. O romance, atribuído a Emmanuel e publicado em 1941, já teve 45 edições e mais de 600 mil cópias vendidas.

Emmanuel seria uma espécie de personal trainer do novo companheiro, uma entidade experiente capaz de ensinar o espírito a transmitir mensagens para o médium, habituando o novato às grandes empreitadas da psicografia. Era uma atividade intensa. Chico saía do trabalho na Fazenda Modelo às 17h15 e se dirigia à casa do patrão, Rômulo Joviano, onde uma mesa e uma máquina de escrever o esperavam no subsolo. Espírita praticante, Rômulo estimulava o talento de Chico. O médium passava as noites escrevendo a lápis em folhas de papel. De tanto em tanto, datilografava as palavras. Depois, apagava os rabiscos com borracha e continuava escrevendo no mesmo papel para economizar em material de escritório. Os livros vendiam muito, mas os royalties ficavam para a Federação Espírita Brasileira. Logo, Chico continuava sob uma vida espartana.

Aos poucos, de acordo com seus relatos, Chico Xavier começou a perceber que André Luiz era discreto, mas havia sido escolhido para uma missão nada tímida. Pelo contrário, sua aproximação, para Chico, tinha um objetivo grandioso: revelar a vida após a morte. A amizade entre médium e espírito teria sido costurada ao longo de dois anos, segundo Chico contou em carta endereçada a Antônio Wantuil de Freitas, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, em 12 de outubro de 1946: “(...) Emmanuel, desde fins de 1941, se dedica, afetuosamente, aos trabalhos de André Luiz. Por essa época, disse-me ele a propósito de ‘algumas autoridades

espirituais' que estavam desejosas de algo lançar em nosso meio, com objetivos de despertamento. Falou-me que projetavam trazer-nos páginas que nos dessem a conhecer aspectos da vida que nos esperam no 'outro lado', e, desde então, onde me concentrasse, via sempre aquele 'cavalheiro espiritual', que depois se revelou por André Luiz, ao lado de Emmanuel".

No dia 31 de março de 1943, Emmanuel anunciou, por meio de uma carta escrita por Chico, que um novo projeto literário estava nascendo: "Tenho envidado esforços para que um amigo venha trazer-vos pequena série de impressões da vida além-túmulo. Caso possamos conseguir a concessão de semelhante trabalho, vejo no empreendimento uma realização interessante e proveitosa", teria dito Emmanuel.

Dois dias depois, o mineiro começou a colocar no papel um relato diferente do habitual. Acostumado a relatar romances épicos e a escrever poesias, Chico passou a descrever um cenário sombrio.

Era a história da morte de André Luiz.

Na sua última encarnação, o espírito treinado por Emmanuel havia sido um médico ateu do Rio de Janeiro, casado e pai de três filhos. Teve câncer no intestino, foi internado, operado duas vezes e acabou morrendo no hospital.

Depois de se desprender do corpo, despertou numa paisagem horrível. Era um lugar úmido e escuro, no qual teve de caminhar por muito tempo. André Luiz sentia fome, chorava e sofria com as mesmas necessidades físicas do passado, embora agora vivesse em outra dimensão. Na sua interminável caminhada rumo ao desconhecido, comia folhas verdes e bebia uma água turva que surgia no seu caminho. No percurso, teve de se proteger das manadas de seres animalescos e insaciáveis que passavam em bando pela estrada. Maltrapilhos cruzavam seu caminho, como zumbis.

André Luiz estava passando uma temporada no Umbral, uma espécie de purgatório, ou seja, um lugar de passagem, não um depósito definitivo de pecadores. No universo descrito por André Luiz, o inferno espírita se chama Trevas, uma área ainda pior, onde entidades do mal se encontram. Apesar de horrível, o Umbral funciona como a área de embarque de um aeroporto: um lugar temporário onde há pouca comida, nenhum sono, muita correria e algum desespero. É lá que espíritos bons, mas ainda pouco evoluídos, aguardam um tipo de iluminação: o momento em que percebem seus erros na última encarnação e clamam por ajuda.

Aos poucos, André Luiz foi percebendo que vivia essa nova situação: espírito desencarnado em busca de redenção. Era uma existência recheada de dilemas inéditos. Enquanto esteve confinado em carne e osso, André Luiz teve uma vida mansa. Endinheirado, desfrutava de certo hedonismo: bebia e frequentava a boemia carioca. As figuras fúnebres pareciam conhecer seu passado e seus deslizes.

> *"Infame!" – gritos assim cercavam-se de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra.*

Conforme essa revelação ia se cristalizando, a força da culpa crescia em André Luiz. Ele estava aterrorizado pela iluminação. Enquanto convivia entre os monstros do Umbral, chegou a dizer que preferia não ter consciência nenhuma no post-mortem. Preferia morrer e encarar o nada por toda a eternidade do que se ver diante de tanta angústia. Perguntava a si mesmo se não estava louco, mas percebeu que tinha duas certezas: de que havia morrido mesmo e de que havia carregado para o outro lado da vida a consciência, os sentimentos e a cultura dos tempos em que possuía um corpo. A morte era parecida com a vida.

Mas, agora, depois de morto (ou desprendido do mundo físico, como preferir), percebia que não havia trabalhado em favor da humanidade – nem do próprio desenvolvimento espiritual. Não era um crápula. Praticou alguns gestos de caridade, até. Mas, na maior parte do tempo, fora um sujeito egoísta.

André Luiz passou anos caminhando nesse cenário estranho, em contínuo sofrimento. Diante do pesado drama que vivia no Umbral, o médico, que era ateu, passou a cogitar a existência de Deus. André Luiz implorou por algum sinal de ajuda vindo Dele. Depois de muita súplica, surgiu na sua frente um senhor sorridente que usava um cajado luminoso.

"Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara", disse o velho a André Luiz.

Ele se identificou como Clarêncio. Estava ladeado por dois acompanhantes, que socorreram o médico desencarnado. André Luiz foi

colocado numa maca e carregado. Clarêncio ordenou que seguissem rumo a Nosso Lar, um lugar desconhecido para André Luiz.

Depois de resgatar o médico desencarnado, os andarilhos se depararam com um grande muro revestido de trepadeiras floridas. Clarêncio e os ajudantes tatearam a muralha e encontraram uma abertura, por onde passaram. André Luiz foi deixado na frente de um grande prédio branco que parecia um hospital e recebeu auxílio de dois jovens que vestiam túnicas de linho, que o colocaram em um leito de emergência. Clarêncio deu uma ordem aos jovens:

"Guardem nosso tutelado no pavilhão da direita. Esperam agora por mim. Amanhã cedo voltarei a vê-lo."

André Luiz foi levado a um aposento amplo, com mobília luxuosa. Ainda atordoado com a jornada, perguntou a um dos auxiliares:

"Amigos, por quem sois, explicai-me em que novo mundo me encontro… De que estrela me vem, agora, esta luz confortadora e brilhante?"

"Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra, e o Sol que nos ilumina, neste momento, é o mesmo que nos vivificava o corpo físico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica. A estrela que o Senhor acendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que supomos quando no círculo carnal. Nosso Sol é a divina matriz da vida, e a claridade que irradia provém do Autor da Criação", respondeu um deles.

André Luiz foi alimentado com caldo e água fresca, que parecia enriquecida de fluidos divinos. Ele ouviu uma melodia entrando pelas janelas e achou a música linda. Era a trilha sonora de uma missa. Ainda fraco, André Luiz se dirigiu para a assembleia realizada em um enorme salão. Em destaque, um ancião coroado vestido com uma túnica branca e brilhosa parecia ser o centro das atenções. Ao redor dele, 72 figuras o acompanhavam em silêncio. Clarêncio era um deles. Todos oravam junto com o Governador, a figura que regia Nosso Lar. Era uma espécie de missa a distância, transmitida pela televisão, como ocorre hoje na TV aberta. Todas as residências de Nosso Lar oravam com o Governador por meio de audição e visão a distância.

Terminado o culto, André Luiz voltou para o quarto de hospital. Sentia-se melhor. A prece coletiva tinha transformado o médico desencarnado. Pela primeira vez, depois de anos de sofrimento, André Luiz sentia esperança no coração.

Esse é o enredo dos capítulos iniciais de *Nosso Lar*, o primeiro livro de Chico Xavier atribuído a André Luiz. Desde seu lançamento, em 1944, a Federação Espírita Brasileira já vendeu mais de 2 milhões de cópias em português – e a obra foi traduzida para, pelo menos, 15 idiomas. É um dos livros brasileiros mais bem-sucedidos em todos os tempos, responsável por catapultar a carreira literária de Chico Xavier para muito além dos círculos espíritas. Hoje, o médium rivaliza com Paulo Coelho como escritor brasileiro de maior sucesso comercial, com 50 milhões de livros vendidos. *Nosso Lar* inspirou a novela *A Viagem*, da Rede Tupi, que foi ao ar em 1975 – e depois readaptada pela Globo em 1994. A adaptação de *Nosso Lar* para a telona, de Wagner de Assis, estrelada por Paulo Goulart, levou 562 mil pessoas ao cinema apenas no primeiro final de semana em cartaz, em 2010. Foi a maior bilheteria de estreia desde o renascimento do cinema nacional, nos anos 1990.

Nosso Lar conta a história de superação de André Luiz, de como ele deixou uma mentalidade fútil e aceitou Deus e o caminho do aprimoramento espiritual, voltado para a caridade e o desapego. O livro é um esforço de evangelização. Mas não se trata de uma aula sobre o espiritismo – não há nada de acadêmico na obra. As lições são sutis, misturadas em meio às histórias de adaptação de André Luiz à nova rotina no além. Como um romance.

A jornada do espírito resume grande parte da filosofia organizada por Allan Kardec. Mas a biografia post-mortem de André Luiz não acertou apenas no discurso religioso. Até então, boa parte da literatura espírita do século 20 reunia recados dos mortos para os vivos ou contava como foram as vidas passadas dos espíritos – enredos situados na Terra, no mundo dos vivos. *Nosso Lar* não. É um livro saboroso, excita a imaginação. Um prato cheio para todo tipo de leitor – seja ele espírita ou não.

A cidade de *Nosso Lar*, de acordo com o relato de Chico e André Luiz, tinha 1 milhão de habitantes. Nós, humanos de carne e osso, não podemos enxergá-la, mas ela fica localizada exatamente 50 quilômetros acima do Rio de Janeiro. No mundo físico, a região é a fronteira da estratosfera, por onde voam os balões meteorológicos, com a mesosfera, por onde circulam meteoros. De acordo com o relato de Chico, é bem diferente. Essa área fica próxima ao Umbral.

A cidade de Nosso Lar foi fundada por portugueses que desencarnaram no Brasil no século 16. Os espíritos vivem uma vida similar à dos encarnados:

trabalham, comem, dormem, constroem – prédios, casas, ruas. Mas, embora Nosso Lar esteja localizada sobre o território brasileiro, sua organização lembra a de uma capital nórdica. É uma cidade planejada em formato de estrela de seis pontas, limpa, onde tudo funciona. Não existem obras inacabadas, congestionamentos ou viadutos construídos para desvio de verbas para campanhas eleitorais. Tem muralhas com baterias de proteção magnética, conjuntos habitacionais, praça central, fontes luminosas e parques arborizados. Música toca nas vias públicas.

Espíritos se reúnem em Nosso Lar para aprender e trabalhar entre uma encarnação e outra. A cidade é uma colônia espiritual. Espíritos elevados, como Clarêncio, percorrem regiões pouco evoluídas, tipo o Umbral, e buscam almas arrependidas com desejo de evolução. Quando encontram, carregam os desencarnados para Nosso Lar, onde existe ampla estrutura para o aprimoramento e a recuperação física. Mas como assim "recuperação física" se não existe mais corpo? Do ponto de vista espiritualista, cortes e tumores servem como uma analogia para a situação do espírito. Mas as lesões não são totalmente abstratas. Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos,* diz que a carne é somente um acessório do espírito – "um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada". Mas, depois da morte, a entidade segue possuindo um corpo semimaterial, o *perispírito*, que é o elemento que faz a conexão entre espírito e músculos e ossos. "Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos", escreveu Kardec. É por isso que André Luiz foi parar no hospital da colônia: ele chegou ao Nosso Lar com seu perispírito lesionado.

Embora Nosso Lar opere como um grande hospital e retiro espiritual, seus habitantes não ficam apenas cuidando da evolução da alma. Eles também precisam produzir. Oito horas por dia. Os trabalhadores se dividem na prestação de serviços para os seis ministérios que regem a vida na cidade: Regeneração, Auxílio, Comunicação, Esclarecimento, Elevação e União Divina. Além do proletariado, existe uma casta de burocratas que auxiliam o Governador, como é chamado o grande chefe local. Ao todo, são 72 ministros, 12 para cada órgão, e mais 3 mil funcionários. Não há desemprego.

De certa forma, Nosso Lar vive sob um regime de bem-estar social. Os trabalhadores ganham uma espécie de salário mínimo, além de pão e roupa, e quase todos os serviços são de graça. Quem se esforça mais ganha mais dinheiro, ou “bônus-hora”, a moeda local – mas ninguém pode trabalhar mais de 12 horas por dia, o que limita os lucros. Com bônus-hora, é possível comprar até uma casa. O dinheiro também serve para ganhar créditos para conviver com familiares ou amigos, desencarnados ou não.

E, sim, espíritos precisam comer. Mas as necessidades nutricionais dependem da evolução de cada um. Conforme o espírito abre mão do materialismo, também dispensa a comida. Água e luz bastam para as almas superiores.

Outro elemento que turbinou o interesse em *Nosso Lar* foi o aspecto futurista do livro. Não fosse uma obra essencialmente religiosa, poderia ter se tornado um clássico da ficção científica. Em 1944, o médium descreveu grandes telas semelhantes às TVs de plasma populares hoje em dia:

Todos os circunstantes, atentos, pareciam aguardar alguma coisa. Contendo a custo numerosas indagações que me esfervilhavam na mente, notei que ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso.

Chico escreveu também sobre um comunicador pessoal de voz e vídeo que se assemelha a um tablet, smartphone ou a um computador ligado ao Skype:

Após enlevar-me na contemplação do quadro prodigioso, como se estivesse bebendo a luz e a calma da noite, voltamos ao interior onde Lísias se aproximou de pequeno aparelho postado na sala, à maneira de nossos receptores radiofônicos. Aguçou-se-me a curiosidade. Que iríamos ouvir? Mensagens da Terra?
(...)

Ligado o receptor, suave melodia derramou-se no ambiente, embalando-nos em harmoniosa sonoridade, vendo-se no espelho da televisão a figura do locutor, no gabinete de trabalho. Daí a instantes, começou ele a falar:
(...)

Estabelecido o contato elétrico, o pequenino aparelho, sob meus olhos, começou a transmitir o recado, depois de alguns minutos de espera:
(...)

Os habitantes de Nosso Lar se deslocam dentro dos aerobus, a invenção mais famosa relatada no livro. Trata-se de um ônibus que flutua a cinco metros do chão.

Ao descer até nós, à maneira de um elevador terrestre, examinei-o com atenção. Não era uma máquina conhecida na Terra. Constituída de material muito flexível, tinha enorme comprimento, parecendo ligada a fios invisíveis, em virtude do grande número de antenas na tolda. Mais tarde, confirmei minhas suposições, visitando as grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte.

Para os seguidores do espiritismo, os relatos descritos no livro funcionam como revelações objetivas sobre como funciona o mundo após a morte. Não pairam dúvidas, por exemplo, sobre a existência de um espírito chamado André Luiz que ditava frases para Chico Xavier ou de uma cidade que flutua invisível sobre o Rio de Janeiro. Para céticos, ateus e seguidores de outras religiões, toda a jornada do espírito relatada no livro é encarada como ficção. Ainda assim, não deixa de ser impressionante que Chico Xavier tenha descrito TVs de plasma e smartphones seis anos antes da chegada da televisão ao Brasil. Diante disso, mesmo os mais céticos devem admitir que o mineiro foi um visionário do calibre dos melhores autores de ficção científica.

No entanto, é preciso encarar o cenário futurista de *Nosso Lar* com o olhar doutrinário do espiritismo. Os flashes do futuro não estão na história por acaso: servem para mostrar que a vida no plano espiritual é mais evoluída. As invenções chegaram à Terra, segundo a religião, pelo trabalho de espíritos elevados que encarnaram no planeta com a missão de trazer um pouco de desenvolvimento para os homens de carne e osso – ou por pessoas que trouxeram no inconsciente a inspiração da rotina evoluída das colônias espirituais. A ciência em Nosso Lar estaria sempre um século à frente do nosso, de acordo com Chico.

A cidade não é um destino compulsório após a morte e nem a única colônia construída no além. Existe uma infinidade de localidades semelhantes. Ou seja, toda essa descrição pode refletir apenas a experiência

de André Luiz numa cidade específica. O além não é necessariamente universal, igual para todos os mortos. Assim como o Rio de Janeiro é diferente de Pequim, as colônias também são diferentes entre si. Mas é quase unânime entre os espíritas que *Nosso Lar* se tornou a principal referência sobre o mundo no plano espiritual.

Não foi mero acaso. André Luiz cumpriu uma missão. Ele teria sido escolhido por 12 sábios do além-túmulo para ser uma espécie de tradutor do plano espiritual, incumbido da tarefa de relatar em detalhes como funciona a vida depois da morte. Por quê? Porque os tais sábios teriam chegado à conclusão de que era hora de os terráqueos conhecerem melhor o outro lado. Assim, poderiam mudar suas vidas no presente e se preparar para desencarnar com mais tranquilidade no futuro.

André Luiz foi escolhido porque sua trajetória serve de exemplo para o desenvolvimento espiritual. Um episódio de *Nosso Lar* ajuda a entender melhor a transformação sofrida pelo espírito. Depois de se recuperar das lesões, o protagonista recebe permissão para visitar a mulher e os filhos, ainda encarnados. Chegando lá, descobre que Zélia, sua esposa, já havia casado com outro homem, Ernesto. André Luiz, é claro, fica com ciúmes. Então ele vê que o novo marido está doente. Precisa de ajuda. E André Luiz, inspirado pelas lições do Nosso Lar, deixa o orgulho de lado e dá auxílio espiritual para curar o homem. O médico boêmio havia percebido que abraçar a caridade era a única saída para a evolução do espírito.

No movimento espírita, há muitas especulações sobre a "real identidade" de André Luiz. Um dos nomes aventados é o de Oswaldo Cruz, o médico sanitarista que estudou doenças tropicais, como febre amarela e varíola, e ajudou a combater epidemias no Rio de Janeiro. O médico entrou para a história do Brasil quando obrigou a população carioca a se vacinar, culminando na Revolta da Vacina, em 1904. Outra possível identidade de André Luiz seria o médico carioca Faustino Esposel, mas ele foi mais conhecido por ter sido presidente do Flamengo na década de 1920 do que pelo trabalho na área da saúde.

Mas a principal aposta é Carlos Chagas, famoso cientista brasileiro conhecido internacionalmente pela descoberta da doença de Chagas. Ao contrário de André Luiz, que teria desencarnado após um câncer, Chagas sofreu um enfarte fatal em 1934, oito anos antes do início da psicografia de *Nosso Lar*. O livro informa que o protagonista passou oito anos no Umbral, e essa coincidência de datas ajudou a reforçar a candidatura de Carlos

Chagas para a vaga de André Luiz. Tempos depois, Chico Xavier corrigiu: teriam sido apenas dois anos de peregrinação no purgatório espírita. As novas edições, porém, mantiveram a informação original (ignorando o apelo por correção do médium), e a fama de Chagas como o verdadeiro André Luiz seguiu adiante. A hipótese é sustentada, inclusive, por Waldo Vieira, o principal parceiro de psicografia de Chico (você vai ler bastante sobre ele mais adiante).

Os dados biográficos de André Luiz foram alterados de propósito, alegava Chico, para evitar que sua real identidade fosse descoberta por meio de pistas contidas no livro. Mas uma pintura seria a prova definitiva de que ele e Chagas eram o mesmo ente. Chico Xavier teria encomendado o retrato a óleo de Carlos Chagas a uma amiga, Suzana Maia Mousinho, e pedido que a artista se baseasse em uma estátua do cientista erguida em 1979, na Praça Nicarágua, bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. A amiga entregou a pintura ao médium, que recebeu o presente exclamando: "Suzana, este é o retrato de nosso benfeitor André Luiz!". Para finalizar, Chico ainda fez anotações no verso do quadro que confirmariam a ligação entre o espírito e o médico.

Mas o que realmente importa é o legado da obra atribuída a André Luiz. Ao todo, Chico assinou 16 livros com o nome do espírito, cinco deles em parceria com Waldo Vieira. O conjunto, escrito entre 1943 e 1968, se tornou a principal referência do espiritismo brasileiro sobre como funciona a vida após a morte – sem contar, é claro, os livros fundamentais de Allan Kardec. Essa foi uma importante mudança de temática depois da moda dos livros históricos de Zilda Gama e do próprio Chico, que focaram o resgate do passado da humanidade. Em *Evolução em Dois Mundos*, de 1959, temos a versão de André Luiz sobre como foi o surgimento da Terra e da vida no planeta, abraçando conceitos da evolução das espécies sob o olhar espírita. Sexo, poligamia, divórcio, alcoolismo e homossexualidade são alguns dos temas de *Sexo e Destino*, de 1963. O livro *E a Vida Continua*, de 1968, mostra a evolução espiritual dos amigos Evelina e Ernesto e inspirou um filme baseado na obra lançado em 2012.

•••

Do ponto de vista cético, porém, existe uma polêmica acerca da originalidade do texto de *Nosso Lar*. Para os críticos do médium, ele teria se

inspirado num livro do século 18, feito sobre um sueco chamado, veja só, Emanuel.

Emanuel Swedenborg foi um homem notável. Trabalhou para o rei da Suécia no setor de mineração e publicou estudos sobre metalurgia que o tornaram conhecido em universidades europeias. Era um habilidoso engenheiro militar, estudou física e astronomia, investigou o comportamento das marés, escreveu sobre zoologia e anatomia, atuou como economista político e foi durante muitos anos membro do Parlamento. Também era inventor. Criou esboços de uma máquina de voar considerada pioneira do avião, desenvolveu um forno de alta temperatura para siderurgia, construiu uma espécie de elevador para trazer minérios à superfície, elaborou um barco capaz de mergulhar com a tripulação – um precursor do submarino – e projetou uma metralhadora capaz de dar 60 tiros seguidos.

Em abril de 1745, aos 57 anos, o cientista sueco estava em um restaurante de Londres, tarde da noite. Ele tinha muita fome e comeu para valer. De repente, sua visão escureceu e ficou esfumaçada, e Swedenborg começou a enxergar cobras, sapos e outras criaturas no chão do restaurante. O fenômeno visual passou, mas, quando voltou a enxergar direito, viu um homem sentado no canto do salão. O sueco se assustou porque estava sozinho até então. O homem disse: “Não coma demais”. A visão embaçou de novo. Quando recuperou os sentidos, o homem tinha sumido. Atordoado, Swedenborg voltou para o lugar onde estava hospedado.

Mais tarde, na mesma noite, o sujeito misterioso reapareceu. Ele disse que era Deus, o criador e redentor do mundo. Informou que havia escolhido Swedenborg para explicar o conteúdo espiritual das Escrituras à humanidade e que lhe daria a consultoria adequada sobre o que deveria escrever. Naquela noite, as portas do céu e do inferno foram abertas para Swedenborg.

Ele afirmava que, depois da epifania, passou a conviver com os espíritos dia e noite, aprendendo com eles sobre a vida no além. Com a iluminação divina, encontrou uma nova interpretação para a Bíblia. Sua missão de vida, dali pra frente, seria passar adiante as mensagens que ele encontrou nas entrelinhas do livro sagrado. Os próximos 27 anos de sua vida teriam sido recheados de visões e comunicações com o além.

Swedenborg escreveu livros sobre suas supostas experiências no mundo dos mortos, onde relatou o céu e o inferno com riqueza de detalhes.

Afirmou que há esferas diferentes para cada grau de iluminação da alma e que espíritos se agrupam conforme sua evolução. O nosso destino depois da morte não seria decidido por Deus, mas determinado pela própria vontade do espírito de se desenvolver. Almas mais evoluídas vivem juntas em comunidades bem cuidadas que refletem esse progresso. Há casas para famílias, palácios governamentais, salões destinados a reuniões sociais, universidades, bibliotecas, museus, arte e música.

Os espíritos possuem forma humana, só que tudo é mais vívido, brilhante, do que no plano dos vivos. Nas colônias que reúnem almas pouco evoluídas, no entanto, Swedenborg disse que viu um cenário malcuidado, feio, sujo, que espelha a degradação dos espíritos.

Tudo muito semelhante ao Nosso Lar e ao Umbral.

Como Chico Xavier alega que apenas transcreveu as informações de André Luiz, os espíritas descartam a ideia de que o médium foi influenciado por Swedenborg e outros autores. Afinal, o escritor que ganha a história de presente não precisa de inspiração. Mas o texto de Swedenborg sempre havia circulado no meio espiritualista, sendo citado pelo próprio Allan Kardec. Não é improvável, então, que Chico conhecesse o texto do sueco desde jovem. Mesmo que tenha havido tal inspiração, isso não tira o maior mérito de *Nosso Lar*, que foi recuperar e atualizar a mitologia espiritualista para o século 20.

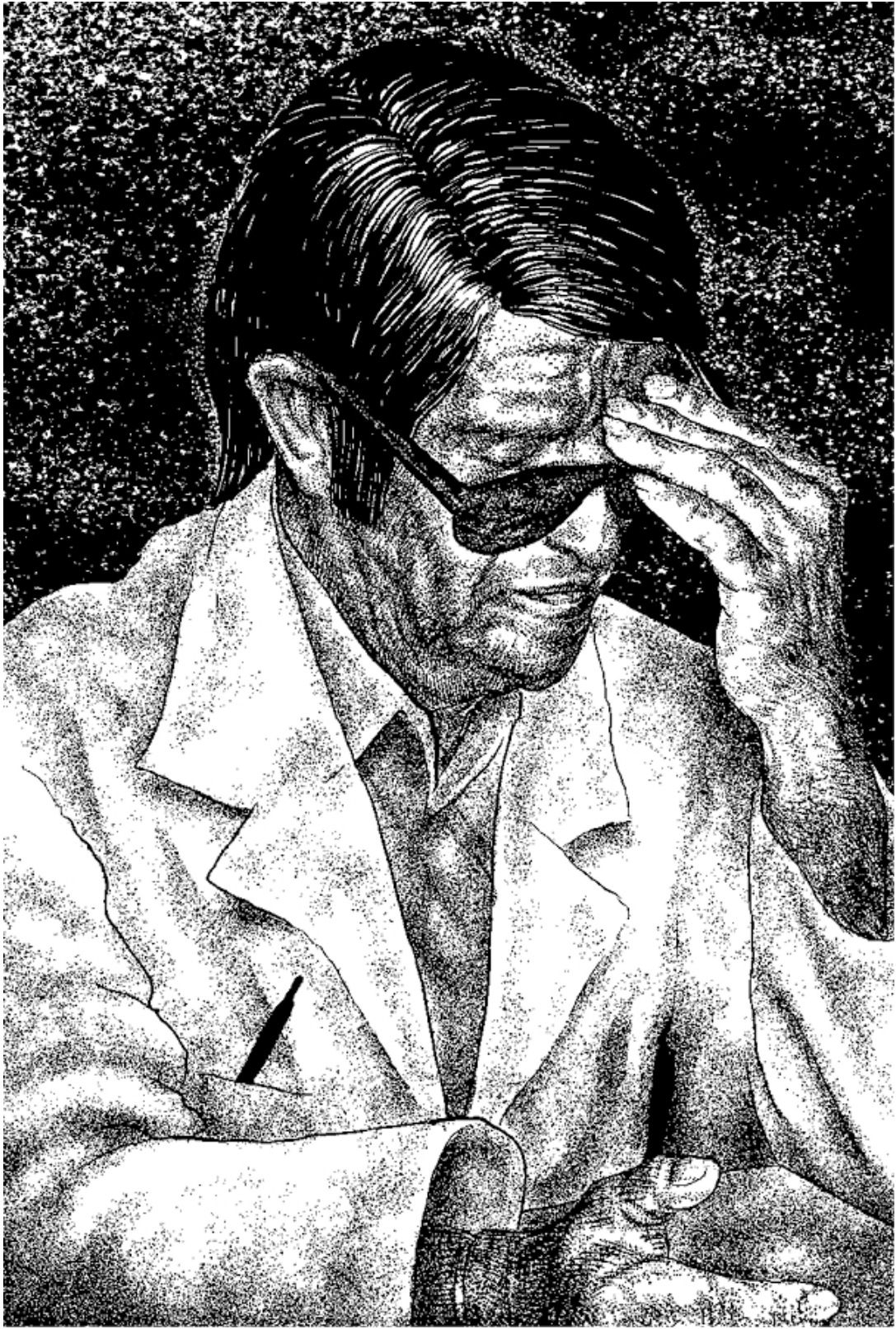
•••

Os livros sobre os passeios de Emanuel Swedenborg pelo outro lado da vida não foram sucessos instantâneos. O pensador, inclusive, preferiu não usar o próprio nome nas obras, que foram publicadas anonimamente. Além disso, o sueco lançou os oito primeiros volumes como um único livro, *Arcanos Celestes*, de 1749. É uma obra densa, onde ele reinterpreta verso a verso o *Gênesis* e o *Êxodo*, os livros que abrem a Bíblia, a partir de seus insights espirituais. Diante do calhamaço de 4 mil páginas, muitos recusaram o mergulho. Mas o sueco não esmoreceu.

Daí em diante, uma série de eventos transformaram ainda mais a já atribulada vida mística de Swedenborg. Em 1757, ele disse ter presenciado o Julgamento Final. O grande evento, porém, não foi o espetáculo que determinou o fim do mundo, como acreditavam os cristãos, mas uma

batalha entre espíritos maus e bons. Os perversos se infiltraram no céu, mas foram empurrados de volta para o inferno.

A disputa teria aberto uma janela de oportunidade para que indivíduos na Terra e no céu recebessem verdades espirituais com maior clareza. Segundo Swedenborg, o acontecimento marcou o início de uma nova era espiritual na humanidade.

No ano seguinte, o místico publicou um novo livro, *O Céu e o Inferno*, que se tornaria sua obra mais popular. Nela, o autor foi mais didático ao relatar suas peripécias no mundo dos mortos, mas o impacto continuou tímido – ele ainda preferia o anonimato nos seus livros religiosos. Swedenborg já era um homem famoso, mas apenas na Suécia. Ele e sua obra começariam a se tornar célebres de verdade, no mundo todo, a partir de um episódio ocorrido em 1759, que popularizou uma nova moda entre a elite europeia: a investigação de eventos paranormais. É o que vamos examinar na segunda parte deste livro – a história do espiritualismo.

II

O renascimento místico

5

Os alquimistas estão chegando

O espiritismo de Chico Xavier nasceu do caldeirão cultural europeu que começou a ferver no Renascimento e na Reforma Protestante. Uma nova liberdade de pensamento, misturada ao resgate de tradições arcaicas da Grécia e do Egito, esquentou a grande sopa que alimentou a jornada de curiosos, exploradores e cientistas rumo aos mistérios do oculto.

A CONVERSA NA SALA estava animada quando Emanuel Swedenborg voltou da rua alarmado e anunciou que um incêndio de grandes proporções se alastrava rapidamente em Estocolmo naquele momento, uma noite de julho de 1759. Os convidados ficaram perplexos: o jantar ocorria em Gotemburgo, distante mais de 450 quilômetros da cidade em chamas.

Swedenborg continuou relatando os eventos com sua suposta visão além do alcance. Disse que o fogo já havia destruído a casa de um amigo e que sua própria moradia estava em risco. Duas horas depois, aliviado, o visitante afirmou que as chamas foram controladas a poucos metros de sua residência. Swedenborg ainda descreveu como o fogo começou, quanto durou e como foi extinto. A singular cobertura do incêndio na capital sueca comoveu os presentes, mas ninguém podia confirmar sua veracidade. Dois dias mais tarde, um mensageiro chegou de Estocolmo com notícias. Tudo havia acontecido exatamente como ele havia relatado. Os alegados poderes paranormais de Swedenborg espalharam sua fama pela Europa.

No ano seguinte, um novo caso estranho envolveu Emanuel. A viúva do embaixador francês na Suécia recebeu uma conta inesperada para pagar, mas tinha certeza que o marido já havia quitado o serviço em vida. O recibo, no entanto, estava perdido. Diante do embaraço, recorreu a Swedenborg em busca de ajuda. O pensador místico não tinha a resposta. Mas, logo após o encontro com Swedenborg, a viúva teve um sonho no qual o marido apareceu revelando a localização do comprovante. Bingo, a mulher encontrou o papel no mesmo local apontado pelo esposo morto.

Em 1761, Swedenborg foi levado à presença da rainha consorte da Suécia, Luísa Ulrica. Sua majestade desejava testar os poderes paranormais do intelectual, que já estavam sendo comentados nas esquinas. Ela pediu que Swedenborg recuperasse um episódio sobre o seu irmão, príncipe Augusto Guilherme, morto três anos antes. Mas não era uma informação qualquer: segundo a rainha, era algo que somente ela e Augusto tinham conhecimento. Três semanas depois, o místico voltou com a resposta. A informação estava correta de acordo com o relato da soberana.

Esses e outros feitos de Swedenborg correram a Europa. Até então, o sueco tentava preservar sua imagem de homem da ciência. Por isso, havia publicado anonimamente os livros sobre suas revelações espirituais. Mas, com o sucesso dos causos sobre seus poderes sobrenaturais, o intelectual se sentiu à vontade para assumir a carreira de místico. Ele seguiu publicando

obras teológicas e, em 1768, tomou uma atitude radical: autorizou que seu nome aparecesse na capa de seus livros espirituais.

No século 18, discutir a espiritualidade com autonomia era tarefa para os corajosos. Além de apagar a própria assinatura dos seus livros, Swedenborg escrevia em latim – equivalente ao inglês hoje em dia, uma espécie de língua padrão global. Se publicasse em sueco, poderia enfrentar a forte censura das leis locais controladas pela Igreja Luterana, que proibia qualquer obra que contestasse seus ensinamentos. Swedenborg também lançou seus livros por editoras de Londres e Amsterdã, driblando a legislação da monarquia.

É por isso que a decisão do sueco de sair do armário editorial em 1768 foi um feito e tanto. Um ano depois, dois de seus seguidores publicaram artigos que discutiam as ideias do místico. Mas, como escreveram em sueco, foram formalmente acusados de heresia. Swedenborg não se tornou réu no processo, mas seus livros foram analisados pelo tribunal eclesiástico. Em 1770, saiu a sentença: as obras não foram consideradas heréticas, mas continuam "erros de doutrina". E foram proibidas. Os dois seguidores, que eram professores, foram forçados a abandonar os cargos.

Swedenborg seguiu firme na sua brava missão espiritual e publicou mais um livro depois do julgamento, onde discutiu o futuro do cristianismo– mais uma vez, usou editoras holandesas e inglesas. Em 1771, sofreu um AVC quando estava em Londres. Conseguiu se recuperar, mas ficou debilitado. Em uma carta de fevereiro de 1772, respondeu a um convite para um encontro que ocorreria em seis meses. Escreveu que não poderia comparecer porque iria morrer no dia 29 do mês seguinte. Aos 84 anos, Swedenborg morreu no dia 29 de março de 1772.

O sueco promoveu uma grande novidade na sociedade do século 18: levou uma nova espiritualidade direto para o seio da nobreza europeia. Swedenborg pavimentou um caminho que, mais tarde, seria seguido por Chico Xavier. Sem o pensador, médiuns e outros místicos teriam encontrado mais barreiras para desenvolver seus talentos. E ele não fez isso apenas dando publicidade aos supostos poderes paranormais. Swedenborg escreveu grande parte da mitologia do além, e essas visões guardam muitas semelhanças com as revelações descritas em *Nosso Lar* e nas obras de Allan Kardec.

O nórdico tinha companhia. No início da década de 1770, o médico Franz Anton Mesmer foi convocado para conduzir uma comissão que tentava

avaliar a atuação do padre Johann Joseph Gassner, um dos exorcistas mais famosos da Europa. O padre austríaco atendia aqueles que não tinham achado na medicina a solução para seus tormentos. Mas tinha um estilo um tanto teatral para resolver os problemas dos pacientes e dizia que febres, convulsões, dores e outras moléstias eram causadas por espíritos maus. E achava que a cura era possível se os demônios fossem expulsos do corpo. De frente para o paciente, empregava uma sequência de artimanhas: orava, gesticulava, gritava ordens, apontava crucifixos. O doente ficava ainda mais agitado, em crise. Depois, o paciente se acalmava, supostamente curado. Testemunhas espalhavam o que tinham presenciado. Muitas delas eram clérigos, nobres, médicos e cientistas, e a fama do padre exorcista cresceu.

O notoriedade de Gassner vinha acompanhada de acusações de charlatanismo. Após presenciar uma série de atendimentos, Mesmer não duvidou do poder de cura do padre, mas deu uma nova explicação para a performance: em vez de expulsar demônios, as técnicas de Gassner, sobretudo o uso do crucifixo de metal, alteravam o “magnetismo animal” dos doentes. Havia anos, o médico radicado em Viena tentava comprovar a existência de um fluido cósmico universal, algo invisível, capaz de conectar forças do espaço, da Terra e dos homens. Para ele, eram desequilíbrios dessas energias que causavam doenças. Uma vez restabelecida a harmonia magnética, as enfermidades sumiriam. Aos olhos de Mesmer, padre Gassner não era um exorcista. Era um magnetizador.

De volta a Viena, Mesmer adaptou técnicas do clérigo e criou algumas outras para tratar seus pacientes. Ele usou os novos métodos no caso de Francisca Osterlin, em 1773. A mulher de 29 anos sofria convulsões, tinha vômitos, inflamações intestinais, alucinações, cegueira temporária, sensação de sufocamento, paralisias e dores nos dentes e ouvidos. Mesmer acreditava que ela tinha uma “febre histérica causada por desequilíbrio magnético” e iniciou um tratamento inusitado: fez a paciente engolir uma solução de água com ferro para, em seguida, amarrar ímãs junto ao corpo da mulher. Francisca relatou sentir as suas entranhas atravessadas por um tipo de corrente. Os sintomas atenuaram. Em semanas, depois de Mesmer repetir o processo diversas vezes, ela foi considerada curada.

O episódio circulou pelas ruas de Viena. Centenas de pessoas procuraram Mesmer em busca de tratamento. O médico estava cada vez mais convicto da existência do tal fluido universal, só não tinha meios de comprovar cientificamente a hipótese. Mas nem todos estavam convencidos. Mais do

que a falta de comprovação, foram os métodos esdrúxulos usados por Mesmer que o colocaram na mira das autoridades. Para evitar complicações, ele abandonou os ímãs no tratamento. Agora, acreditava que podia remediar pacientes usando somente as mãos, de onde intuía que se desprendia o tal fluido. O médico estava convencido de que tinha poderes de cura. Além dos pacientes, magnetizava pratos, copos de água, camas e outros objetos usados pelos enfermos.

Em 1777, a pianista Maria Teresa von Paradies, de 18 anos, procurou Mesmer. Cega desde a infância, ela teve os olhos avaliados por dezenas de médicos na Europa, que nada encontraram de errado. Era um mistério. Mesmer decidiu usar esse caso para convencer seus colegas de que não era um enganador. Empregando suas mãos, recuperou a visão da paciente após algumas sessões. Os estímulos visuais, no entanto, afetaram as habilidades de Maria ao piano. Ela deixou a clínica, e a cegueira voltou. O desfecho turbulento foi um prato cheio para os críticos. Eles acusaram Mesmer de prática de magia. Sem apoio das autoridades, ele deixou a Áustria disposto a levar seus conhecimentos para lugares mais abertos a novas ideias.

Franz Mesmer nasceu em 1734 na Suábia, hoje sul da Alemanha. De família católica, estava destinado ao sacerdócio, mas deixou os estudos de teologia para obter doutorado em filosofia e medicina. Em 1759, mudou-se para Viena. A dissertação que apresentou à academia de medicina falava da influência dos planetas sobre o corpo humano e já especulava sobre a possível existência de fluidos invisíveis capazes de conectar tudo o que existe no Universo.

Não era uma ideia nova. O trabalho de Mesmer era influenciado pelos escritos do médico, químico e astrólogo renascentista Paracelso, que viveu de 1493 até 1541 e que acreditava na interferência de forças planetárias no homem. Até criou talismãs astrológicos para curar doenças, o que lhe rendeu a má fama de mago e ocultista.

Quando deixou Viena, Mesmer foi viver em Paris. Foi um período de prosperidade. Ele atendia muitos pacientes, incluindo Luís 16 e membros da corte. Os primeiros anos na França também serviram para desenvolver novas técnicas e dispositivos. O mais curioso deles era uma tina de carvalho cheia de água, limalha de ferro e vidro, de onde saíam hastes metálicas que os pacientes deveriam segurar. Era possível tratar até 30 pessoas ao mesmo tempo com tal engenhoca. O roteiro da cura era bem parecido com o que ocorria nas sessões de exorcismo do padre Gassner. Os pacientes entravam

em crise, tinham convulsões, se debatiam. Passados alguns minutos, começava um tipo de transe. Eles ficavam *mesmerizados*. E os sintomas incômodos sumiam.

Livros de história da medicina e textos biográficos apontam que Mesmer não era mal-intencionado. Ele tinha convicção dos seus poderes. Fama e dinheiro, por exemplo, não impediram Mesmer de solicitar a sociedades médicas parisienses validação científica para o seu trabalho. Mas dois fatores repeliam os estudiosos: a ideia de que o sucesso do tratamento dependia de características do magnetizador e os dispositivos estapafúrdios da clínica.

O desdém acadêmico, entretanto, não foi obstáculo para que o mesmerismo fosse divulgado com enorme eficiência por meio de panfletos e livretos distribuídos na rua. O texto *Memória sobre a Descoberta do Magnetismo Animal*, escrito por Mesmer em 1779, trouxe 27 proposições sobre a tese. É o mais perto que ele chegou de uma explicação sistematizada de suas ideias. Em 1781, também publicou *Resumo Histórico dos Fatos Relativos ao Magnetismo Animal*, com novas informações para rebater críticas. Em busca de legitimidade, Mesmer e alguns entusiastas criaram a Sociedade da Harmonia Universal, que oferecia cursos e palestras sobre o magnetismo. Meses depois da fundação, a entidade já havia educado cerca de 300 discípulos. O mesmerismo era uma doutrina em ascensão quando, em 1785, um aluno quebrou as regras e publicou lições aprendidas em aula e que deveriam ser mantidas em segredo. As anotações outra vez alarmaram as autoridades.

Dessa vez o golpe foi duro. Um grupo de investigação da Academia Francesa de Ciências foi criado a pedido do rei Luís 16. Entre os investigadores estavam o americano Benjamin Franklin, o químico Antoine Laurent Lavoisier, o astrônomo Jean-Sylvain Bailly e o médico Joseph-Ignace Guillotin. E eles foram impiedosos. O relatório dizia que, longe de ser capaz de curar doenças, o fluido nem mesmo existia. As curas não passavam de fantasia autoinduzida dos pacientes. Por fim, a academia ameaçou tirar a licença dos médicos que praticassem o magnetismo animal. Um segundo relatório, da Real Sociedade de Medicina, apresentava conclusões semelhantes. Em 1785 mesmo, Mesmer foi forçado a deixar Paris. O médico ainda visitaria Inglaterra, Áustria, Itália e Alemanha antes de fixar residência na Suíça, onde passou boa parte de seus últimos 30 anos de vida praticamente recluso.

Swedenborg e Mesmer viveram um tempo de ebulição intelectual na Europa. Eles adubaram a semente mística que germinava espontaneamente desde o século 16 – e que deu origem ao espiritismo. Historiadores gostam de pinçar uma data exata para o início desse período de efervescência: 31 de outubro de 1517. Naquele sábado, o monge alemão Martinho Lutero pregou na porta de uma igreja um documento hoje conhecido como as *95 Teses*. O texto era endereçado a Alberto de Brandemburgo, arcebispo da cidade de Mainz, na Alemanha, e o gesto é considerado o início da Reforma Protestante.

Lutero estava indignado com os rumos da Igreja Católica e com as decisões de Leão 10. O papa florentino havia permitido a venda de indulgências, um mecanismo de abatimento de punições contra pecados. Funcionava assim: se você cobiçava a mulher do próximo, por exemplo, podia pagar uma espécie de imposto para a Igreja com o objetivo de reduzir sua penitência. De pecado em pecado, o papa acumulou dinheiro suficiente para construir as fundações da Basílica de São Pedro, em Roma, cujo principal financiamento foram as indulgências (pelo menos no início da obra, só concluída em 1626).

O comércio das benesses espirituais tinha saído do controle na visão de Lutero. Além disso, o monge acreditava que Roma havia se colocado entre os fiéis e a Bíblia, numa posição de único intérprete do livro sagrado. Nas *95 Teses*, Lutero questionou as decisões do papa e clamou pela retomada da Bíblia como guia fundamental da religião, que andava permissiva na adoção de novas tradições, entre outras reclamações – são 95 teses, afinal. Na prática, Lutero queria mais liberdade para que os fiéis retomassem a leitura e a interpretação do livro sagrado, reduzindo o poder da Igreja nos rumos da religião. Ninguém peitava o papa naqueles tempos.

As queixas já circulavam pela Europa, mas Lutero e seus apoiadores usaram o Facebook da sua época para divulgar o protesto e abalar as estruturas da Igreja: a recém-nascida prensa de tipos móveis. A máquina inventada por Johannes Gutenberg décadas antes permitiu a impressão de textos e filipetas de propaganda da Reforma. A campanha foi um sucesso. Em apenas 38 anos, os protestantes tiveram uma grande vitória: a assinatura da Paz de Augsburgo, tratado que permitiu a coexistência de cristãos e luteranos na Alemanha – primeiro passo para que os protestantes ganhassem terreno em outros países.

A vitória dos reformadores teve forte impacto na Europa. A partir de então, depois de uma derrota de ninguém menos do que o papa, intelectuais se sentiram mais livres para pensar por conta própria. Não se engane: a Igreja ainda era a grande força, como havia sido na Idade Média. E existia a Inquisição, o tribunal cristão que punia com a morte os hereges. E ninguém queria parar na fogueira.

Mas, embora relativa, emergiu uma nova liberdade de pensamento no continente. É claro que Lutero não foi o único responsável pela revolução. No século 14, a Itália já havia dado um pontapé com o Renascimento, movimento cultural que redescobriu a filosofia da Grécia Antiga, um tanto esquecida na Europa durante a Idade Média, e lançou uma nova onda de humanismo – o homem, e não Deus, ressurgiu no centro de todas as coisas. Uma das principais ideias gregas absorvidas pelos renascentistas era a busca por uma formação plural. Arte, matemática, teologia e filosofia formavam o novo currículo básico, um contraste e tanto com a grade de estudos vigente até então, focada na teologia e na Bíblia.

Essa sensação de liberdade inspirada na Reforma, combinada com a educação arejada do Renascimento, foi forte o suficiente para dar asas para o cérebro de figuras como Nicolau Copérnico, o pai do heliocentrismo, a teoria sobre o movimento dos planetas em torno do Sol, que mudou a compreensão do homem sobre a nossa viagem no Universo no século 16. A partir daí, a sociedade europeia assistiu a uma sequência de avanços em todas as áreas do conhecimento, da química à matemática, da física à biologia. Essa temporada de descobertas foi um dos primeiros bebês da Reforma. A Revolução Científica, como o período é conhecido nos livros de história, lançou uma nova moda intelectual: a busca por conhecimento e o desejo de invenção. Surgiram novas máquinas, navios, empresas, moedas e uma infinidade de novidades. Muito dessa criatividade sobrevive aos dias de hoje, como o telescópio ou o mercado de ações.

Era uma época de inovação, de sucessos e fracassos, de revirar baús, um tempo de muita exploração. Essa combinação de sede por conhecimento, liberdade de pensamento e da velha e boa curiosidade reacendeu o interesse em livros obscuros e em perguntas sem resposta. Um dos resultados foi a redescoberta de tradições pagãs, um efeito colateral inesperado do Renascimento e da Reforma. Ritos que datavam do Egito antigo e tradições místicas da Idade Média foram resgatados. Bem longe dos padres, é claro – o pensamento cristão ainda reinava. Cultivadas em segredo, nos porões,

essas práticas e ideias pouco convencionais se agruparam debaixo do mesmo guarda-chuva: o *ocultismo*.

Um alemão chamado Heinrich Cornelius Agrippa foi um dos principais responsáveis pela ressurreição do esoterismo ocidental na Europa do século 16. Nascido em 1486, Agrippa estudou artes na universidade de Colônia e teve contato com autores da Roma antiga e obras de místicos como Raimundo Lúlio, um filósofo catalão do século 13 que é considerado uma das figuras mais proeminentes da história da alquimia, a tradição meio mística meio científica que tentava transformar metais em ouro e descobrir o elixir da vida eterna. Outra influência de Agrippa foi o livro *Speculum Astronomiae*, um tratado do frade dominicano Alberto Magno (canonizado santo católico em 1931) que defendia a astrologia como uma prática cristã.

O misticismo nunca foi totalmente esquecido durante a Idade Média, quando monges católicos controlaram grande parte da informação que transitava. Mas Agrippa ajudou a turbinar o Renascimento Místico ao compilar muitas dessas tradições numa obra intitulada *Três Livros de Filosofia Oculta*, publicada em 1531. O calhamaço de 1.100 páginas é uma espécie de enciclopédia, praticamente um manual, que ensina técnicas de adivinhação e magia, por exemplo. Agrippa reuniu o vasto conhecimento esotérico durante suas viagens pela Europa. Muito antes de existir a União Europeia, o alemão foi praticamente um nômade do Velho Continente. Morou na França, na Catalunha, na Inglaterra e na Itália. Em território italiano, foi inspirado pelos humanistas da Renascença, como o contemporâneo Paracelso (aquele mesmo que influenciou Mesmer), e expandiu seus conhecimentos em tradições ocultas. Sua obra deu atenção a práticas cerimoniais e demoníacas, o que lhe rendeu críticas e ajudou a chamar a atenção das autoridades cristãs. Agrippa tinha gosto pelo sinistro, pelo obsceno e pelo grotesco. Até então, os ritos arcaicos eram descridos de forma sagrada, para celebrar e cumprir os desejos de Deus. Mas, influenciado pelos humanistas italianos, Agrippa trouxe a magia para a esfera terrena e ensinou métodos para a conquista de objetivos mesquinhos, mais próximos dos humanos, como amor, poder e vingança. A Igreja tentou barrar o livro, mas cedeu aos argumentos de Agrippa e liberou a publicação.

Além de devoto da filosofia oculta, o autor foi jurista, médico e astrólogo e circulou pelas cortes europeias. Agrippa foi inspiração para alguns e uma ameaça para outros, que viam nele um feiticeiro do mal. Os sentimentos conflitantes ajudaram a espalhar a fama do místico, e sua enciclopédia

esotérica pegou carona na nova onda de liberdade de pensamento que surgiu na Europa após a Reforma. Com os *Três Livros de Filosofia Oculta* debaixo do braço, novas gerações de ocultistas passaram a venerar a cabala, uma tradição mística judaica, e o gnosticismo cristão.

O livro teria influenciado figuras como Giordano Bruno, o filósofo que defendia a teoria heliocentrista de Copérnico e foi condenado à morte pela Inquisição. Como era comum na época, Bruno escreveu sobre toda sorte de disciplinas. Era interessado no resgate de Platão, da astrologia árabe e dos deuses egípcios. O Egito despertava um interesse especial nos ocultistas porque era a origem do *Corpus Hermeticum*, um livro que mistura filosofias arcaicas e místicas, datado do período helenístico, no século 4 a.C.

O autor verdadeiro é desconhecido, mas os ocultistas acreditavam que o *Corpus* havia sido escrito por Hermes Trismegistus, figura mítica surgida da mistura do deus grego Hermes com o deus egípcio Tot (aquele que possui a cabeça do pássaro íbis). Ele também seria o autor da famosa *Tábua de Esmeralda*. Sim, a mesma do disco de Jorge Ben Jor.

E não foi por acaso que o pai do samba-rock abre este álbum com a música *Os Alquimistas estão Chegando*. Supostamente escrito numa pedra esverdeada, o texto é a obra fundamental da alquimia, tradição que voltou à moda na Europa protestante e renascentista. Para os leigos, não passa de uma charada nonsense (exatamente como uma letra de Jorge Ben Jor). Mas os alquimistas enxergam no texto instruções para o processo de transmutação, conceito básico por trás dos experimentos de conversão de um elemento químico em outro, como chumbo em ouro – hoje sabemos que é uma tarefa quase impossível. O estudo do *Corpus*, da *Tábua* e de outras obras atribuídas a Hermes Trismegistus deu origem ao hermetismo, um conjunto abrangente de pensamentos mágico-religiosos que misturavam conceitos egípcios e gregos e que foi uma importante ponte entre o ocultismo antigo e moderno. Outro pensador que leu *Três Livros de Filosofia Oculta* com atenção foi John Dee, um matemático, astrônomo e astrólogo que viveu na Inglaterra no século 16 e serviu de conselheiro pessoal de Elizabeth 1ª, a Rainha Virgem. Dee e Bruno foram figuras importantes na Inglaterra e deram impulso ao novo misticismo praticado na ilha. Em 1651, *Três Livros de Filosofia Oculta* foi traduzido para o inglês, ampliando a influência da obra no reino, que se tornou um dos epicentros ocultistas ao lado de Paris.

Foi um período curioso porque a vontade de investigar atingia tanto tradições perdidas do antigo Egito quanto a matemática clássica. Contanto que houvesse algo para ser desvendado, muitos intelectuais mergulhavam na tarefa, não interessando a natureza do assunto. Os curiosos não sabiam onde essa exploração do desconhecido ia dar, mas vasculhar o oculto era excitante. Mais ou menos a mesma sensação de xeretar as gavetas dos adultos. Sempre pode surgir, para seu espanto, uma foto proibida do seu pai aos 22 anos, de bigode e cigarro na mão.

É por isso que algumas figuras que hoje estão no panteão da ciência também se arriscaram no campo do oculto. O irlandês Robert Boyle, considerado o pai da química moderna, foi um deles. Naquela época, não havia distinção entre química e alquimia, e Boyle investigou ambas e consolidou as bases do método científico experimental – o pesquisador anotava tudo que pudesse ser relevante para explicar os resultados.

O charme da alquimia ganhava força com as demonstrações públicas de "transmutação". Uma delas ocorreu no dia 15 de janeiro de 1648, em Praga, quando o alquimista alemão Richthausen transformou mercúrio em ouro na frente de Fernando 3º, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. O governante cunhou uma moeda com o ouro do alquimista, na qual descreveu o fenômeno com a frase "a divina metamorfose". Em 1677, foi a vez do sucessor de Fernando, Leopoldo 1º, testemunhar um episódio de transmutação. O alquimista Wenzel Seyler cobriu de ouro um medalhão de cobre e prata que pesava 7 kg e tinha 30 centímetros de diâmetro. Seyler mergulhou a peça em uma solução misteriosa e, após alguns segundos, ficou dourada. Virou artigo histórico. Hoje, o medalhão está exposto no Museu de História da Arte de Viena.

Boyle ficou tão impressionado com essa demonstração de Seyler que investigou o alquimista. O químico deixou relatos das pesquisas, nos quais percebe-se que não ficou convencido da veracidade dos casos. Mas certamente estava curioso. Esse interesse influenciou outras figuras do nascente meio científico, como o inglês Isaac Newton. Por volta de 1680, Newton traduziu a *Tábua de Esmeralda* para o inglês, mas decidiu mantê-la em segredo porque acreditava que os conceitos provocariam "grande estrago" na humanidade.

Sete anos depois, Newton publicou *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, uma das mais importantes obras da história da ciência – que, ao contrário da alquimia, realmente abalou o mundo. Enquanto transformava a

ciência ao propor as leis do movimento e da gravidade, Newton seguiu adepto dos experimentos com metais – não se sabe exatamente se por curiosidade científica, ganância ou ambos. Ele dedicou 30 anos da sua vida à arte do ouro e deixou uma porção de manuscritos sobre suas experiências. Para surpresa da academia, grande parte deles só veio a público em 1936, quando a alquimia estava superada, e a fama do inglês já havia sido estabelecida como a de "cientista sério". Em 2016, um manuscrito de Newton foi redescoberto contendo uma receita de alquimia. A Chemical Heritage Foundation, dos Estados Unidos, comprou o documento e o trouxe a público. No papel, Newton anotou as coordenadas para a produção de um elemento que levaria à mítica "pedra filosofal", a substância capaz de transformar chumbo em ouro e sintetizar o elixir da vida eterna (ressuscitada no imaginário do século 21 por Harry Potter). Era o grande sonho dos alquimistas, mas nenhum conseguiu criá-la.

A alquimia era uma atividade polêmica. Chegou a ser banida em alguns países porque a produção artesanal de ouro podia interferir na economia e confundir comerciantes. Além disso, circulava no meio ocultista, onde crenças pagãs esquisitas se misturavam aos experimentos protocientíficos dos alquimistas. Parte dos praticantes enxergava uma conexão espiritual na atividade. Transformar metais baratos em peças valiosas, além de trazer riqueza, era uma forma de desvendar os poderes de Deus. Quem cria ouro, afinal, está no direito de se achar onipotente. Alguns alquimistas acreditavam que as experiências só eram bem-sucedidas por intermédio de seres do além que transferiam poderes divinos para os humanos do laboratório. Ou por magnetismo.

Como a nobreza europeia vivia uma fase de exploração do exótico, tudo isso era muito excitante. Especiarias nunca antes saboreadas chegavam das novas colônias da América e da África, e as teorias desconcertantes dos "filósofos naturais", como eram chamados os físicos da época, lançaram um novo olhar sobre como funcionam as coisas do mundo. Incontáveis curiosos tentaram repetir o feito dos cientistas famosos e criaram novas fórmulas, teses e máquinas para explicar e transformar o planeta. Embora ainda fossem fortemente fiscalizadas pela doutrina cristã, os nobres ficaram cada vez mais interessados em conhecer as ideias e as experiências de figuras como Newton – nem que fosse para se sentir por dentro da onda científica, como quem vai ao cinema apenas para ver os filmes mais comentados do momento.

Era muito cedo para diferenciar por completo o que era ciência séria, ingenuidade ou charlatanismo puro. Foi somente nos anos 1930, por exemplo, que o medalhão dourado de 7 kg supostamente transmutado por Wenzel Seyler foi submetido a análises químicas para que o mundo pudesse, enfim, conhecer o mistério promovido diante do imperador. Os cientistas constataram que a peça era feita de uma liga de prata e ouro. O misterioso líquido era ácido nítrico, que corrói a prata, mas não o ouro, deixando a superfície do objeto dourada. Ou seja, o ouro já estava lá o tempo todo e não houve transmutação alguma. Mas, naquela época, os estudiosos não tinham instrumentos e conhecimento suficiente para encontrar a verdade e desmascarar trapaceiros. E a propaganda de personagens ilustres como Fernando 3º e Leopoldo 1º só ajudava a aumentar a confusão. Ciência, religião, esoterismo e trapaça estavam trançados no mesmo tecido que cobria a Europa dos séculos 16, 17 e 18.

A todo momento surgia um novo candidato a Isaac Newton – o alquimista ou o físico. Por isso, não era de todo absurdo acreditar em um falsário como o Conde de Cagliostro.

Nascido em 1743, o italiano Giuseppe Giovanni Battista Vincenzo Pietro Antonio Matteo Balsamo era um adolescente quando deu seu primeiro golpe. Carismático, convenceu um ourives que seria capaz de descobrir ouro. Para isso, era preciso realizar um ritual à meia-noite, no meio do mato, e levar uma boa quantia de ouro junto para turbinar seus “poderes paranormais”. O ourives cumpriu o trato. Mas foi nocauteado por um bando vestido com roupas demoníacas. Alessandro, o Conde de Cagliostro, como ficou conhecido, convenceu o ourives que os demônios faziam parte do rito e que haviam levado o ouro em troca da localização de outros tesouros. Na verdade, não passavam de ladrões profissionais contratados por Cagliostro, que embolsou a quantia. O italiano era charmoso e conquistava os nobres, mas também manchava o trabalho dos alquimistas e de contemporâneos como Swedenborg e Mesmer, que viam seus esforços bem-intencionados de exploração do sobrenatural prejudicados pelas peripécias de pilantras.

Quando era desmascarado, o trapaceiro italiano trocava de cidade e aplicava o golpe novamente – sempre havia uma plateia sedenta por novidades. Numa dessas mudanças, chegou a Nápoles e casou com Lorenza Feliciani, que se tornaria sua parceira nos golpes. O casal viajou à França, onde começou a vender poções da juventude. Lorenza, então com 20 anos, convencia os clientes da eficácia da poção dizendo ter 60. Cagliostro, na

época com 34, alegava estar vivo há séculos, tendo inclusive presenciado a crucificação de Cristo. O sujeito era convincente. Um dia, encontrou a baronesa Dooberkirch, e professou: “Você perdeu sua mãe há muito tempo. Você dificilmente se lembra dela, pois era apenas uma criança. Você tem uma filha, e ela vai ser seu único filho. E não terá mais filhos”. A previsão se realizou, e Cagliostro, que alegava falar com anjos e espíritos de outros planetas desde criança, caiu nas graças do cardeal de Rohan. O clérigo aproximou Cagliostro do rei Luís 16, que passou a chamá-lo para entreter a corte com seus contos fantásticos.

Cagliostro viveu uma vida luxuosa e era uma figura influente. Recebia visitas de pessoas como o escritor Johann Wolfgang von Goethe, o poeta e autor do clássico *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. O conde era maçom e chegou a fundar uma loja da irmandade baseada em rituais egípcios. Mas, em 1785, ele se envolveu no famoso Caso do Colar de Diamantes, incidente que teria contribuído para afundar ainda mais a monarquia francesa, deposta logo depois, em 1789. Para ganhar simpatia da rainha, o cardeal deu a Maria Antonieta um colar valiosíssimo, que o próprio rei se recusara a comprar por causa do preço, por influência da condessa La Motte-Valois e de Cagliostro. Sem ter como pagar a joia, Rohan repassou a conta para Luís 16, que ficou furioso e mandou todos para a cadeia. Solto, Cagliostro foi preso de novo pela Inquisição em 1791. Morreu na cadeia quatro anos depois.

Assim como Cagliostro, Franz Mesmer também era um proeminente maçom. As origens da sociedade secreta datam de congregações de artesãos e operários criadas na Antiguidade que foram se consolidando cada vez mais na Idade Média. Mas foi no século 18 que a maçonaria se tornou realmente influente. A primeira Grande Loja de Londres foi aberta em 1717, e a partir de então diversas inaugurações semelhantes mudaram a cara da irmandade. A instituição de Grandes Lojas regionais significou a fusão de organizações menores em torno de uma única autoridade central. Assim, o movimento ganhava força e coesão. Em 1725, foi a vez dos maçons irlandeses seguirem o exemplo. A Grande Loja da Escócia nasceu em 1736, e o mesmo ocorreu na Holanda, Espanha, Polônia, Suíça, França, Áustria e assim por diante, incluindo as colônias inglesas na América.

Com a consolidação, os maçons começaram a influir na política. Era o momento e o discurso certos. A Europa vivia o Iluminismo, a onda intelectual que buscava a racionalidade acima de tudo. A irmandade

cultuava a liberdade individual, por exemplo, um conceito conectado com a época, marcada pela ascensão da burguesia e perda de prestígio da monarquia e da Igreja. Em vez de receber ordens de clérigos e reis, os iluministas (e maçons) sentiam que era mais justo deixar o homem construir seu próprio caminho, desde que fosse solidário com o próximo.

Os maçons influíram nos rumos da política inglesa. Na Rússia, com o apoio dos maçons, Catarina depôs o próprio marido e se tornou czarina. Na América, em 1776, nove dos 55 homens que assinaram a Declaração de Independência dos Estados Unidos eram da sociedade secreta. O primeiro presidente americano, George Washington, era iniciado na irmandade. Na França, os maçons tiveram papel decisivo na elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem e dos Cidadãos, documento assinado em 1789 que foi o apogeu da Revolução Francesa e do Iluminismo. O texto inspirou as repúblicas modernas ao propor que todos os homens nasçam iguais e livres.

Mas esse grupo de homens influentes também se unia em torno de propósitos espirituais. Entre os princípios da irmandade, está a crença na imortalidade da alma e na reencarnação. A vida persiste dentro do espírito após a morte do corpo segundo os maçons. Mais tarde, a alma reencarna em um novo corpo e segue sua trajetória.

O ocultismo havia chegado definitivamente ao *mainstream*. As teses sobrenaturais, antes defendidas apenas por curiosos e nerds que gostavam de revirar livros obscuros, agora eram apadrinhadas por maçons que decidiam os rumos do mundo ocidental. Emanuel Swedenborg e George Washington estavam no mesmo barco.

Mas era uma relação confusa. A busca de respostas objetivas para os mistérios, um dos motores intelectuais da época, incentivava a pesquisa nos mais variados campos, dos naturais aos sobrenaturais, como mostra a história de Newton e Swedenborg. Os dois, Mesmer e outros faziam parte do mesmo esforço coletivo para compreender o mundo. No entanto, havia um movimento antiespiritual no Iluminismo, um desprezo contra os pensadores que escreviam sobre ideias do além, que estavam muito longe de comprovação por meios racionais. Os pensadores que misturaram os dois campos viveram em conflito. Newton escondeu suas anotações sobre alquimia, mesmo depois de gastar décadas perseguindo a pedra filosofal. Swedenborg demorou para assinar os próprios livros.

Poucos viveram tão intensamente esse duelo quanto Franz Mesmer. Seu magnetismo animal virou uma febre. E depois foi banido. Mesmo no exílio suíço, o médico-místico-maçom continuava sendo uma figura influente do final do século 18. Mesmer já tinha deixado um legado quando foi censurado pela academia e forçado ao isolamento. O magnetismo animal havia sido proibido na França, mas seguia sendo usado como terapia em dezenas de países. Mesmer abriu um campo de investigação científica ocupado por centenas de médicos e aventureiros nas décadas seguintes.

Até sua morte, em 1815, ele recebeu em seu refúgio interessados em aprender mais sobre suas teses. A comunidade científica logo abandonou a hipótese do fluido universal, mas viu futuro nos efeitos do transe nos pacientes. Décadas depois, em 1842, o médico escocês James Braid cunhou o termo *hipnotismo* para descrever aquele estado mental. A expressão ficou consagrada. Hoje, Mesmer é considerado o avô da hipnose, e seus preceitos inspiraram outras doutrinas em ascensão.

O magnetismo era o sonho de todo místico: esclarecia tudo. Qualquer manifestação esquisita podia ser explicada por essa força invisível, fosse ela chamada de fluido universal ou campo magnético. É o caso dos seguidores de Johann Caspar Lavater, um pastor suíço que viveu até 1801. O filósofo e teólogo recuperou a popularidade da fisiognomia, uma técnica de análise do rosto da pessoa que revelaria traços de personalidade e até de diagnóstico de doenças. Influenciados pelo magnetismo, os adeptos de Lavater acreditavam que podiam ler a mente e influir no comportamento de outra pessoa a partir dos conhecimentos de fisiognomia. A força invisível de Mesmer fazia a conexão entre os dois corpos. Mas a maior contribuição de Lavater para a onda mística foi a investigação das propriedades da alma e da comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos, um campo que já havia sido aberto por Swedenborg.

Além disso, as técnicas de indução de transe aprimoradas por Mesmer provocavam reações inesperadas. Algumas pessoas entravam nesse estado mental e começavam a contar histórias inéditas, falar línguas desconhecidas e conversar com pessoas invisíveis. O médico se considerava um cientista e esperava que suas teses fossem ensinadas nas faculdades. Os ocultistas, no entanto, extrapolaram a pesquisa científica e usaram os conceitos hipnóticos do mesmerismo como a base de métodos nada ortodoxos de exploração dos limites da consciência, dos sentidos e da própria vida material. Muitos

suspeitavam que terapeutas magnetizadores canalizavam a ajuda de entidades sobrenaturais, como anjos e espíritos, para curar os doentes.

O núcleo dessa cultura era a Europa. Mas foi do outro lado do Atlântico que a crença em espíritos começou a se espalhar pelo mundo e a ganhar nova proporção. Em 1774, uma mulher chamada Ann Lee, que acreditava ser a reencarnação feminina de Jesus Cristo, saiu da Inglaterra para fundir swedenborguismo, gnosticismo, mesmerismo, hermetismo e outros misticismos nas colônias da América. O mundo dos vivos não seria mais o mesmo. O espiritualismo estava nascendo.

6

Uma moda espiritualista

A doutrina de Allan Kardec é herdeira de um movimento nascido na Europa, mas que pegou fogo mesmo nos Estados Unidos. Uma época em que viver novas experiências espirituais se tornou uma mania cultivada principalmente em uma pequena região do Estado de Nova York.

ANN LEE ERA UMA MULHER humilde de Manchester, na Inglaterra. Teve quatro filhos, mas todos morreram. Abalada com a tragédia familiar, foi considerada louca e levada a um hospício.

Desde 1758, a inglesa era membro de uma seita católica chamada Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo. Era um grupo pacifista e celibatário, que promovia a simplicidade e o trabalho. Mas seus rituais não eram nada discretos, ainda mais para a recatada Inglaterra do século 18. As cerimônias eram recheadas de cantorias, gritos, giros, transes e danças extravagantes e, por isso, a sociedade ficou conhecida pelo nome Shaking Quakers, e seus integrantes, apenas *shakers*. Era uma dissidência do movimento quaker, ou Sociedade dos Amigos, outro grupo cristão pacifista que existe ainda hoje (sim, a marca de cereais Quaker, aquela do homem de chapéu, foi inspirada no movimento). Ann Lee e seus amigos eram, portanto, os “quakers sacolejantes”.

Durante a internação, a mulher teve uma epifania: sentiu que havia sido escolhida como a nova reencarnação de Jesus Cristo. Ann Lee ganhou alta do sanatório e carregou a bandeira do celibato com vigor. Discursava sobre mensagens divinas que teria recebido e se tornou líder dos Shaking Quakers de Manchester. Mas seu comportamento excêntrico perturbava a sociedade local. Ann Lee apanhou, foi presa e acusada de feitiçaria. Em 1774, cansada de perseguição, ela entrou em um barco no porto de Liverpool junto de oito seguidores e abandonou a Inglaterra.

Dois anos depois de desembarcar na América, os shakers viviam em uma pequena colônia ao norte de Manhattan. O terreno era pantanoso, o inverno horrível e o verão, úmido. As condições geográficas desafiavam a prosperidade dos imigrantes, mas, ainda assim, os apóstolos eram otimistas e batizaram a área como Vale da Sabedoria. Ann Lee, a essa altura já conhecida como Mother Ann, e seus seguidores chamaram a atenção da vizinhança. Embora fossem pacifistas, os shakers eram ingleses. Os americanos haviam se tornado independentes da Inglaterra em 1776, e os estranhos ritos da seita de imigrantes foram vistos com muita desconfiança pelos vizinhos. Mother Ann foi acusada de espionagem, heresia, bruxaria e conspiração, e passou uns dias na prisão.

Aos poucos, boatos se espalhavam a respeito do misterioso e esquisito grupo de celibatários que pulavam, giravam e diziam falar com os mortos, liderados por uma versão feminina de Jesus. Os shakers se tornaram uma curiosidade da região. E o interesse aumentou em 19 de maio de 1780,

quando um fenômeno ainda hoje inexplicado apavorou o nordeste americano. Perto do meio-dia, o céu ficou totalmente preto. Só podia ser a chegada do Apocalipse! O povo, afinal, lembrou-se das profecias de Mother Ann, que, no seu delírio messiânico, pregava contra a degradação do mundo e pedia a retomada dos valores cristãos. Além do mais, a volta do filho de Deus estava prevista na Bíblia, e o dia do retorno se assemelhava muito àquele estranho 19 de maio:

E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.
Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. (Mateus 24:29-31)

No dia seguinte, o céu voltou ao normal. O Dia Escuro, ou Dark Day, ficou famoso. O inusitado acontecimento pode ter sido apenas o resultado de um grande incêndio florestal que cobriu a região com fumaça. Mas pouco importa, os crentes ligaram os pontos: o Sol escureceu e havia uma mulher que dizia ser a reencarnação de Cristo a poucos quilômetros. O evento agitou a fé de muitos cristãos, que interpretaram o Dia Escuro como uma convocação. Uma enxurrada de novos adeptos chegou à colônia shaker ao longo dos meses e anos seguintes para jurar fidelidade à messias.

Mother Ann morreu em 1784, mas seu legado perdurou. Ela se tornou uma lenda, uma figura transcendental cujos ensinamentos guiavam a seita. Com o crescimento da população shaker, o Vale da Sabedoria virou a incubadora de uma nova religiosidade, onde o cristianismo se misturava com transes e reencarnação. Entre eles, havia a crença de que seres do além estavam em marcha para visitar o mundo dos vivos. As colônias shakers se espalhavam pelos Estados Unidos e disseminaram seus rituais performáticos e visões de anjos.

A posição geográfica do Vale da Sabedoria ajudava a popularizar o evangelho de Mother Ann pelo território americano. A região ficava próxima ao litoral do Atlântico, onde desembarcavam hordas de imigrantes europeus em busca das oportunidades do novo país, cheio de terras disponíveis. Muitos deles já haviam visto demonstrações de alquimia ou passado por tratamentos magnéticos nos seus países de origem. Depois de

desembarcar de Nova York ou Boston, cruzavam as imediações de colônias shakers em busca de um local para se estabelecer. Histórias de maçons, Mother Ann, Cagliostro, Mesmer e Swedenborg ajudavam a passar o tempo nas longas viagens de charrete.

A maioria dos ingleses e irlandeses desembarcados na costa leste americana era protestante e, portanto, alinhada com as teses de Lutero e sua livre interpretação da Bíblia – diferentemente dos católicos, que seguiam as diretrizes do papa. Para luteranos, batistas, metodistas e anglicanos, os sermões que incorporavam discursos místicos às lições de Jesus eram sedutores. As ideias de Swedenborg eram particularmente bem aceitas. O sueco defendia que a vida (na Terra ou no além) não é pré-definida por Deus ou qualquer outra força. Podemos moldar nosso destino com as nossas atitudes segundo o nórdico – uma dose de livre-arbítrio em sintonia com o espírito de aventura de quem cruzava o Atlântico em busca de uma vida melhor na terra das oportunidades. A influência das colônias shakers e dos protestantes transformou o perfil da região, apelidada de Burned-Over District, o Distrito Incendiado, uma referência ao fervor (ou “fogo”) dos fiéis e aos incêndios florestais, comuns por lá. Ocupando um raio de cerca de 500 km no Estado de Nova York, o distrito atraiu milhares de pessoas com crenças religiosas abertas a práticas pouco convencionais.

O movimento místico-cristão ficou conhecido como o Segundo Grande Despertar – o primeiro havia ocorrido um século antes. Era uma tentativa de retomada dos valores cristãos, mas sob uma visão mais romântica, emocional e sobrenatural. Nem todos fiéis cultivavam rituais paranormais, mas a proximidade e a influência mútua entre os movimentos fazia com que a tradição mística desde Swedenborg e Mesmer fosse bem aceita na comunidade. Os religiosos estavam cansados da racionalidade do Iluminismo e passaram a abraçar novas ideias, como a existência de espíritos, e ajudaram a forjar uma nova – e abrangente – corrente de pensamento, o Romantismo. A onda romântica foi muito além do cristianismo e atingiu a arte e o pensamento da Europa e das Américas. Foi um período em que virou moda cultivar experiências com a natureza, explorar paisagens bucólicas e valorizar sentimentos intensos, como o amor impossível e o medo e a excitação de conversar com fantasmas. Uma época em que *sentir* era tão importante quanto *raciocinar*.

Os shakers e os pastores protestantes do Segundo Grande Despertar foram produtos típicos do Romantismo. Mas também foi um movimento de forte

apelo intelectual no campo dos ideais éticos. Os pastores do Burned-Over District eram abolicionistas, por exemplo, e o combate à escravidão na região foi fundamental para fortalecer o racha que levou à Guerra Civil americana. Também defendiam a igualdade de gênero, um conceito extremamente progressista na época. Mais tarde, os religiosos de Nova York, que misturavam celibato e simplicidade, tiveram influência no movimento da "temperança", que levou à Lei Seca nos Estados Unidos, aprovada em 1919.

Por volta de 1820, o movimento shaker estava agrupado em 16 comunidades espalhadas pelos Estados Unidos e somava 4 mil membros. O apogeu da seita se deu a partir de agosto de 1837, quando meninas de 10 a 14 anos começaram a tremer e rodopiar em uma assembleia realizada em um assentamento shaker. Após o surto, à noite, três delas cantaram músicas desconhecidas, desenharam imagens fantasmagóricas e descreveram viagens celestiais guiadas por espíritos. Nos dias seguintes, outros jovens passaram por transes semelhantes. Mais tarde, adultos vivenciaram os fenômenos. A pessoa chacoalhava, pulava e dava giros pelo recinto. Às vezes, caía no chão e ficava lá como um morto até que alguém tentasse socorrê-la. De pé, o possuído recuperava a compostura, começava a falar com muita clareza subitamente e despejava revelações do além. Em 1838, um shaker chamado Philemon Stewart teve um surto desses. Dizia estar se comunicando diretamente com Jesus e Mother Ann.

Foi o início de uma nova fase, quando casos parecidos passaram a ser relatados em diversas comunidades, período conhecido como Os Trabalhos de Mother Ann. A temporada de diálogos com fantasmas durou quase 15 anos e deu ainda mais exposição para a seita.

O movimento shaker, após o ápice, passou a viver uma decadência por uma série de razões, incluindo aí o celibato. Sem filhos, era difícil aumentar o número de fiéis. Hoje, uma única comunidade shaker resiste ao tempo na cidade de New Gloucester, no Maine. Mas os relatos de transes e conversas com espíritos foram amplificados com força suficiente para plantar e adubar a semente espiritualista em terras ianques. Um dos frutos foi o nascimento de um menino em Blooming, Nova York, no ano de 1826.

Em meio à explosão mística da região, Andrew Jackson Davis era um aprendiz de sapateiro de uma família pobre que dizia ouvir vozes. Aos 17 anos, ele assistiu a uma série de palestras de um médico mesmerizador chamado J.S. Grimes. Em um dos encontros, Davis foi submetido ao transe

hipnótico desenvolvido por Mesmer e teve uma visão estranha. De uma hora para outra, enxergava o corpo dos presentes como se fossem transparentes. Coração, pulmão, estômago e fígado brilhavam, mas alguns órgãos cintilavam mais do que os outros, e o jovem concluiu que a redução de luminosidade era sinal de fraqueza. Com esse método, teria diagnosticado corretamente as doenças de alguns presentes. Essas demonstrações de mesmerismo eram populares. Chamavam a atenção como forma de tratamento médico, mas também como pura diversão. Mesmerizadores corriam os Estados Unidos apresentando verdadeiros shows onde induziam voluntários ao transe e criavam situações embaraçosas para os participantes, que se deixavam levar pela hipnose – e muitas vezes tinham visões místicas.

No ano seguinte, em 1844, Davis percebeu uma força esquisita agindo sobre o seu corpo numa noite de março. Ele sentiu seu corpo voando. Quando recobrou a consciência, na manhã seguinte, estava nas montanhas Catskill, a 100 km de onde morava, a cidade de Poughkeepsie. No local, teria encontrado o filósofo e médico grego Galeno e ninguém menos do que Emanuel Swedenborg. Ambos mortos havia muito tempo, é claro. Davis dizia que recebeu revelações espirituais de ambos, mas foi o sueco que pautou a sua vida dali em diante. O encontro incentivou o jovem a dar palestras sobre os ensinamentos de Swedenborg. Ele viajava junto de um magnetizador e do reverendo Fishbough. Nos encontros, Davis entrava em transe e despejava suas visões sobre os homens, o céu, a Terra, os animais, astronomia, sobre o Universo. O reverendo anotava tudo.

Depois de 15 meses, Fishbough e Davis transformaram as revelações no livro *Os Princípios da Natureza*, publicado em 1847. A filosofia espiritualista apresentada na obra era bastante semelhante às ideias de Swedenborg, o que trouxe desconfiança sobre o quanto Davis havia estudado a respeito do sueco antes de começar o tour. Ambos defendiam a reencarnação, o livre-arbítrio e a evolução dos espíritos através das vidas sucessivas. Mas, para os simpatizantes do movimento, era um sinal de que o jovem era apenas um médium ditando as palavras do místico do século 18, o precursor da onda espiritualista.

No livro, Davis deixou um trecho profético.

É verdade que os Espíritos se relacionam entre si, estando uns no corpo humano e outros em esferas elevadas. Isso se dá mesmo que a pessoa, no

corpo, inconsciente do que ocorre, não perceba o fato. Essa verdade se apresentará brevemente na forma de viva demonstração, e o mundo saudará, com deleite, o surgimento da era em que as faculdades interiores do ser humano serão abertas ao intercâmbio espiritual, tal como já acontece com os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno.

Meses depois, no início de 1848, a família Fox começou a ouvir batidas nas paredes e na mobília de casa antes de dormir. Eles moravam em uma residência de madeira no vilarejo de Hydesville, cidade de Arcadia, a quase 400 km de Poughkeepsie, onde vivia Davis, e 300 km do assentamento shaker fundado por Mother Ann. Era o coração do Burned-Over District.

Sons estranhos eram comuns no inverno. Os ventos da região jogavam galhos de árvores contra o teto e as paredes. Pequenos animais circulavam atrás de móveis em busca de restos de comida e refúgio do frio, e a casa tinha tábuas soltas no piso, no teto e nas laterais. Mas, em 1848, a situação ficou mais extrema na residência dos Fox. Camas tremiam e objetos saíam do lugar com as batidas noturnas que vinham do teto, das portas e das paredes. A família dormia junta no mesmo quarto. Os pais, Margaret e John, dividiam uma cama. As irmãs Maggie e Kate, de 14 e 11 anos, dormiam em outra. Às vezes, a família recebia a visita de um dos outros quatro filhos que já tinham saído de casa. Todos ouviam as batidas, mas os barulhos só ocorriam quando as meninas estavam presentes e acordadas.

Na noite de 31 de março, Kate decidiu copiar o ritmo dos estampidos com os dedos. Maggie entrou na brincadeira e bateu palmas quatro vezes. Quatro batidas misteriosas se seguiram. A mãe tentou outra abordagem: pediu que o ruído contasse até dez, mas não fez qualquer som. Os Fox ouviram dez golpes em sequência. Margaret, então, perguntou ao visitante invisível quais eram as idades das filhas, e a resposta veio em forma de batidas no número certo.

A família ficou aterrorizada. Algo ou alguém estava tentando se comunicar. Para tirar a dúvida, a mãe questionou se o visitante era humano. Silêncio. Margaret perguntou se a família estava sendo visitada por um espírito e pediu dois toques como confirmação. Duas batidas responderam. A mãe seguiu a entrevista no método das perguntas e pancadas. Descobriu que era um espírito em sofrimento, sua idade e que seu corpo havia sido enterrado embaixo da casa. O suposto espírito garantiu que seguiria se

comunicando se a família trouxesse outras pessoas para testemunhar o fenômeno.

Por volta das 20h, John saiu de casa em busca de uma vizinha. Mary Redfield ouviu o diálogo de perguntas e batidas e voltou para contar tudo ao marido. O homem passou em outros vizinhos e levou o grupo para testemunhar o fenômeno. Uma hora depois, mais de dez pessoas se amontoavam no quarto da família Fox. As meninas se abraçavam, aparentemente apavoradas. A noite avançava sem que alguém cogitasse que tudo poderia ser apenas uma brincadeira de 1º de abril, que chegaria em poucas horas.

Diante da plateia, o espírito forneceu mais informações sobre sua morte (fora degolado cinco anos antes) e sobre onde estava enterrado (três metros abaixo do porão). Era um caixeiro-viajante chamado Charles B. Rosna que havia sido assassinado por um ex-morador do bairro chamado John Bell, que lhe roubou US$ 500, uma fortuna na época. A família deixou a casa naquela noite.

Sem ter qualquer contato com os acontecimentos de Hydesville, Andrew Jackson Davis fez uma anotação profética no seu diário naquele mesmo 31 de março:

> *Ao amanhecer deste dia, uma brisa morna roçou-me a face e eu ouvi uma voz, suave e forte, dizendo: "Irmão, o bom trabalho começou. Contempla a manifestação viva que surge". Fiquei refletindo sobre o sentido dessas palavras.*

No dia seguinte, 1º de abril, o festival de batidas recomeçou. Mas a notícia havia se espalhado, e centenas de pessoas transitavam pela casa dos Fox. O interrogatório espiritual continuou e, sanadas as questões mais objetivas sobre o morto, os presentes passaram a questionar o visitante sobre temas espirituais, filosóficos e existenciais. Os homens vasculharam a casa atrás de uma explicação para o fenômeno e cavaram o porão na tentativa de encontrar um esqueleto – sem sucesso.

A imprensa se interessou pelo assunto. E. E. Lewis, um jornalista da região, entrevistou participantes das sessões de comunicação com o espírito e publicou um relato. O jornal *Western Argus* entrou na história na edição de 12 de abril. A notícia se espalhou pela região. Embora o Burned-Over District já fosse a Meca da crença sobrenatural e muitos habitantes

estivessem inclinados a aceitar relatos dessa natureza, parte dos vizinhos era cética quanto à veracidade do fenômeno. O debate sobre o que de fato estava ocorrendo no endereço da família Fox ganhou as ruas, as igrejas, as praças e a imprensa. Membros da família Weekman, que havia habitado a mesma residência no passado, disseram que também ouviam sons estranhos na época em que moravam lá. Uma mulher garantiu ter visto o acusado de assassinato, John Bell, receber um caixeiro-viajante anos antes. Todos depoimentos e polêmicas só ajudaram a divulgar a fama da casa assombrada. As irmãs viraram a grande atração do distrito.

Dias depois, a história chegou aos ouvidos de Leah, filha do casal Fox que já havia saído de casa, moradora de Rochester, a maior cidade das redondezas, com 70 mil habitantes. A irmã mais velha visitou os pais no mês de maio de 1848 e, impressionada, convenceu a família de que as garotas precisavam ser separadas e afastadas da residência fantasmagórica. Kate passou uma temporada com a irmã em Rochester, mas não adiantou: os barulhos seguiram ocorrendo em qualquer lugar na presença das irmãs mais novas. Convicta de que elas realmente conseguiam se comunicar com espíritos (ou antecipando a possibilidade de ganhar um troco com o talento das meninas), Leah levou a dupla para a cidade grande, onde pretendia desenvolver todo o potencial das médiuns.

Rochester também vivia o frisson romântico que misturava o novo cristianismo com o mundo sobrenatural. Líderes religiosos e intelectuais se interessaram pela nova atração local e requisitaram demonstrações. Elas passaram por dezenas, talvez centenas de sessões, e nenhum truque foi constatado. As irmãs Fox estavam famosas.

Uma grande exibição dos poderes das meninas foi marcada para o dia 14 de novembro de 1848, no maior salão de Rochester. Anúncios foram publicados nos jornais, chamando o público para decidir por conta própria se o fenômeno era real ou não. Bastava comprar o ingresso de 25 centavos. Centenas de pessoas pagaram, e a sessão foi aberta por uma liderança local, que comparou o fenômeno às descobertas de Galileu e Newton. As batidas apareceram e responderam a perguntas. Uma comissão de autoridades analisou as irmãs, que foram inclusive despidas em uma sala ao lado do palco. Nada foi encontrado. Leah se tornou uma espécie de agente das meninas, e as demonstrações públicas continuaram por diversas cidades.

Depois de quatro anos, em 1850, as garotas se mudaram para Nova York em busca de plateias influentes. Além das apresentações públicas para

dezenas de pessoas, elas faziam performances menores, ao redor de uma mesa. Nesses encontros exclusivos, as mesas “falavam” por meio de batidas e se mexiam sozinhas.

As sessões na metrópole eram realizadas diante de notáveis, entre eles Horace Greeley, fundador do jornal mais popular da cidade, o *New-York Daily Tribune*. O publisher era um homem influente. Em 1872, concorreu à presidência dos Estados Unidos, mas foi derrotado pelo general Ulysses S. Grant. Depois de participar de algumas apresentações e de até receber as irmãs Fox na própria casa, Greeley escreveu um artigo no diário atestando a sua fé nas garotas:

Em nossa residência, incluída entre as visitadas, as supostas manifestações dos Espíritos foram submetidas a ampla e profunda investigação.

Sacrificamos três dias de nossas obrigações para dedicá-los a tais experiências. Seria, portanto, profunda covardia não afirmarmos a plena convicção na perfeita integridade e boa-fé da Sra. Fox e suas filhas, no que diz respeito a essas manifestações. Seja qual for a causa das batidas, certamente não são as senhoras, em cuja presença elas ocorrem, que as produzem. Isso nós verificamos até ficarmos plenamente convencidos.

Com o carimbo de um dos jornais mais lidos dos Estados Unidos, a história das irmãs viajou para a Europa.

O caso da família Fox é considerado o marco inaugural do espiritualismo – e, de certa forma, do espiritismo. Allan Kardec e Chico Xavier não teriam espaço na sociedade para desenvolver seu trabalho e conquistar multidões se as garotas de Hydesville tivessem optado pelo anonimato. Ou se as meninas habitassem outra região do planeta.

O fervor místico do Distrito Incendiado catapultou a fama das irmãs, e a região se tornou a Jerusalém do movimento espiritualista.

Falar com os mortos já estava em voga desde Emanuel Swedenborg. Mesmo antes do sueco, circulavam teorias e técnicas para explicar e explorar fenômenos ainda incompreendidos. A redescoberta da cultura ocultista flertava com a ideia de que podemos nos comunicar com o além e praticar atos de magia. E o fluido universal de Mesmer havia fornecido uma hipótese popular para explicar todos esses episódios intrigantes.

Mas foi somente com Maggie, Kate e Leah que se consolidou uma técnica de comunicação com os espíritos. Até então, médiuns como Swedenborg e Andrew Jackson Davis diziam conversar com espíritos a partir de uma experiência essencialmente pessoal, intransferível e irreproduzível. Na plateia das irmãs Fox, qualquer um podia fazer uma pergunta para um espírito e receber uma resposta objetiva. Além disso, as garotas protagonizaram o primeiro episódio verdadeiramente popular de comunicação com espíritos.

Davis ficou famoso por ter antecipado o acontecimento, lançou novos livros e virou um dos maiores líderes do movimento. Tornou-se uma espécie de profeta espiritualista, e entrou para a história como o Vidente de Poughkeepsie.

Do outro lado do Atlântico, a herança do ocultismo seguiu seu curso enquanto o novo cristianismo americano fervia. Paris e Londres haviam se tornado as capitais do universo místico europeu, com lojas maçônicas movimentadas e surgimento de outras sociedades secretas ou experimentais. No entanto, a moda espírita ganhou uma dimensão muito maior na Europa depois que dois médiuns cruzaram o oceano.

O caso das irmãs Fox incentivou outras pessoas com supostos poderes paranormais a apresentar seus talentos em público. Uma delas foi Maria Hayden, uma médium de Boston que, assim como as garotas de Hydesville, respondia a perguntas por meio de batidas misteriosas. Em outubro de 1852, Hayden foi para a Inglaterra, onde fez uma turnê de um ano pela ilha. As demonstrações ganharam cobertura da imprensa (contra e a favor) e chamaram a atenção de cientistas, que pediram mais investigação para os fenômenos. A médium converteu pelo menos dois intelectuais ingleses ao espiritualismo: o matemático e filósofo Augustus de Morgan e o socialista Robert Owen.

Daniel Dunglas Home era outro paranormal que vinha desenvolvendo seus supostos poderes desde 1850, exatamente o ano no qual a fama das irmãs explodiu em Nova York. Ele morava no Estado de Connecticut, vizinho ao Distrito Incendiado, e fez uma demonstração impressionante em agosto de 1852: levitou até o teto, e o episódio foi relatado no jornal *Hartford Times*. Em 1855, Home desembarcou na Inglaterra e seguiu apresentando seus talentos na terra da rainha Vitória.

O intercâmbio pelo Atlântico transformou as noites da burguesia europeia, sobretudo em Paris. Inspirados nas notícias, grupos de amigos passaram a

se reunir à noite para tentar reproduzir os fenômenos de Home, Hayden e da família Fox. A brincadeira mais popular era uma adaptação dos rituais apresentados pelas meninas de Hydesville em eventos pequenos, destinados a públicos restritos. Os participantes sentavam ao redor de uma mesa, colocavam as mãos espalmadas sobre o tampo e, unidos pelas pontas dos dedos, esperavam algo acontecer enquanto batiam papo. Surpreendentemente, os encontros produziram uma porção de relatos de mesas que giravam, faziam barulhos e saltitavam sem qualquer razão aparente. Algumas chegavam a "levitar", "dançar" e responder às perguntas dos presentes por meio do sistema popularizado pelas irmãs Fox. Como uma lenda urbana, essas descrições começaram a circular pelas cidades rapidamente na primeira metade da década de 1850. E assim surgiu a moda das "mesas girantes". Nada muito diferente do "jogo do copo" praticado no Brasil, aquela brincadeira na qual participantes colocam o dedo indicador sobre um copo, que parece se mover sozinho sobre um tabuleiro com letras e números para responder a perguntas.

O fenômeno foi explicado pela ciência em 1852, em meio ao frenesi das mesas girantes. Depois de realizar uma série de experimentos, o físico e químico Michael Faraday conseguiu comprovar que as mesas eram movidas "sem querer" pelos participantes com impulsos discretos e imperceptíveis. O fenômeno é conhecido como "efeito ideomotor" pelos cientistas. No momento em que acreditamos que objetos podem se mexer sozinhos, nós damos um empurrãozinho inconsciente (basta estar com as mãos sobre eles). São automatismos: ações humanas que ocorrem num nível irracional. Ou seja, os participantes não chegam a perceber conscientemente que estão ajudando no movimento da mesa, mas a soma dos microempurrões de todos os presentes produz efeitos aparentemente mágicos. Ninguém na sala sente que tomou a atitude voluntária de mover a mesa ou que fez qualquer esforço. Logo, o episódio só pode ser explicado por uma força exterior – um espírito. Numa época dominada pela onda romântica, a descoberta de Faraday fez pouco sucesso. Mas o fenômeno atraiu diversos estudiosos. Alguns associaram os giros ao magnetismo de Mesmer.

O pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail era um desses intelectuais intrigados pelos relatos. Em 1855, o professor e autor de livros educacionais usados nas escolas francesas encontrou um certo senhor Carlotti, amigo de longa data e dono de restaurante, que lhe contou causos incríveis de mesas voadoras e de encontros frequentados pelos mortos. O amigo disse ainda

que as mesas eram inteligentes e batiam no chão em resposta a perguntas. Aos 50 anos, Rivail não era virgem no campo místico: o professor havia estudado mesmerismo e sonambulismo com fervor. Curioso, aceitou o convite para ver uma das sessões.

Às 8 horas da noite de uma terça-feira de maio, Rivail chegou ao número 18 da rua Grange-Batelière, em Paris. Entrou na casa de uma senhora chamada Plainemaison e ficou aturdido com as experiências que para sempre mudariam a sua vida. Diante de seus olhos, como ele mesmo escreveria anos mais tarde, "mesas pulavam e corriam" pelo cômodo da mansão, em movimentos que não deixavam nenhuma dúvida de que estava frente a forças ocultas. Na mesma noite, viu ainda uma tentativa de escrita mediúnica e teve a certeza de que espíritos queriam se comunicar. Deixou a casa decidido a voltar e a investigar a fundo os fatos absurdos, que ainda não conseguia compreender.

Os meses seguintes transformariam definitivamente a vida do professor. Ele presenciou muitas outras vezes os fenômenos tanto na casa da senhora Plainemaison como em outros lares de Paris. Na mansão da família Boudin, passou a contar com a ajuda de duas médiuns adolescentes. Rivail perguntava em voz alta o que gostaria de saber sobre o mundo dos mortos e recebia as respostas em psicografias. Em vez de encarar os encontros como mero divertimento, o professor sentiu que as revelações tinham valor metafísico e podiam mudar a compreensão do homem sobre a vida. Colocou-se no papel de pesquisador durante as sessões. Aos poucos, buscou a ajuda de outros médiuns para coletar e revisar as informações.

Mas, em abril de 1856, um certo Espírito da Verdade baixou em uma das médiuns que trabalhavam com o professor e disse que sua responsabilidade ia além da investigação. Ele era o escolhido para divulgar uma nova doutrina e fazer uma revolução no pensamento, na ética e na vida humana. Ia dar muito trabalho e exigir sacrifícios, avisou o espírito, que recomendou muita disciplina, humildade e discrição. Rivail aceitou a missão.

As supostas revelações sobre o que eram, de onde vinham e para onde iam os espíritos foram reunidas ao longo de quase dois anos. No papel, o professor organizou a bagunça espiritualista que havia tomado conta da Europa e dos Estados Unidos, turbinada por Swedenborg, Mesmer, Mother Ann, Andrew Jackson Davis e as irmãs Fox. O resultado virou uma coletânea de 501 perguntas e respostas: *O Livro dos Espíritos*. Lançado em 18 de abril de 1857, a obra defendia uma ideia simples na sua essência: todo

humano é habitado por um espírito que segue vivo depois da morte do corpo e que pode evoluir a cada reencarnação na Terra. Com esse conceito, Rivail amarrou muitas tendências místicas em torno de uma doutrina coerente, que resolvia inúmeras dúvidas sobre os supostos visitantes do além que iam e vinham sem aparente razão.

Mas, antes de autorizar a impressão, Rivail decidiu usar o pseudônimo de Allan Kardec na capa do livro. O professor contou que optou pela troca inspirado por um espírito brincalhão chamado Zéfiro, um dos mais prolíficos nas sessões de psicografia que serviram de base para o livro. Os dois teriam convivido quando eram celtas do primeiro século antes de Cristo. Na época, o professor atendia por Allan Kardec. Mas o novo nome pode ter sido uma mera manobra de Rivail para manter distância do projeto espírita caso a recepção da nova doutrina naufragasse. Ele era um autor científico respeitado e um eventual boicote ao seu trabalho poderia lhe custar o fim das vendas dos livros didáticos às escolas francesas.

Levar adiante a missão significava provocar impacto. Era preciso dar um novo nome ao conjunto de ensinamentos. Naquela época, a palavra espiritualismo já tinha uso comum e estava associada a uma miríade de crenças e práticas. Para não ser confundido com shakers e outros espiritualistas, Kardec teria sido orientado pelos espíritos a criar o termo *espiritismo.* Em resumo, todo espírita é espiritualista, mas um espiritualista pode crer em uma grande variedade de correntes que lidam com espíritos. No livro, ele dá a sua definição para a doutrina:

> *A crença espírita, ou o espiritismo, consiste em acreditar nas relações entre o mundo físico e os seres do mundo invisível ou espíritos.*

Como as informações teriam vindo dos espíritos, nada disso seria criação da mente do professor – de acordo com a narrativa do movimento, ele apenas passou o recado adiante. Portanto, ele não podia ser considerado fundador da nova crença. Por isso, ficou conhecido como o *codificador* do espiritismo.

Mil e quinhentos exemplares de *O Livro dos Espíritos* foram impressos e colocados à venda em Paris. Esgotaram-se em dois meses.

As repercussões eram imensas. O livro reunia ideias fortes: a existência de Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação, a evolução dos seres, a pluralidade de mundos, a possibilidade de comunicação com os espíritos por meio da mediunidade e o poder da caridade como caminho para a

evolução. Em meio ao processo de coleta de informações, Kardec percebeu que pisava em terreno pantanoso. As lições do além davam uma nova interpretação para Deus, o Universo e o sentido da vida. Era um pacote completo. Mas, então, o que era o espiritismo? Uma religião? Ciência? Filosofia? Doutrina?

Kardec se esforçou para evitar que as revelações das obras fossem entendidas como uma nova religião. Professar uma nova fé colocaria o espiritismo em conflito com a Igreja – e reduziria as chances de sucesso da sua missão. Ele esperava que as lições ganhassem o status de filosofia com base científica voltada para o aperfeiçoamento moral do homem. Ou uma doutrina, um conjunto coerente de ideias que oferece explicações fundamentais para a vida e o mundo. A palavra pegou no movimento espírita. Mas até o marxismo pode ser entendido como uma doutrina. Ou seja, o termo não dá conta da dimensão do espiritismo.

Hoje, fica claro que Kardec fracassou na tentativa de afastar a doutrina da esfera religiosa. O espiritismo não encontrou respaldo na ciência e sua sobrevivência depende da crença dos fiéis. Seu valor está no conjunto de respostas que se arrisca a dar. Tudo pode ser explicado pelo espiritismo. Tudo mesmo: o sentido da vida, onde estamos, para onde iremos. Nenhuma filosofia, nenhuma ciência tem essa pretensão. Só as religiões se atrevem a dar tamanha coleção de respostas. Logo, a doutrina de Kardec, de fato, é uma religião.

Mas o esforço de Kardec para dar ares laicos à doutrina transformou o espiritismo em uma religião diferente. Seus livros fundamentais foram escritos em linguagem simples e objetiva, sem o tom solene da Bíblia ou do Corão. É uma crença sem ritos. Não há cerimônias para casamento, enterro ou batismo. Os templos são os centros espíritas, que não passam de casas muito simples e discretas. Os sacerdotes (os médiuns) não usam coroas, batas adornadas ou cajados. Não há hierarquia. Comparada aos rituais da maçonaria (que nem religião é), por exemplo, uma sessão espírita parece um grupo de estudos para o Enem.

Kardec e seus espíritos também acreditavam que os ensinamentos comungavam com crenças cristãs. Era possível, inclusive, conciliação. Deus, os santos, a caridade: o espiritismo abraça tudo isso. No entanto, há diferenças. Uma das principais é a volta dos espíritos à Terra por meio de um novo corpo, a reencarnação, um conceito inexistente no cristianismo, que admite apenas a ressurreição, ou seja, a volta da morte com o *mesmo*

corpo. Mas é um recurso de luxo, disponível para poucos. A ruptura mais severa entre espíritas e cristãos se revela justamente no papel do filho de Deus na história. Kardec encara Jesus como um espírito altamente elevado, talvez a mais sofisticada das almas, figura que merece toda a reverência. Mas ele não seria filho de Deus.

Outra diferença está na capacidade dos vivos de traçar o próprio destino. No cristianismo, alcançamos céu ou inferno a partir das nossas condutas, como no espiritismo, mas o perdão aos pecados cabe somente a Deus. Ele é misericordioso e transborda amor, mas há limite até para a paciência divina: quem abusa não tem salvação e acaba no fogo eterno. Uma vez ardendo no inferno, não se conhece rota de fuga. O espiritismo introduziu uma novidade: a salvação irrestrita. Até os espíritos mais danados podem se aperfeiçoar ao longo das sucessivas reencarnações. Basta querer, e o livre-arbítrio promovido pelo espiritismo se tornou um dos pilares da crença. Cada jornada no mundo dos vivos é uma oportunidade para o espírito repensar seus atos, reverter comportamentos errados de vidas passadas e ajudar o próximo. Toda vez que desencarna, o espírito que busca a evolução vai conviver com almas sucessivamente melhores, em planos espirituais mais agradáveis, como Nosso Lar, e seguir adiante na sua jornada de aperfeiçoamento até os planos superiores, onde a existência, dizem os informantes de Kardec e Chico Xavier, é verdadeiramente divina. Com essa ideia, o espiritismo contornou a punição eterna que tanto assusta os católicos.

Mas todos esses detalhamentos vieram aos poucos. Na *Revista Espírita*, que fundou em 1858, o francês divulgou por dez anos textos complementares, mensagens psicografadas e notícias da onda espírita pelo mundo. Três anos depois de *O Livro dos Espíritos*, Kardec publicou uma segunda edição, revista e ampliada para 1.019 questões. Até sua morte, em 1869, publicou mais quatro obras: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, que, junto com *O Livro dos Espíritos*, reúnem a base da doutrina.

Nas cartas de Chico, há uma profusão de menções à Jesus. Muitos espíritas se enxergam como católicos e acham normal receber um passe sábado à noite e uma benção na missa de domingo. A tentativa de conciliação com a Igreja naufragou, no entanto. Em 1861, Kardec enviou 300 exemplares de obras espíritas para um livreiro de Barcelona. A encomenda foi apreendida pelo bispo local, que ordenou a queima dos

livros em praça pública. Em 9 de outubro, orientado por um padre que segurava uma cruz e uma tocha nas mãos, um carrasco comandou a queima das obras diante de uma pequena multidão. Em 1864, o *Livro dos Espíritos* foi incluído no *Index Librorum Prohibitorum*, lista de obras que não podiam ser lidas pelos fiéis católicos. O livro também foi criticado por céticos, que viram ali não mais que uma bem elaborada trama mística.

Do ponto de vista cultural, o conjunto da obra de Kardec refletiu perfeitamente seu tempo. Somou a tradição cristã ao romantismo do século 19 e buscou a validação da academia, algo compreensível em uma era profundamente influenciada pelos avanços científicos tão visíveis e presentes na rotina europeia após a Revolução Industrial. Kardec parecia inspirado pelo positivismo, a escola filosófica que valorizava o conhecimento obtido pela experiência e a verificação – técnica que o professor acreditava ter aplicado aos espíritos. A Inglaterra era o grande império da época e estava metida em esforços de ampliação do comércio e colonização na Índia e na China. Ideias e produtos orientais invadiram a Europa, incluindo conceitos budistas e hinduístas, como reencarnações, almas e karmas – a lei espiritual de causa e efeito que prevê consequências em vidas futuras para atos cometidos no presente.

Kardec teria se baseado em tudo isso para consolidar a religião? Na narrativa espírita, não. Ele simplesmente recebeu as informações dos espíritos e as colocou no papel. Se outras filosofias, teses e crenças compartilham das mesmas ideias, é sinal que *a verdade* espírita chegou de alguma forma a outras pessoas, que talvez até fossem médiuns.

O espiritismo fez sucesso nos primeiros anos. Mas Kardec não se tornou exatamente o grande líder do movimento espiritualista. Quando *O Livro dos Espíritos* foi publicado, era tarde demais para dar coesão à epidemia generalizada de pessoas que diziam ser capazes de falar com os mortos. Até porque Kardec não era médium, e aqueles que falavam com espíritos eram as principais estrelas do circuito místico. Ele foi um intelectual que se viu na missão de dar ordem ao caos.

Muitos espiritualistas seguiram atuando à margem do espiritismo, como Helena Blavatsky, uma russa versada em filosofias ocultas. Desde a infância, a menina rica da aristocracia dizia possuir habilidades especiais e amigos invisíveis. Quando completou 17 anos, foi obrigada a casar com um homem muito mais velho, entrou em desespero e fugiu para percorrer o mundo. Nos 25 anos seguintes, Madame Blavatsky passou por boa parte da

Ásia e das Américas, além da Europa. Em cada lugar, procurava reunir conhecimentos ocultos ligados ao espiritualismo, ao budismo, à cabala...

Helena chegou a fundar uma sociedade espírita em Paris para seguir a doutrina de Allan Kardec. Mas, em 1872, foi mais uma vez aos Estados Unidos, onde conheceu Henry Steel Olcott e William Quan Judge, com quem fundou a Sociedade Teosófica, em Nova York, em setembro de 1875. Era uma organização dedicada ao estudo da teosofia, uma nova doutrina que buscava a "sabedoria divina" encontrada na raiz de todos os credos e poderes sobrenaturais. Dois anos mais tarde, Blavatsky publicou o livro *Ísis Sem Véu*, uma obra doutrinária que teria sido ditada por diversos espíritos e que mistura elementos filosóficos, religiosos e científicos de diversas religiões e culturas. Kardec ganhava concorrência.

A teosofia logo atraiu interessados no mundo inteiro e foi criticada tanto por religiões tradicionais como pelo espiritismo. Em 1878, Blavatsky levou o grupo teosófico para a Índia e, pouco depois, para Londres. Foi na Inglaterra que ela publicou a sua principal obra, *A Doutrina Secreta*, que trata da evolução do Universo e dos homens e reinterpreta os símbolos fundamentais das grandes religiões e mitologias. Madame Blavatsky se apresentava em público e alegava possuir o poder de clarividência e da cura. Mas, no fim da vida, foi acusada de farsante por uma ex-empregada, que havia trabalhado como assistente de um mágico, e pela Society for Psychical Research, entidade dedicada a investigar alegações paranormais. As críticas derrubaram a credibilidade de Madame Blavatsky. Ela morreu em 1891, deixando como maior legado a grande pesquisa que fez sobre crenças do mundo.

Daniel Dunglas Home também seguiu o seu espiritualismo *freestyle*, pouco conectado com as propostas de Kardec. Um dia, vestindo terno bem alinhado, Home caminhou até perto da janela do quarto. Em aparente transe, ele saiu do chão. Seu corpo ficou em posição horizontal, passou rígido pela brecha da janela – primeiro a cabeça e por último os pés – e ficou levitando do lado de fora do apartamento, a 20 metros do chão, perto da copa das árvores. Depois voou em direção a outra janela e voltou ao apartamento do hotel, para fascínio das testemunhas, entre elas dois parlamentares e um capitão da polícia.

A exibição pública do dia 16 de dezembro de 1868 em Londres foi uma das mais de cem que Home fez diante de pesquisadores, nobres e monarcas do século 19, entre eles Napoleão 3º, a rainha Sofia da Holanda e o czar

russo Alexandre 2º. Além da aparente levitação, o médium manipulava o fogo sem se queimar, fazia materializações e recebia espíritos – pelo menos é o que ele alegava. Ficou famoso com as demonstrações, nunca explicadas. O médium também dizia ser capaz de receber espíritos que faziam música. As entidades tocavam uma espécie de acordeão fechado dentro de uma caixa posicionada aos seus pés – e, portanto, inacessível às mãos de Home.

Em 1871, aos 38 anos, foi testado pelo famoso físico e químico britânico William Crookes, descobridor do tálio (o elemento químico), que garantiu a legitimidade de seus poderes. Home morreu de tuberculose em 21 de junho de 1886 e está enterrado em Paris. Mas, depois da morte, foi descoberta uma gaita de boca minúscula entre os seus pertences. Os críticos acreditam que Home escondia a gaita para executar a demonstração com o acordeão trancado na caixa, que teria um som parecido. O farto bigode ajudaria a ocultar o truque.

A sociedade europeia e norte-americana se divertia e se impressionava com as histórias e apresentações sobre os supostos poderes dos médiuns e paranormais que brotaram na época. Mas, conforme a segunda metade do século 19 avançava, o frenesi foi se dissipando – como em qualquer moda, o horizonte é curto. A burguesia começou a procurar outras distrações. E a nuvem de desconfiança que sempre pairou sobre figuras como Home e Madame Blavatsky foi engrossando. O caso de Anna Eva Fay, por exemplo, ajuda a mostrar como a charlatanice esfriou a onda espiritualista.

Ela tinha uma sólida carreira no teatro de variedades, com apresentações que misturavam ilusionismo e habilidades supostamente psíquicas. Sua ligação com truques de mágica não foi o suficiente para diminuir o interesse dos intelectuais que viviam atrás de provas que pudessem comprovar teses espiritualistas. Em 1875, ela foi chamada a Londres por William Crookes, o mesmo que havia validado os poderes de Home. O cientista químico e físico decidiu submeter Anna a um teste que, segundo ele, era infalível. Em transe, a sensitiva teria de movimentar objetos com a mente enquanto segurava duas barras de bronze eletrificadas, presas a uma mesa e ligadas a um galvanômetro, instrumento usado para medir correntes elétricas. Ou seja, se Anna soltasse uma das barras para pegar os objetos com a mão, o circuito elétrico seria interrompido, e os investigadores que acompanhavam Crookes no teste saberiam por meio do galvanômetro que ela estava trapaceando. As luzes foram apagadas, e Crookes e sua equipe esperaram numa sala adjacente à biblioteca da casa, onde estava Anna, os cômodos

separados por uma cortina. Os cientistas não enxergavam Anna, que foi deixada sozinha para que pudesse se concentrar e receber espíritos. Em poucos minutos, uma sineta tocou, livros foram revirados, uma mão surgiu na cortina e o som de um violino foi ouvido. O galvanômetro oscilou, mas os presentes atribuíram as variações aos movimentos do corpo de Anna decorrente do transe. Um mês depois, Crookes publicou um relato atestando a autenticidade dos poderes de Anna Fay no periódico londrino *The Spiritualist*.

Anna havia iludido Crookes, um cientista de alta reputação na sociedade londrina (ganhou o título de cavalheiro britânico mais tarde). Alguns de seus truques foram expostos um ano depois pelo seu empresário, Washington Irving Bishop, que depois também fez fortuna como falso médium. John Nevil Maskelyne, um mágico e notório cético dos poderes espiritualistas, também denunciou truques de Anna. Anos depois, ela mesmo admitiu que conseguiu segurar uma das barras de bronze com uma das pernas, deixando uma mão livre para tocar a sineta e revirar livros – isto é, trapacear.

Até as irmãs Fox cansaram da brincadeira. Em 1857, Leah, a mais velha do trio, já havia deixado o circuito espiritual após se casar com um homem rico. As mais novas começaram a beber e cultivaram um grande ressentimento contra a irmã e ex-agente, acusada de explorar as meninas financeiramente. Maggie se desiludiu com o espiritualismo e se converteu ao catolicismo. Kate saiu em carreira solo, incorporando novas habilidades ao longo dos anos, mas sem largar a garrafa. O alcoolismo prejudicava as apresentações e, conforme ela deixava de ser novidade, o dinheiro foi sumindo. Ela se mudou para a Inglaterra em 1871, onde encontrou novas plateias e deu sobrevida à carreira de médium. Casou com um inglês, teve filhos e tudo parecia ir bem até que o marido morreu. Para pagar as contas, se viu obrigada a voltar para Nova York em 1888, quando a moda espiritualista já havia esfriado.

Reunida com a irmã em Manhattan, Maggie surpreendeu. Escreveu ao jornal *New York World*, admitindo que as habilidades mediúnicas da família não passavam de truques. Elas vinham forjando os barulhos estranhos desde aquela noite de 31 de março de 1848. “De noite, quando íamos para a cama, costumávamos amarrar uma maçã a um barbante e puxávamos a ponta do barbante para cima e para baixo, fazendo com que ela batesse no chão”, confessou ao jornal. Eram crianças que queriam provocar a mãe, uma típica

fiel impressionável do Distrito Incendiado. As irmãs também respondiam dúvidas dos presentes estalando os dedos dos pés e das mãos. "Ninguém suspeitava de que estivéssemos pregando uma peça, pois éramos meninas muito pequenas", disse Maggie.

A edição do *World* com a confissão foi publicada no dia 21 de outubro de 1888. À noite, ela e a irmã haviam agendado um evento na Academia de Música de Nova York. Para uma plateia de curiosos, detratores do espiritualismo e jornalistas, Maggie reforçou a denúncia e até mostrou como fazia os sons dos espíritos estalando dedos, ouvidos pelo salão. Também disse que as irmãs mais novas foram vítimas da ganância e manipulação de Leah. Kate acompanhou a apresentação de um camarote, mas ficou calada.

Os jornais abriram espaço para a nova polêmica no dia seguinte. Ainda em 1888, um livro intitulado *The Death-Blow to Spiritualism: Being the True Story of the Fox Sisters ("O golpe mortal no espiritualismo: a verdadeira história das irmãs Fox")* chegou às livrarias, contendo inclusive uma autorização assinada por Maggie e Kate que dava poderes para o autor, Reuben Briggs Davenport, para usar todo o material fornecido por elas para expor a fraude – curiosamente, a licença tinha data de 15 de outubro, dias antes da exposição na Academia de Música, indicando que a campanha de difamação foi planejada aos detalhes.

Mas, um ano depois, em 6 de novembro de 1889, Maggie deu uma entrevista ao lado de proeminentes espiritualistas dizendo que havia mentido sobre as denúncias. "Quem dera Deus pudesse me ajudar a desfazer a injustiça que cometi contra a causa do espiritualismo, sob a forte influência psicológica de pessoas que se opõem a ele", disse. Até hoje não se sabe com certeza qual das confissões é verdadeira. Especula-se que Maggie, vivendo dificuldades financeiras, tenha cedido a ofertas de um lado ou de outro. A vida das irmãs foi de mal a pior depois das confissões. Elas morreram logo depois, entre 1892 e 1893, no fundo do poço.

As acusações de fraude, no entanto, não chegaram a matar a crença espiritual. Em 1886, o escritor Arthur Conan Doyle, criador do personagem Sherlock Holmes, se tornou um pesquisador e entusiasta dos fenômenos mediúnicos. Ao lado de outros intelectuais, continuou tentando provar a existência de espíritos. Eles e seus companheiros não tinham dúvidas: estava em curso uma ação dos espíritos para despertar curiosidade e fazer contato com os vivos. Ao longo de 40 anos, o inglês estudou diversos casos

de manifestações de espíritos, a ponto de publicar mais tarde, em 1926, o clássico *A História do Espiritualismo*.

Mas as idas e vindas de Maggie foram um golpe duro no espiritualismo – e no espiritismo. O movimento e a doutrina caíram em descrédito. Embora tenha repercutido em dezenas de países, a verdade é que o espiritismo não achou muito espaço para prosperar. Espiritualistas britânicos e americanos fizeram ressalvas à doutrina, principalmente sobre a tese da reencarnação. Em Portugal, Espanha e Itália, as ideias foram combatidas pela Igreja Católica e não puderam circular livremente. Até mesmo na França, berço do espiritismo, o interesse ficou restrito a alguns círculos de intelectuais e arrefeceu depois de alguns anos, sobretudo quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial.

Mas, ao sul do Atlântico, onde tudo que se planta cresce, o espiritismo encontrou terreno fértil para prosperar.

7

O espiritismo descobre o Brasil

Allan Kardec foi bem recebido por uma elite brasileira simpática às novidades intelectuais europeias. Mas a doutrina se espalhou de vez com o apoio de homeopatas e pela adoção da caridade como principal missão da religião. A criação da Federação Espírita Brasileira e a atuação do médico Bezerra de Menezes ajudaram o espiritismo a prosperar ainda mais.

ILUMINADOS PELAS CHAMAS dos lampiões, membros ilustres da elite baiana aguardavam uma manifestação do mundo dos mortos para coroar aquele encontro especial. Terminados os discursos, os homens sentaram ao redor da mesa de madeira e seguiram à risca as instruções contidas nos livros de Allan Kardec. O clima de expectativa deu lugar ao espanto quando a mão de um dos presentes começou a rabiscar um papel. Todos viram surgir na folha uma mensagem em tom religioso, assinada pela entidade Anjo de Deus, que tratava da salvação de vivos e mortos e pedia orações como prova de fé e boa vontade. Foi a primeira psicografia registrada no Brasil, em 7 de setembro de 1865.

A mensagem era a prova esperada pelos presentes para continuar o desenvolvimento da doutrina ao sul do Oceano Atlântico. Liderados pelo jornalista Luís Olímpio Teles de Menezes, a turma de professores, escritores, militares, magistrados, médicos e políticos havia criado naquela noite de setembro, em Salvador, o Grupo Familiar do Espiritismo, primeiro centro espírita do país.

Teles de Menezes foi o principal líder do nascente espiritismo brasileiro. Nascido em Salvador no dia 26 de julho de 1825, ele abriu mão de seguir carreira militar para trabalhar como estenógrafo, jornalista e professor. Em 1857, foi um dos criadores do Conservatório Dramático da Bahia, onde mergulhou em debates sobre fenômenos espíritas com intelectuais do calibre de Ruy Barbosa, um dos mais importantes pensadores brasileiros de todos os tempos. Nessa época, Teles de Menezes trocava correspondências com estrangeiros interessados nas questões espiritualistas, entre eles Allan Kardec. Essas relações em torno da ideia de um mundo espiritual entusiasmaram Teles de Menezes, que decidiu reunir os amigos mais interessados em um grupo dedicado exclusivamente à causa espírita.

Em 1866, um ano após a criação do centro espírita, Teles de Menezes traduziu e publicou uma seleção de trechos da obra *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. A reação da Igreja Católica em Salvador veio na forma de uma carta pastoral com o título *Erros perniciosos do Espiritismo*, divulgada em 25 de julho de 1867. “Nesta Capital publicou-se um pequeno livro com o título *Filosofia Espiritualista – o Espiritismo*, cujas perniciosas doutrinas, contra toda expectação, tem tomado incremento, pondo-se em prática certas superstições perigosas e reprovadas, que estão no domínio do público”, iniciava o texto. “Julgamos conveniente dirigir-vos esta Carta Pastoral, para prevenir-vos contra os principais erros que contém esse pequeno livro, e

contra as superstições que segundo as doutrinas nele contidas se estão praticando, como se nos tem informado, e do que já não é possível duvidar.”

Não era só a Igreja Católica que via com maus olhos a divulgação dos preceitos espíritas em Salvador. Famílias proprietárias de escravos estavam descontentes com a postura abolicionista do grupo de Teles de Menezes e passaram a atacar seguidores da doutrina principalmente na imprensa. Na segunda metade dos anos 1860, espíritas baianos foram seguidamente retratados em charges que ridicularizavam a crença no mundo espiritual. Foi para rebater as críticas – educadas ou na forma de chacota – que Teles de Menezes fundou em 8 de março de 1869 o primeiro periódico espírita brasileiro, *O Eco d’Além-Túmulo*. Impresso na gráfica do *Diário da Bahia*, o jornal bimestral tinha 56 páginas e circulava até em grandes capitais mundiais, como Londres, Paris, Madri, Lisboa e Nova York. Foi por meio da publicação que os espíritas baianos escancararam suas posições contrárias à escravidão e puderam divulgar uma série de traduções das obras de Kardec. O esforço foi reconhecido pela *Revue Spirite*, a revista criada pelo pai do espiritismo. Em 1869 (o ano da morte de Kardec), o periódico traduziu para o francês e publicou um texto lançado originalmente na publicação brasileira.

No artigo que abria a primeira edição de *O Eco d’Além-Túmulo*, Teles de Menezes tentou livrar as ideias espíritas dos ataques mundanos. “Nenhum homem concebeu a ideia do Espiritismo: nenhum homem, portanto, é seu autor. Se os Espíritos se não tivessem manifestado, espontaneamente, certo que não haveria Espiritismo: logo é ele uma questão de fato, e não de opinião, e contra o qual não podem, por certo, prevalecer as denegações da incredulidade”, escreveu o jornalista. “A rapidez de sua propagação prova, exuberantemente, que se trata de uma grande verdade, que, necessariamente, há de triunfar de todas as oposições e de todos os sarcasmos humanos; e isso não é difícil de demonstrar-se, se atendermos que o Espiritismo faz seus adeptos, principalmente, na classe esclarecida da sociedade”.

Teles de Menezes foi um valente precursor do espiritismo em território onde a tradição católica imperava. Nunca fugiu de debates e polêmicas nos anos em que esteve empenhado na causa. Apesar disso, no fim da década de 1870, o pioneiro baiano mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como estenógrafo do Senado Federal. Escreveu nos anos seguintes um

manual sobre esse método de escrita abreviado no qual havia se tornado especialista, deixando em segundo plano sua atuação religiosa. Morreu em 16 de março de 1893, aos 67 anos.

•••

A possibilidade de contato com os mortos era familiar aos habitantes de um país onde crenças africanas e indígenas sempre andaram ao lado do catolicismo oficial e dominante. Povos nativos acreditavam na ideia de "alma" e na possibilidade de comunicação com deuses e antepassados por meio de um intermediador, caso do pajé da tribo. Da mesma forma, a religiosidade africana trouxe rituais próprios de diálogo com o mundo dos mortos. Até mesmo o catolicismo praticado no Brasil, legado de Portugal, era (e ainda é) recheado de anjos da guarda, santos padroeiros, rezas particulares e benzeduras, mais permeável do que o catolicismo em outras partes da Europa. Católicos brasileiros também praticam adoração aos mortos, com procissões populares e conversas ao pé de túmulos.

Assim que tomaram conta da nobreza europeia, as assombrosas mesas girantes logo chegaram aos jornais brasileiros e agitaram a elite local. "Não se pode pôr o pé em um salão sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda, tendo cada um o dedo mínimo apoiado no do vizinho, e esperando todos em silêncio que a tábula queira voltear", publicou o *Diário de Pernambuco*, em 2 de julho de 1853. "Sr. José Smith de Vasconcellos fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com uma mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia", registrou o jornal *O Cearense*, em 26 de julho do mesmo ano. Nessa época, já 0corriam relatos de diagnósticos e curas feitas por sonâmbulos supostamente controlados por espíritos.

Na segunda metade do século 19, o Brasil vivia uma espécie de Iluminismo tardio. A elite imperial tinha convicção de que o avanço do país só era possível com a aceitação das ideias científicas e liberais vigentes na Europa, não com a influência do catolicismo local, considerado retrógrado. A hipnose e a homeopatia eram conhecidas por aqui. Da mesma maneira como desembarcou na Bahia, nos círculos de elite em contato com as novidades europeias, o espiritismo chegou a outras capitais brasileiras. E foi no Rio de Janeiro, a capital do Império, que a crença trilhou um longo caminho até se afirmar como uma grande religião brasileira.

A pequena redação do *Courrier du Brésil* era ponto de encontro de franceses exilados, opositores do regime de Napoleão 3º, bem como de brasileiros atentos aos acontecimentos que agitavam a Europa. A elite carioca tinha seus olhos voltados para Paris. Quando os escritos de Kardec vieram a público, em 1857, a ideia de um mundo espiritual avançado foi bem aceita pelos leitores do jornal (impresso em francês) que circulava entre os mais prestigiados membros da corte de Dom Pedro 2º. As revelações fascinantes do além estavam livres do conservadorismo católico e alinhadas com ideias modernas. O espiritismo logo virou uma opção mística estimulante para intelectuais que desprezavam o controle moral exercido pela Igreja.

Com o aval de figuras respeitadas da sociedade, as novas ideias ganhavam legitimidade. No Rio, nem mesmo a Igreja Católica reagiu quando, em 1860, Casimir Lieutaud, diretor do prestigiado Colégio Francês, publicou *Os Tempos são Chegados*, primeiro livro de divulgação espírita em português. Dois anos mais tarde, textos extraídos de livros de Kardec já eram encontrados traduzidos em livrarias. O próprio Kardec festejou os avanços da sua doutrina no Brasil em uma edição de 1864 da *Revue Spirite*, quando afirmou com satisfação "que a ideia espírita faz progressos sensíveis no Rio de Janeiro, onde ela conta com numerosos representantes, fervorosos e devotados".

O desejo da doutrina kardecista em ser, ao mesmo tempo, religiosa, científica e filosófica teve um efeito peculiar em terras brasileiras: as múltiplas interpretações. Era possível enxergar a teoria como a base para uma investigação científica sobre fluidos vitais resistentes à morte, por exemplo. Ou dar maior atenção a orientações sobre como se tornar um espírito mais evoluído. Cada interessado podia puxar a brasa para seu assado favorito. E foi o que aconteceu. O fato de parte dos intelectuais cultivar aspectos filosóficos e científicos dos fenômenos espíritas – até mesmo para escapar do monitoramento do Estado e da Igreja – não impediu que outros interessados dessem maior atenção ao caráter religioso da doutrina. Assim, o movimento espírita cresceu fragmentado no Brasil, formado por três grupos com abordagens distintas. Os "científicos" estavam interessados na parte experimental, os integrantes do chamado "espiritismo puro" davam atenção a aspectos filosóficos da doutrina, enquanto os "místicos" cultivavam o lado religioso.

Mas, mesmo com a atenção dada Kardec, não havia registros de médiuns em atuação regular no país até a criação do centro espírita de Salvador, em 1865. As organizações dedicadas à caridade e ao estudo e promoção da doutrina tiveram papel decisivo na consolidação do movimento. E, depois da primeira, se proliferaram. Para se ter ideia da diversidade: pelo menos 35 associações atuavam somente no Rio de Janeiro na segunda metade do século 19. Entre os pioneiros na capital brasileira, o maior destaque foi a Sociedade de Estudos Espíritas Grupo Confúcio, fundada em 2 de agosto de 1873, que logo anunciou um tal Anjo Ismael como espírito-guia do Brasil. A sociedade rachou em 1876 por divergências de abordagem, mas, apesar da curta duração, o Grupo Confúcio foi importantíssimo para a divulgação do espiritismo em seus primeiros anos. Além de traduzir obras de Kardec para o português, seus integrantes faziam caridade e receitavam gratuitamente homeopatia aos mais pobres.

A terapia alternativa dos remédios ultradiluídos foi um trampolim para o espiritismo brasileiro. Criada em 1796 pelo médico alemão Samuel Hahnemann, a técnica nasceu da crença que doenças são resultado de desordem na suposta energia vital dos pacientes – qualquer semelhança com o magnetismo de Mesmer não é mera coincidência. Para restabelecer o equilíbrio, Hahnemann ministrava doses extremamente diluídas dos compostos identificados como causa do problema. A solução, que quimicamente não passa de água pura, produziria uma vibração magnética como se o remédio ainda estivesse presente na mistura, o que provocaria reações curativas. Sem comprovação científica até hoje, a terapia foi muito criticada à época por se basear em conceitos esotéricos, o que não a impediu de ganhar projeção internacional. No Brasil, a homeopatia chegou em 21 de novembro de 1840 com Benoît Jules Mure, médico francês que foi discípulo de Hahnemann.

Mure veio para o Rio de Janeiro quando tinha 31 anos, junto com cem famílias francesas. Influenciado pelas ideias do socialista Charles Fourier, criador de um modelo de cooperativismo, ele pediu ao governo imperial autorização para fundar uma comunidade industrial capaz de tirar o Brasil do atraso. Segundo Mure, o futuro estava no desenvolvimento tecnológico movido a vapor, não na economia agrária dos escravocratas. O discurso seduziu o imperador D. Pedro 2º, que permitiu a instalação do chamado falanstério, a comuna produtiva idealizada por Fourier, no vale do Sahy, próximo à cidade histórica de São Francisco do Sul, em Santa Catarina.

Divergências entre os colonos logo fizeram o projeto fracassar. Com isso, em 1843, Mure retornou ao Rio, onde no mesmo ano fundou o Instituto Homeopático do Brasil, destinado ao cuidado da população carente e escrava da capital.

Assim como o português João Vicente Martins, outro pioneiro da homeopatia em terras brasileiras, o homeopata francês era um estudioso da hipnose e adepto das ideias espiritualistas que circulavam na Europa antes mesmo de Kardec. Ambos reconheciam o poder dos hipnotizadores e sabiam dos diagnósticos e curas promovidos pelos estados de transe. Todas essas novas ciências, ainda que alvo de críticas, eram motivo de debate entre médicos e cientistas brasileiros.

Figuras renomadas – médicos, escritores, padres – pesquisavam esses fenômenos. A maior autoridade em hipnose do país à época era José Maurício Nunes Garcia, médico e professor de anatomia na Escola de Medicina da Corte. Não foram poucos os especialistas conceituados da medicina tradicional que viraram defensores dessas práticas.

A ideia de "força vital" proposta por Hahnemann e o "fluido vital" da filosofia de Kardec tinham semelhanças. Quando a doutrina alcançou a elite brasileira simpática à homeopatia, a proximidade conceitual entre os dois ramos converteu muitos médicos homeopatas ao espiritismo. Em pouco tempo, o atendimento homeopático gratuito aos mais necessitados virou a principal ação de caridade dos centros espíritas, o que ajudou a difundir o espiritismo entre as classes populares.

Para quem tinha um filho doente, pouco importava se a ajuda chega de benfeitores católicos, espíritas ou ateus. Foi a dinâmica de funcionamento de centros espíritas, aos quais homeopatas eram ligados, uma das principais responsáveis pela difusão do espiritismo entre os necessitados. A doutrina, antes restrita à elite letrada, agora era bem vista também por famílias humildes e analfabetas, que encontravam nos centros espíritas apoio em momentos de extrema dificuldade, recebendo atenção, roupas e comida. O trabalho social era tarefa que Kardec apontou como fundamental para a evolução da alma.

Também encontravam refúgio nos recém-formados centros espíritas do Rio de Janeiro pessoas dotadas de sensibilidades desconhecidas, muitas vezes tratadas como loucas, que viram na ideia de mediunidade uma possível explicação para o que acontecia com elas – como ouvir vozes, por

exemplo. Por meio de palestras, cursos e leituras, esses incompreendidos eram incentivados a atuar como médiuns em sessões espirituais.

A exemplo de *O Eco d'Além-Túmulo*, que dava suporte ao espiritismo em Salvador, seguidores da doutrina foram lançando jornais e revistas em outras cidades do país. As publicações eram os principais canais de divulgação do espiritismo e, vendidas em bancas populares, fizeram com que a doutrina chegasse a todos os lugares. Em 1875, surgiria nas ruas do Rio de Janeiro a *Revista Espírita*. Naquele mesmo ano, o jornal *O Espírita* era criado no Rio Grande do Norte. Em 1881, a Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade, uma das dissidências do Grupo Confúcio, fundou a sua própria revista na capital carioca. Até a virada do século, não menos que 50 publicações tinham aparecido no país.

Os impressos ajudavam a rebater as críticas da Igreja Católica. Depois de quase duas décadas sem ver com muita preocupação a nova doutrina, as lideranças da Igreja perceberam repentinamente que o espiritismo ganhava força não apenas entre a elite, mas em muitos redutos da sociedade onde o cristianismo sempre fora dominante. O bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, publicou em 1881 um texto em que chamava os espíritas de "possessos, dementes e alucinados". No ano seguinte, subiu o tom dos ataques e disse que era preciso odiar espíritas "por dever de consciência". Diante da investida da religião oficial do Império, era preciso unir forças para manter o movimento vivo e forte. Até ali, as entidades espíritas eram alvo fácil dos críticos porque caminhavam sozinhas, afastadas umas das outras.

Em 21 de janeiro de 1883, o português Augusto Elias da Silva abriu espaço em seu ateliê fotográfico, no Rio de Janeiro, e, com o apoio da mulher e da sogra – espíritas convictas –, utilizou dinheiro do próprio salário para montar uma pequena redação e lançar o jornal *O Reformador*. É o veículo espírita mais antigo ainda em circulação no país. Dois anos antes, a iniciativa de Augusto seria impensável: o fotógrafo renegava religiões. Em 1881, no entanto, ele havia lido alguns textos de Allan Kardec e tinha participado de sessões em um centro espírita da capital. Na ocasião, segundo ele, recebeu "provas robustas" das manifestações dos mortos. Dali em diante sua vida mudou. O ex-cético, dois anos mais tarde, estava espalhando cópias de *O Reformador* pelas ruas.

Augusto Elias da Silva foi um dos primeiros homens a perceber que era preciso unir os espíritas para fortalecer o movimento. Ao longo de 1883, ele

e outros expoentes da religião no Brasil debateram a necessidade de fortalecer a causa com a união das organizações que até ali caminhavam sozinhas. No dia 1º de janeiro de 1884, o português chamou lideranças espíritas do Rio de Janeiro para um encontro em sua casa. Naquela noite, os presentes acertaram os ponteiros e criaram a Federação Espírita Brasileira (FEB), organização capaz de integrar todos os grupos espíritas existentes no país. Com o apoio dos convidados, que também viam a necessidade de união, Elias da Silva propôs que o seu jornal virasse o veículo oficial da associação, usado para divulgar a doutrina. No dia seguinte, foi empossada a primeira diretoria, tendo o major Francisco Raimundo Ewerton Quadros como presidente. Elias da Silva passou a ocupar o cargo de tesoureiro. A sua casa, localizada no número 120 da Rua São Francisco de Assis (hoje Rua da Carioca), no centro do Rio, virou a primeira sede da instituição.

A atuação da Federação Espírita, do seu início até hoje, também explica como o espiritismo se fortaleceu no país. A organização definiu como os centros espíritas deveriam funcionar e quais seriam as estratégias para que o movimento não parasse de crescer. Foi por meio da entidade que o espiritismo conseguiu superar uma série de adversidades, como a perseguição sofrida em determinados períodos da história. A FEB é ainda referência doutrinária para qualquer organização espírita brasileira, oferecendo cursos para a formação de dirigentes, médiuns e oradores espíritas, bem como palestras a adeptos da crença. Em mais de 130 anos de história, a editora da federação também publicou uma vasta coleção de livros espíritas, incluindo as obras de Chico Xavier.

Chico, aliás, teve uma relação bem próxima com os líderes da federação. Além de ter suas obras psicográficas publicadas pela entidade, com parte dos ganhos revertidos para a organização, Chico trocou cartas com seus presidentes e sempre seguiu as orientações da FEB, válidas para todos os centros espíritas do país. Em contrapartida, o maior nome do espiritismo nacional também era ouvido e exercia influência nos rumos do movimento brasileiro. A federação sempre apostou em Chico e, quando a popularidade dele explodiu, soube reconhecer o mineiro como uma grande estrela. Augusto Elias da Silva não conheceu Chico, naturalmente. O fundador da FEB morreu em dezembro de 1903, de tuberculose, sete anos antes do médium mineiro nascer.

Augusto partira, mas não sem antes deixar um sucessor. Em 1886, Adolfo Bezerra de Menezes somava 30 anos de carreira política. Tinha perdido

mulher e dois filhos. Sem apego material, passou a atender os necessitados sem cobrar pelos serviços e logo estava ele mesmo em situação de pobreza. O "médico dos pobres", como ficou conhecido, era uma figura carismática e agregadora. Por causa da fama, sua cerimônia pública de adesão ao espiritismo atraiu quase 2 mil pessoas no Rio de Janeiro.

Bezerra de Menezes se tornou a melhor opção para assumir a liderança do movimento espírita no auge das disputas internas que colocavam em risco o avanço da doutrina em terras brasileiras. Apesar de festejada, a criação da FEB não conseguiu superar a divisão entre místicos e científicos que parecia definitiva. Na época, o trabalho de caridade era incentivado com base na faceta religiosa da doutrina. Muitos espíritas, no entanto, seguiam mais interessados nos aspectos puramente científicos, ou seja, a fé não lhes bastava: queriam comprovar de alguma forma a existência de fenômenos sobrenaturais. E mais importante: eles não viam importância na caridade, o que ampliava a cisão entre os kardecistas.

Bezerra assumiu a presidência da Federação Espírita em 1889, ano em que o Brasil se tornava uma República, com a missão de unir os seguidores. Estudioso do kardecismo, o líder publicou traduções e escreveu inúmeros textos e livros, sempre enfatizando que a ajuda aos pobres e aos necessitados era o maior dever espírita. A dedicação fez com que fosse chamado de "o Kardec brasileiro". Em poucos anos, ele resolveu

a disputa interna escolhendo um lado da briga: o espiritismo no país seria uma doutrina religiosa, dedicada a causas sociais – orientação válida

até hoje. Os incomodados que se retirassem.

No entanto, essa não era uma decisão fácil. Ao vencer a disputa interna, Bezerra tinha escancarado que o espiritismo era uma religião, deixando a doutrina na mira de quem não via com bons olhos o avanço de uma nova crença. Quando o Brasil deixou de ser Império, Estado e Igreja foram separados. O país se tornava uma nação laica. A Constituição de 1891 iria garantir liberdade de culto, mas o Código Penal aprovado logo antes dela, em 1890, criminalizou a prática do espiritismo, incluído no texto do artigo que condenava rituais de magia e cartomancia. Homeopatia e hipnose também estavam proibidas. E vários adeptos da doutrina foram presos nos primeiros meses da República.

A habilidade política de Bezerra triunfou quando ele enviou um ofício ao então presidente do Brasil, Deodoro da Fonseca, ainda em 1890. No

documento, o “médico dos pobres” pedia o fim das perseguições e exigia respeito aos direitos e às liberdades dos espíritas. Ele argumentou que não havia charlatanismo nos centros espíritas, já que eles atuavam sem objetivo de lucro. Logo, nem havia como “explorar a fé alheia”, que é o que caracteriza o charlatanismo. Bezerra também destacou o atendimento que os espíritas prestavam a quem não tinha acesso a médicos e hospitais, dizendo que o trabalho compensava a falta de estrutura em saúde pública. Sua popularidade legitimava o apelo.

O Código Penal não foi alterado, mas o pedido de Bezerra de Menezes fez com que as perseguições rareassem, permitindo que médiuns voltassem à ativa sem receio de prisão ou multas. Não é exagero dizer que foi pela atuação de Bezerra que o espiritismo começou a trilhar um caminho voltado aos pobres, um princípio que anos mais tarde guiaria a trajetória de Chico Xavier. Bezerra morreu na manhã de 11 de abril de 1900, em consequência de um acidente vascular cerebral sofrido meses antes. Deixou como legado um movimento pronto para desenvolver ainda mais.

Na virada do século 20, o espiritismo estava em decadência pelo mundo, após o estouro de acusações de charlatanismo contra médiuns e do impasse sobre as confissões de Maggie Fox. Mas, no Brasil, a doutrina parecia ter o caminho aberto para um avanço sereno. Só que foi justamente nesse contexto que ocorreu o primeiro grande cisma do espiritismo brasileiro. Em 1908, Zélio Fernandino de Moraes teve uma súbita paralisia, dias antes de prestar exames para a Escola Naval. A família buscou ajuda médica, mas o tratamento não teve efeito. O garoto de 17 anos passou então a ter visões e a falar palavras desconexas. Outros médicos avaliaram o caso, mas não tinham um diagnóstico. Aconselhados por um vizinho, os pais levaram o jovem para um centro espírita em Niterói. Quando a sessão começou, Zélio incorporou um espírito já conhecido dos kardecistas brasileiros, considerado uma alma atrasada e indesejada: o Caboclo das Sete Encruzilhadas. As sessões costumam ser visitadas por figuras nobres e intelectuais – normalmente, brancos e ricos. E o espírito mestiço foi expulso da sessão. Do ponto de vista místico, o espírito ficou furioso e disse que no dia seguinte voltaria a falar por meio de Zélio para dar início a uma nova religião. Do ponto de vista cético, o próprio Zélio era quem estava se rebelando.

Às 20 horas do dia 16 de novembro, segundo a mitologia do episódio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas ressurgiu no corpo de Zélio e falou que “os

espíritos dos velhos africanos e dos índios nativos iriam ajudar os vivos livres de preconceitos pela cor, raça e condição social em suas vidas passadas". Antes de partir, pediu que os adeptos vestissem branco e anunciou o nome da primeira grande dissidência do espiritismo: a umbanda.

Conversas com os mortos eram comuns em curas e outros rituais de indígenas e negros. O Brasil do novo século 20 era invadido por espíritos em duas frentes: em uma, o espiritismo kardecista se espalhava da elite para as classes populares; em outra, com o fim da escravidão, o espiritualismo africano saía das senzalas e se alastrava pelos guetos e morros. A umbanda surgia como uma fusão dessas duas correntes – uma opção mais acolhedora para descendentes de negros e índios, e ainda aberta para brancos. A partir de sua criação, a umbanda também se organizou e prosperou no país. O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, por exemplo, aponta 407 mil seguidores da religião. O espiritismo, no entanto, segue bem maior, com 3,8 milhões de adeptos.

Pouco depois do surgimento da umbanda, Luís de Matos fundou outra doutrina, batizada de Racionalismo Cristão. Foi em 1910, na cidade de Santos (SP). Ele reclamava de um "excesso de religiosidade" no espiritismo. Na obra fundamental de sua corrente, Matos fez nova interpretação das revelações dos espíritos e defendeu uma codificação racional das mensagens, livre de misticismos e discursos religiosos. As religiões saídas do espiritismo não impediram que o movimento espírita kardecista continuasse a crescer nas décadas seguintes, quando a doutrina ganhou espaço em programas de rádio e o trabalho dos grandes médiuns, entre eles Chico Xavier, começou a ser reconhecido. Porém, o surgimento das novas crenças espiritualistas teve como consequência o início de certa confusão em relação ao termo "espírita", que passou a ser empregado para uma ampla gama de religiões e práticas místicas, não apenas os kardecistas.

A maior preocupação do espiritismo no começo do século 20, no entanto, não eram as doutrinas dissidentes, mas os intensos ataques protagonizados por médicos, cada vez mais preocupados com o crescimento das curas e terapias místicas. Em 1923, por exemplo, o serviço de homeopatia da Federação Espírita Brasileira no Rio de Janeiro atendeu quase 400 mil pessoas.

Na época, a psiquiatria também lutava por maior legitimidade. Assim como o espiritismo, ela buscava reconhecimento científico e social para falar com autoridade sobre o funcionamento da mente humana. A opinião

dos psiquiatras sobre os transes mediúnicos era arrasadora. Congressos, publicações e teses cavaram espaço no meio acadêmico tradicional para discutir a chamada “loucura espírita”, um perigo social alimentado pelas várias formas de espiritismo. Um problema grave de saúde pública que deveria ser combatido. Em 1931, dois livros dedicados exclusivamente à questão foram lançados por professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A obra *O Espiritismo no Brasil*, escrita por Leonídio Ribeiro e Murilo Campos, retrata bem esse tom de alarme social:

Se verifica a urgência de uma campanha repressiva, enérgica e bem orientada, a fim de pôr cobro à situação em que se encontra uma cidade como o Rio de Janeiro, que se diz civilizada e policiada e onde se vê, entretanto, em cada canto um centro espírita, cujo número já vai a mais de uma centena, todos anunciando abertamente nos jornais a cura de todas as doenças, inclusive da loucura, com os seus consultórios sempre cheios de doentes de todas as classes sociais. O abuso é tão grande que já existe hoje até hospitais espíritas, onde os doentes são internados e tratados pelos métodos mais primitivos.

Em *Espiritismo e Loucura*, o médico Xavier de Oliveira liga de maneira ainda mais clara a doutrina kardecista a problemas de saúde mental:

O Livro dos Médiuns de Allan Kardec [...] é o tóxico com que se envenenam todos os dias os débeis mentais, futuros hóspedes dos asilos de insanos. Leem-no, assimilam-no, incluem a essência diabólica de que é composto, caldeiam os conhecimentos nele adquiridos nas sessões espíritas e com o delírio mediúnico que geralmente vem a entreter esses tarados, só tem dois caminhos a seguir: ou mais um médium convicto e convincente ganham as macumbas do Rio, ou mais um psicopata ganham os manicômios desta capital.

A situação ficou ainda mais complicada durante os anos do governo de Getúlio Vargas, quando os ataques no campo teórico viraram ações concretas contra adeptos das religiões espíritas. Vargas não tinha qualquer simpatia pelo movimento espírita e já tinha criticado a religião muito antes de chegar ao poder. Ainda em 1907, no seu discurso como orador do grupo de formandos da faculdade de Direito, em Porto Alegre, o jovem Getúlio já tinha pintado o espiritismo como um agente “desencadeador de loucura”.

Ao assumir a presidência, em 1930, Vargas aproximou o Estado da Igreja Católica, de quem tinha recebido apoio. A partir de 1937, quando foi anunciado o Estado Novo, o regime autoritário de Vargas, aumentaram as perseguições contra kardecistas, umbandistas, maçons e seguidores de outras doutrinas.

A repressão policial foi mais dura contra a umbanda (reflexo de racismo puro e simples). A investida contra o espiritismo kardecista, apesar do fechamento de vários centros, foi mais branda, já que muitos seguidores vinham da elite. Em pouco tempo, a polêmica em torno do espiritismo arrefeceu.

E o movimento espírita voltou a crescer, tanto nas capitais como no interior. Desde a chegada da doutrina no país, há registro de atividades em pequenos vilarejos, muitas vezes lideradas por pessoas que diziam ter algum grau de mediunidade. Nem sempre essas lideranças conheciam a fundo a doutrina de Kardec, o que explica o sincretismo visto até hoje em centros que mantêm, por exemplo, práticas católicas ou umbandistas. No entanto, a rigidez imposta pela Federação Espírita garantiu um bom grau de unidade ao trabalho e, de maneira geral, impediu que a doutrina ganhasse novos contornos. Uma das figuras que podem ilustrar esse avanço das práticas espíritas em direção ao interior, por sinal, é Cairbar Schutel, conhecido como "bandeirante do espiritismo".

Nascido no Rio de Janeiro, Cairbar era um jovem farmacêutico quando, em 1896, chegou ao recém-criado vilarejo do Senhor Bom Jesus das Palmeiras, hoje município de Matão (SP). Ocupou cargos políticos por lá, tornando-se uma figura respeitada. Se na esfera política Caibar era bem-sucedido, no plano espiritual ele ainda buscava conforto. Católico, o farmacêutico estava insatisfeito com a explicação do padre local para sonhos recorrentes que tinha dos pais falecidos. Decidiu então ouvir o que os espíritos tinham a dizer, contando com a ajuda de um médium que havia dois anos não realizava sessões. Logo nos primeiros encontros, Caibar Schutel teve certeza de que a vida seguia após a morte: várias entidades fizeram contato. Mas a comunicação mais importante teria vindo algum tempo depois, por meio do espírito de Dom Pedro 2º, que, diz o farmacêutico-político, o incentivou a estudar profundamente as obras de Allan Kardec.

Em 15 de julho de 1905, Caibar inaugurou o Centro Espírita Amantes da Pobreza, dedicado a promover a caridade entre os mais necessitados. No

mês seguinte, em 15 de agosto, ele fundou o jornal espírita *O Clarim*, existente até hoje. Abriu ainda uma livraria dedicada a obras espíritas escritas por ele e por outros autores. A atuação de Caibar no interior de São Paulo foi destacada: ele fundou um pequeno hospital para atender doentes pobres e deu palestras para centenas de presos em cadeias da região. Em 1925, lançou a *Revista Internacional de Espiritismo*, que ainda hoje circula em mais de 20 países, com artigos dedicados a aspectos não apenas religiosos, mas também filosóficos e científicos da crença. Outro marco da trajetória de Caibar como divulgador do espiritismo foi seu pioneirismo no rádio. Entre 1936 e 1937, ele falou da doutrina todos os domingos pela Rádio Cultura PRD–4, de Araraquara. Meses depois, em 1938, morreu.

Pelas ondas AM, o espiritismo começava a circular nos cantos mais remotos do país. Inclusive na pequena Pedro Leopoldo, onde famílias em luto recorriam cada vez mais a um certo Chico Xavier, o médium que estava ganhando fama no interior de Minas Gerais.

III

Polêmico e pop

8

“Não chore mais, mamãe”

Chico Xavier transformou o espiritismo brasileiro com persistência e abnegação. Ao longo de 70 anos, dedicou os finais de semana a confortar famílias com sua psicografia.

O SORRISO IA DESAPARECENDO até que a expressão simpática dava lugar ao semblante grave, de profunda concentração. As duas mãos massageavam delicadamente a testa, logo acima das sobrancelhas, em busca de algo que, observando de fora, não podia ser entendido. Alguns segundos se passavam. Então os óculos de aro grosso eram retirados e colocados sobre a mesa, a mão esquerda espalmada cobria os olhos fechados, e a direita empunhava o lápis, que tocava a folha de papel e começava a se movimentar em ritmo acelerado.

Meus caros filhos, Deus os abençoe, iluminando o entendimento de vocês para a verdade que vêm presenciando.

Já vão para quase 10 meses que a morte me arrebatou do carinhoso convívio do lar, roubando-me da vida material. E até hoje, meus filhos, não pude lhes enviar o meu pensamento de pai saudoso e cheio dos extremos de um afeto inacessível ao tempo e às transformações da existência na Terra.

Era uma noite de quarta-feira, 9 de outubro de 1935, quando Chico Xavier fez seu ritual característico e anotou essas palavras no papel. O gesto era a marca registrada de Chico, meneio que entrou para a cultura popular brasileira. Se você pedir para um moleque simular uma psicografia, provavelmente ele vai escrever com uma mão e colocar a outra sobre os olhos. Já está no DNA do país.

Àquela altura, aos 27 anos, Chico Xavier já era um médium experiente. Como vimos no capítulo 2, ele tinha feito sua primeira psicografia em 1927, aos 18, no pequeno centro espírita que fundara em Pedro Leopoldo – pouco depois de tomar contato com a obra de Allan Kardec. Dali em diante, Chico dedicaria boa parte de sua vida à tarefa de psicografar cartas a famílias desconsoladas, sedentas por alguma mensagem de parentes mortos – especialmente quando esses parentes eram filhos que morriam jovens, deixando um rombo emocional em suas mães.

A psicografia de Chico Xavier era um peculiar e fascinante ritual de escrita, que podia durar um minuto ou várias horas. Terminada a mensagem, o mineiro lia a carta em voz alta ou passava os papéis para um assessor, que tinha a missão de anunciar o autor ou chamar em voz alta o nome do parente mencionado no texto.

Naquela noite de outubro de 1935, o assistente pronunciou um nome familiar: “Arthur Joviano”. Depois de quase um ano de espera, o anfitrião da sessão espírita, Rômulo Joviano, finalmente recebia supostas notícias do seu pai, morto em 14 de dezembro de 1934, aos 72 anos. Nela, Chico descreveu os sentimentos que Arthur teria sentido na hora da morte.

(...)
Chega um momento para o espírito encarnado em que ele necessita da sua liberdade preciosa. Esse foi o meu caso. Fora Deus servido de que eu os deixasse e, felizmente, o meu grande tesouro é essa serenidade grandiosa da consciência dos deveres cumpridos. Ainda me acho abatido, como alguém cujo característico é a indecisão e a inexperiência. O meu desprendimento, meus filhos, não foi violento e doloroso. A princípio, senti como se algo se separasse de mim mesmo. Queria dirigir a todos a minha palavra, mas os órgãos não correspondiam ao meu grande desejo. Via-os todos cercando-me de carinho e de imenso conforto. Escutava as orações que partiam do coração dos meus, implorando ao céu a minha saúde ou o meu descanso! Ah, que desejo ardente o de comunicar-lhes a minha impressão, a estranheza que me causava a atitude de todos, mas os meus braços se haviam gelado, a minha língua se entorpecera, a minha boca estava hirta! Tive receio no limiar do túmulo e na expectativa da eterna separação chorei longamente, mas as minhas lágrimas eu as sentia como um pranto interior, como se em vez de deslizarem-se-me pelas faces fossem alagar o meu coração. Experimentado esse complexo de emoções, que eu não poderia classificar ou definir, fui tomado de inexplicável amnésia.

Chico também repassou supostos recados de Arthur à família.

(...)
Você, Rômulo, continue na sua firmeza de convicções. Lembre-se, meu filho, de que você representa muita esperança ainda para o meu coração! Prossiga na sua serenidade! A sua vida está cheia de atribuições sagradas e, graças a Deus, tem sabido encará-las com serenidade necessária!
Fausto, você e o Albino, às vezes, me davam muito o que pensar! Felizmente, meu filho, você vai dar o passo que eu esperava para normalizar a sua existência. Peço a Jesus que o proteja e o abençoe na

sua aspiração de fundar um lar. Todavia, reforme ainda mais o seu bom coração!

A responsabilidade engrandece o homem e é para ela que hoje você caminha com desassombro.

(...)
Por hoje, meus filhos, não me é possível dizer mais. Não sei quando poderei retornar a dirigir-lhes a minha palavra afetuosa, mas confiemos em Deus. Será breve.

JOVIANO

Quando vivia em Pedro Leopoldo, sua cidade natal, Chico Xavier teria psicografado cerca de mil cartas de Arthur Joviano, pai de Rômulo, seu chefe na Fazenda Modelo. A mensagem acima foi a primeira delas. Arthur foi um dos espíritos mais "próximos" de Chico e teria enviado notícias que são estudadas até hoje no movimento espírita. O compilado de textos se transformou em quatro livros: *Sementeira de Luz*, *Sementeira de Paz*, *Colheita do Bem* e *Pérolas de Sabedoria*, além de outras obras infantis e sobre o evangelho, como *Mensagens do Pequeno Morto* e *Jesus no Lar* – Arthur assinou alguns desses livros como Neio Lúcio, que teria sido seu nome em uma das suas encarnações.

A família enxergava nas cartas assinadas por Arthur Joviano informações que somente alguém com conhecimento prévio (ou contato direto com o morto) poderia descrever. Nascido em 1862, Arthur foi um educador brasileiro conhecido no final do século 19 por ter liderado a primeira reforma no ensino primário de Minas Gerais. Portanto, não era um anônimo. Era professor de português e autor de livros pedagógicos. Além disso, era pai do chefe de Chico, que frequentava a casa da família. É bem provável que o médium tivesse conhecimento prévio de detalhes da vida de Arthur e dos Jovianos.

Apesar do fácil acesso do médium à intimidade da família, alguns relatos chamam a atenção até hoje porque revelam fatos obscuros. Em 13 de janeiro de 1943, Chico escreveu a seguinte carta atribuída a Arthur:

Meus caros filhos e queridos netos, seja a paz de Deus a alegria de vocês todos. Na visita afetuosa de sempre, renovo-lhes minha dedicação de cada

dia. Durante quase todo o dia em que se comemorou seu aniversário, minha bondosa Maria, estive ao seu lado com os votos paternais de muito amor, pedindo a Deus por sua saúde e tranquilidade. À noite, sua e nossa amiga Helena trouxe muitas flores. Você não as viu, mas recebeu-lhes o perfume no coração.

Maria era a mulher de Rômulo Joviano, e Helena foi uma amiga de Maria que morreu muito jovem. Era improvável que Chico tivesse conhecimento da amizade entre as duas. Impossível? Não. Em 1943, quando a mensagem foi escrita, o médium já frequentava a casa dos Jovianos toda semana havia mais de sete anos. Chico seguiu:

(...)
Agora que vocês se dispõem a viagens novas, fiquem convencidos de que repartirei o tempo disponível entre as duas zonas opostas – norte e sul. Lembram nossa troca de ideias quando se organizavam para a primeira viagem à Fortaleza?

Rômulo e Maria estavam, de fato, planejando ir ao Rio de Janeiro visitar a família Joviano que lá residia. Mais uma vez, não era impossível que Chico tivesse ficado sabendo da viagem. Era apenas improvável.
Mas o que torna essa carta um bom exemplo do talento de Chico está no final:

Cheio, pois, de alegria, deixo-lhes os meus votos de muita felicidade e paz em Jesus. O papai e vovô muito amigo,

A. JOVIANO

A assinatura feita por Chico em 13 de janeiro de 1943 é muito semelhante à caligrafia de Arthur em um documento oficial.

Carta redigida por Chico Xavier:

paz com as melhores experiências dos dias próximos. Reunindo os a todos no coração, reservo um braço para os filhos, o outro para os netos. Diz-me a alma que todos cabem no meu peito. Ainda bem. Cheios de alegria, deixo-lhe os meus votos de muita felicidade e paz em Jesus. O papai e vovô muito amigo

A. Joviano

Documento oficial assinado por Arthur Joviano em vida:

Observações bossas frontaes avultadas.

A presente carteira vale somente para fins eleitoraes e não terá valor de folha corrida.

Bello Horizonte, 10 de Fevereiro de 1917.

(Assignatura do identificado) A. Joviano

(Assignatura do Director)

I. D.

(Pollegar dir. do identificado)

(Pollegar dir. do Director)

A análise das cartas psicografadas por Chico Xavier ao longo da vida revela um perturbador poder de acerto. Quando colocava a mão sobre os olhos e pegava o lápis, o médium era capaz de feitos que, até hoje, estão inexplicados.

Na época em que começou a escrever as cartas de Arthur Joviano, o médium já era assunto nacional em função das polêmicas em torno da originalidade do compilado de poemas *Parnaso de Além-Túmulo*. Em 1935, uma segunda edição de *Parnaso* chegou às livrarias, incluindo novos autores – e mais controvérsia. Essa publicidade levava cada vez mais curiosos para as sessões de psicografia de Chico Xavier.

Mas a propaganda não atraía apenas os espíritas convictos. Muitos participavam das sessões somente pela inusitada possibilidade de entrar em contato com espíritos, sem real interesse na leitura de Allan Kardec ou nas rezas. Chico era quase uma atração de circo para alguns curiosos e nem

todos acreditavam na autenticidade das mensagens. Uma vez, Chico recebeu uma cusparada no rosto de um amigo que questionou o conteúdo da carta psicografada.

Os céticos alegam que as mensagens eram criação – racional ou irracional – da mente de Chico. Não é difícil encontrar construções repetidas e perceber o vocabulário muitas vezes rebuscado, escolha de palavras que dificilmente refletiria o léxico das pessoas simples que procuravam consolo nas sessões espíritas. Os textos, para os descrentes, mostram o estilo literário do redator, não a personalidade do falecido.

Chico resignava-se com as críticas e costumava dizer que todo médium era falível, o que faz sentido dentro da doutrina espírita. Ao captar e transmitir as mensagens dos mortos, o médium pode, sim, interferir no estilo e no conteúdo, de acordo com as palavras de Allan Kardec. Para os espíritas, isso ajudaria a explicar por que muitas das cartas de Chico usam vocabulário e fraseado semelhantes. De acordo com as obras do francês, o médium é um intermediário entre os dois mundos – daí a própria palavra, que significa "meio" em latim, que serve de raiz para outros termos, como "mídia", que designa "meios" de comunicação. Seja como for, o argumento fica mais claro no capítulo 19 do *Livro dos Médiuns*, de Kardec, um conjunto de perguntas e respostas que tenta esclarecer os princípios da doutrina:

6ª O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar a grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita.

7ª O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir, provindas de outros Espíritos?

Exerce, porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes; as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores não

influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas constitui-se apenas em mau intérprete.

Chico também recebia os mesmo espíritos muitas vezes – caso de Emmanuel e Arthur Joviano. Isso sempre serviu de munição para críticos, mas também faz sentido de acordo com as regras do espiritismo. Aqui, Kardec explica por que os médiuns recebem visitas repetidas, em vez de se comunicar com a infinidade de mortos disponíveis no outro plano:

8ª Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

Não há outra. Os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos. Não havendo entre eles simpatia, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência e se torna um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que se dá entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por intermédio de um estonteado, ou de uma pessoa de má-fé.

Falando nisso, nunca faltou má-fé no ramo da comunicação com o além. Um dos casos mais notórios é o de Peter Popoff. Entre os anos 1970 e 1980, o "reverendo" Popoff ganhou fama ao promover curas espirituais em teatros e na televisão. Em 1986, ele perguntou "Quem é Josephine?" para um auditório da Califórnia lotado de fiéis reunidos para receber a cura de Deus por seu intermédio. Uma voz disse no seu ouvido: "Parino". Ele repetiu para a plateia: "Parino".

Josephine Parino se identificou. Novamente a mesma voz murmurou no ouvido do reverendo: "Ela tem câncer de estômago". Com um ponto eletrônico escondido na orelha, Popoff mantinha uma comunicação direta não com Deus, mas com sua mulher, Elizabeth, pela frequência de 39,17 MHz. Quando o reverendo era uma celebridade da cura espiritual, a farsa foi descoberta por um pesquisador do Comitê para a Investigação Cética (ou CSICOP na sigla em inglês), uma organização focada na apuração de alegados fenômenos paranormais, e pelo mágico James Randi, um cético que vem desafiando médiuns e sensitivos de todo o mundo a provar seus poderes especiais desde os anos 1970. Em 1986, Randi revelou a investigação sobre Popoff no programa de entrevistas de Johnny Carson, um dos apresentadores de maior audiência dos EUA na época. Popoff pediu

falência naquele ano, mas milagrosamente se reergueu e voltou ao circuito paranormal.

Até então, Popoff arrebatava milhões de seguidores – e de dólares – dizendo falar com o divino, que passava detalhes precisos sobre nome, diagnóstico e endereço completo do doente. O público ficava estarrecido com o dom do reverendo, figura frequente em programas de TV e de rádio. Para sustentar a estrutura, Popoff e a mulher enviavam cartas personalizadas a milhares de americanos com pedidos de dinheiro. A cada semana, recebiam doações espontâneas em cheques endossados aos Ministérios Peter Popoff.

Durante os eventos públicos de “cura espiritual”, não raro Popoff pedia aos fiéis que lançassem no palco seus medicamentos para se “libertar do Diabo”. Choviam comprimidos para controle do diabetes e depressão. Após participar de um desses eventos, Randi e o mago Steve Shaw ficaram encasquetados com a precisão do reverendo. Até que Shaw suspeitou que havia um dispositivo no ouvido esquerdo do suposto médium. A dupla, então, convocou um especialista de vigilância eletrônica, Alec Jason, que descobriu a frequência com que Popoff e Elizabeth (“Deus”, no caso) se comunicavam, a de 39,17 MHz. A tarefa da esposa era descobrir detalhes da vida dos fiéis antes dos shows e avisar o marido no momento em que ele subia ao palco. Jason gravou horas da conversa do casal durante os cultos, mas Randi não se deu por satisfeito. Ele queria mais evidências da farsa.

O mago então convocou voluntários em diversas cidades onde Popoff iria promover seus megaeventos de cura para mentir nomes e doenças. Deu certo. Um dos voluntários, Don Henvick, encarnou vários personagens e foi “curado” muitas vezes pelo reverendo. Henvick chegou a se passar por uma mulher e ser “curado” de câncer no útero.

Uma estrutura semelhante seria a arma secreta de Chico Xavier? É possível. A farsa poderia começar na sala de espera das sessões. Bastava que membros do centro espírita conversassem com as famílias anonimamente, sem dar na vista de que estavam a serviço do médium, e coletassem detalhes da trajetória do morto. Munidos de histórias comoventes e nomes de amigos e familiares, os assessores entregariam as informações a Chico Xavier. O médium teria o trabalho de apenas decorar os dados e misturá-los às habituais palavras de consolo.

Mas, se havia algum golpe promovido por Chico na psicografia de cartas, o truque nunca foi descoberto. James Randi escreveu diversos livros sobre

charlatões e seus truques. Um deles se chama *An Encyclopedia of Claims, Frauds, and Hoaxes of the Occult and Supernatural* ("Uma enciclopédia de alegações, fraudes e trotes do oculto e do sobrenatural"). Para Randi, tal como para qualquer outro cético, não existem poderes sobrenaturais: médiuns e todos os sensitivos se encaixam em duas categorias de impostores. Alguns são mágicos profissionais como o próprio Randi que se aproveitam da crença no sobrenatural para aplicar truques, enganar e tirar dinheiro das pessoas. São criminosos, estelionatários.

Outros são indivíduos bem-intencionados. Acreditam possuir poderes, mas, na visão de Randi, apenas contam com a sorte. Videntes honestos, por exemplo, são apenas chutadores. Eles realmente confiam no seu poder de adivinhação e embalam suas previsões em rituais que criam o cenário ideal para a crença. Mas esses "sensitivos" acertam eventualmente, diz Randi, como a velha analogia do relógio parado – 100% certo duas vezes ao dia. Para os céticos, cartomantes bem-intencionadas são pessoas com um ótimo talento de observação e que conseguem intuir os problemas da vida de seus clientes a partir de fragmentos de informação, como postura corporal, roupas, acessórios, sotaques e vocabulário. Randi oferece há décadas US$ 1 milhão para qualquer místico que conseguir comprovar um talento sobrenatural na sua frente (alguns já se candidataram, mas ninguém levou a bolada).

Esse tipo de suspeita, de qualquer forma, servia de incentivo para Chico se aperfeiçoar. Conforme o espiritismo foi se espalhando pelo Brasil na primeira metade do século 20, médiuns de todas as estirpes tentavam colocar no papel os supostos recados dos espíritos desencarnados. Mas muitos deles falhavam em impressionar as plateias. Passavam recados genéricos e não registravam informações que, em tese, só poderiam ser de conhecimento dos familiares – muito menos acertavam a assinatura dos mortos.

A precisão do mineiro foi tema de uma pesquisa publicada na revista científica holandesa *Explore* em 2014. Com ajuda de psiquiatras do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora, o pesquisador Alexandre Caroli Rocha, formado em Letras pela Unicamp, investigou a autenticidade de cartas escritas por Chico Xavier atribuídas ao espírito de Jair Presente, jovem que morava em Campinas e que morreu afogado em uma represa de Americana (SP), aos 24 anos.

Trinta dias após a tragédia, ocorrida em 1974, o pai de Jair ganhou de presente um livro de Chico Xavier. Ele leu a obra e decidiu encontrar-se com o médium. Àquela altura, Chico já tinha trocado a pequena Pedro Leopoldo por Uberaba, transformando a cidade do Triângulo Mineiro no grande centro de peregrinação espírita do país. Ele atendia no Grupo Espírita da Prece, que segue ativo na cidade.

Era lá que, diante de até 300 pessoas que se acotovelavam, Chico dizia ouvir, em média, seis a oito espíritos falarem no seu ouvido por sessão. A psicografia começava à meia-noite e podia avançar até as 4h da manhã. Chico escrevia ininterruptamente em uma mesa colocada de frente para a plateia, e cerca de dez mensagens eram colocadas no papel por noite, algumas delas ocupando até 70 folhas. Mais de 90% das famílias saíam de mãos abanando. Para esses, Chico repetia: "O telefone só toca de lá para cá". Mas os que eram atendidos costumavam deixar o centro espírita impressionados – e com o coração em paz.

A família Presente chegou a Uberaba no dia 15 de março de 1974, uma sexta-feira. Antes das sessões, à tarde, o médium recebia alguns visitantes para um rápido bate-papo. Sueli, a irmã mais velha de Jair, contou aos pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Unicamp que a família teve um breve encontro com o médium antes da sessão espírita. Ela disse a Chico que havia perdido o irmão, que a família estava devastada e que esperava receber notícias do além. Aos pesquisadores, a irmã garantiu que não deu nomes ou mais informações ao médium na conversa.

Mais tarde, já na madrugada de sábado, Chico Xavier interrompeu a escrita e perguntou à plateia: "Quem são os parentes de Jair Presente?". A família ficou perplexa. Como Chico sabia o nome do jovem? Atônitos, os parentes foram até a mesa do médium e ouviram a leitura da carta, que foi entregue à mãe de Jair.

Meu pai, minha mãe, minha querida Sueli, peço-lhes calma, coragem.

Não estou em situação infeliz, mas sofro muito com a atitude de casa. Auxiliem-me. É tudo, por agora, o que lhes posso dizer. Tenho a mente nublada. Consigo entender muito pouco aquilo que se passa em torno de mim. As lágrimas dos meus queridos me prendem.

O texto ocupava 32 folhas, com cerca de 20 palavras por página. Quando analisaram a carta décadas depois, os pesquisadores encontraram 16

informações verificáveis no texto. Os dados se referiam a nomes, datas e fatos relacionados às circunstâncias da morte de Jair. Chico, por exemplo, acertou o dia da semana da morte do jovem (um domingo) e uma série de eventos relacionados ao resgate de Jair na represa, como as massagens cardíacas e tentativas de ressuscitação que os bombeiros aplicaram no corpo. As ações foram confirmadas pelas testemunhas do acidente de acordo com os pesquisadores – Jair estava acompanhado de um grupo de amigos quando se afogou.

> *(...)*
> *Esqueçam o que sucedeu, ninguém me prejudicou, ninguém teve culpa. Mal sabia eu que um passeio domingueiro era o fim da resistência física. O coração parou, ao modo de um motor, de que não se descobre imediatamente o defeito. Sou eu quem deu tanto trabalho aos amigos. Notei quando me chamavam, quando me abraçavam, massageavam e me faziam quase respirar sem conseguir.*

Os cientistas classificaram as 16 informações verificáveis e concluíram que era “bastante improvável” que 15 delas tivessem sido vazadas para Chico ou algum de seus assistentes. Mas uma das informações era ainda mais surpreendente.

> *(...)*
> *Aqui comigo estão o meu avô Basso e um coração de benfeitora a quem chamo Irmã Elvira. Estou bem, mas é preciso melhorar.*

A mãe de Jair tinha uma tia chamada Elvira, mas as duas moravam em cidades diferentes e haviam se afastado em razão da distância. Ao voltar de Uberaba, a mãe do jovem decidiu procurar notícias da tia e descobriu que Elvira havia morrido três anos antes. Ou seja: nem a família de Jair sabia da morte de Elvira até o dia da psicografia. Os pesquisadores que analisaram a carta, então, classificaram essa informação como um “vazamento altamente improvável”.

Chico Xavier escreveu 13 cartas atribuídas a Jair Presente entre 1974 e 1979. Nelas, os pesquisadores identificaram 99 informações objetivas que podiam ter sua veracidade atestada por documentos ou em entrevistas com a família e amigos do morto. Na análise, 98% dos itens foram classificados como “claros e precisos” e nenhum foi identificado como fora de contexto.

“Concluímos que as explicações corriqueiras dadas sobre a acuracidade das cartas como fraude, acaso ou vazamento de informações são remotamente plausíveis”, escreveram os pesquisadores no estudo. Jair Presente ainda apareceria em três livros escritos por Chico Xavier: *Jovens do Além*, de 1974, *Somos Seis*, de 1976, e *Loja de Alegria*, de 1984.

Na década de 1990, um estudo da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), conduzido por Paulo Rossi Severino, chegou a uma conclusão semelhante: 42,2% das famílias reconheceram nas cartas redigidas por Chico Xavier o estilo peculiar dos filhos mortos e todas declararam 100% de acerto nas informações mencionadas. O que é mais impressionante: em 35,6% das mensagens, as assinaturas eram idênticas às dos falecidos, como no caso de Arthur Joviano. Municiados de questionários, os pesquisadores foram atrás das famílias para obter o máximo de dados sobre as cartas consoladoras e atestar se tudo não passava de uma fraude deliberada. Uma das perguntas era: “O que vocês revelaram a Chico antes da sessão?” Outra: “Quantos encontros vocês tiveram com o médium antes de obter a primeira mensagem?” A equipe entrevistou cada família por três horas, colhendo os testemunhos dos envolvidos e documentos do morto em vida que pudessem ser usados para comparar a linguagem usada nas cartas a escritos anteriores à morte.

Os resultados viraram o livro *A Vida Triunfa*, de 1990. A principal suspeita, a de que Chico ou seus assessores conversavam antes com as famílias, ao melhor estilo Peter Popoff, não se confirmou na investigação da Associação Médico-Espírita de São Paulo. Mas vale uma nota: a pesquisa apenas confirmou a crença que a organização já tinha. Crenças prévias podem enviesar uma pesquisa feita com método científico? Não deveriam, mas podem. Então é preciso ter cautela com os resultados, em vez de entendê-los como verdade irrefutável, como prova científica de que o espíritos existem. Não é. Para todos os efeitos, o espiritismo segue sendo uma questão de fé, como acontece com qualquer religião.

Nem por isso o trabalho de Chico Xavier deixa de impressionar até os mais céticos. Uma de suas psicografias mais conhecidas envolveu Nair Bello, falecida em 2007. A atriz, que passou a carreira interpretando papéis bem-humorados com seu inesquecível sotaque fermentado na comunidade italiana de São Paulo, procurou o Grupo Espírita da Prece depois de uma notícia arrasadora. Na madrugada de 9 de dezembro de 1975, um dos quatro filhos de Nair dirigia no bairro do Pacaembu, em São Paulo, quando bateu o

carro em uma árvore próxima à residência da família. Manoel Francisco Neto, o Mané, ficou em coma e morreu cinco dias depois, aos 20 anos.

A família suspeitava que Mané tivesse cometido suicídio. Pouco antes do desastre, o jovem havia largado o emprego, a faculdade e terminara com a noiva. Por quase dois anos, Nair fez perguntas mentais ao filho morto, tentando entender como ele havia deixado o mundo tão cedo.

Perturbada pela tragédia, a atriz foi para Uberaba três vezes na esperança de receber uma mensagem do filho por meio de Chico Xavier. Em vão. Nair era católica, mas seu marido, Irineu Souza Francisco, era um seguidor de Allan Kardec. Com a influência espírita dentro de casa, a atriz persistiu e, na quarta viagem a Uberaba, no dia 3 de junho de 1977, teve seu pedido atendido.

Nair encontrou conforto nas respostas supostamente enviadas pelo espírito de Mané e psicografadas por Chico Xavier. Na mensagem, o filho afastava a possibilidade de suicídio.

> *(...)*
> *Às vezes, o Mané casmurro que eu era falava em mundo difícil de aguentar e fazia alguma referência que pudesse dar a ideia de que, algum dia, ainda forçaria o portão de saída da Terra. Mas estejam convencidos de que o carro deslizou sem que eu pudesse controlá-lo. A visão não estava claramente aberta para mim porque sentia em torno uma névoa grossa, e a manobra infeliz veio fatal e com tamanha violência que a tese de suicídio não devia vir à baila.*

A longa carta, que tem o tamanho de quatro páginas de livro, está recheada de referências a nomes dos círculos de amigos e da família. Mas foi um trecho em especial que convenceu a atriz de que se tratava de uma mensagem do além enviada pelo filho. No início de dezembro, poucos dias antes do acidente, Nair jantava com Mané e com o marido. Em um daqueles momentos familiares típicos, onde uma conversa prosaica sai do controle e termina em bate-boca, a mãe e o filho começaram a discutir sobre onde passariam o Natal de 1975. Tradicionalmente, a família ia a Limeira, terra natal de Irineu. Mas, naquele ano, o rebelde Mané informou que cogitava tomar outro destino, para tristeza familiar. Os pais tentaram convencer o jovem, mas a conversa rumou para o desentendimento e terminou inconclusiva. O episódio apareceu na carta escrita por Chico:

(...)
naquele instante eu estava pensando em Natal e em nossa viagem a Limeira. Não sei se recordam que eu demonstrava uma certa indecisão entre acompanhar a família ou ficar em nossa casa. Mas isso tudo era só de mentirinha porque, no fundo, eu queria seguir com todos.

Nair já tinha ido quatro vezes a Uberaba até conseguir uma mensagem supostamente assinada pelo filho. Ou seja, se havia golpe na psicografia de Chico Xavier, ponto para os céticos: os assistentes de Chico tiveram tempo suficiente para extrair informações íntimas da família antes do médium escrever a primeira carta atribuída a Mané. A atriz, no entanto, sempre afirmou em entrevistas que nunca havia comentado com ninguém o episódio da discussão com o filho.

Estima-se que Chico Xavier tenha escrito 10 mil cartas de consolo a familiares em mais de 70 anos de trabalho. Era um trabalho difícil. Não raro, o médium chorava junto com as mães nas reuniões de psicografia. Ele dizia que o problema no coração que o acompanhou até o fim da vida era por conta do sofrimento que presenciava toda sexta e sábado no centro espírita.

Chico era uma pessoa carinhosa e carismática. Cativava com seu jeito simples e delicado e nunca demonstrou irritação em público ou disparou palavras ácidas. Sobravam elogios para suas intenções.

Mas nem por isso foi poupado de críticas e investigações nada amigáveis ao longo da vida. É o que vamos ver agora.

9

O bombardeio

Uma sucessão de acusações nas décadas de 1940, 1950 e 1960 arranhou a imagem do médium de Minas Gerais. Os ataques e as suspeitas de charlatanismo vieram de jornalistas famosos, espíritas de reputação duvidosa e até de um sobrinho que chegou a ser considerado como um novo grande nome do movimento espírita.

EM AGOSTO DE 1944, militares da Força Expedicionária Brasileira enviados para a Segunda Guerra Mundial recebiam orientações em terras italianas. Os expedicionários lutariam, nos meses seguintes, contra tropas de Mussolini e Hitler. Naquela época, o repórter David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon eram as estrelas de *O Cruzeiro*, a principal revista do país. Os leitores da publicação talvez esperassem que a dupla mais famosa do jornalismo brasileiro fosse enviada à Europa para cobrir o avanço dos pracinhas. No entanto, os dois estavam a caminho da cidade de Pedro Leopoldo para cumprir outra missão: desmascarar Chico Xavier.

Naquele ano, o médium mineiro era o centro de uma polêmica nacional depois que familiares do autor Humberto de Campos acionaram a Justiça por conta de textos que Chico havia publicado e atribuído ao espírito do escritor, falecido em 1934. A viúva queria que as autoridades decidissem se as psicografias eram mesmo verdadeiras. Se fossem, ela esperava receber royalties dos livros. Nasser e Manzon queriam resolver o caso antes do julgamento.

Os repórteres voaram para Minas no avião particular de Assis Chateaubriand, dono do conglomerado de mídia do qual *O Cruzeiro* fazia parte. Em Belo Horizonte, foram recebidos por Juscelino Kubitschek, então prefeito da capital mineira, antes de pegar os 40 km em estrada de chão até Pedro Leopoldo. O primeiro passo foi tentar uma entrevista com Chico na Fazenda Modelo, seu local de trabalho na época, mas o chefe Rômulo Joviano disse que o médium não falaria sobre o caso. Chico estava sendo protegido pelos amigos e auxiliares até que o imbróglio judicial tivesse fim. Mas Nasser e Manzon não se abalaram. Rumaram depressa até a casa de Chico, onde se apresentaram como jornalistas estrangeiros (Manzon era mesmo francês, mas Nasser era paulista de Jaú). O piloto do avião particular do chefe completou a equipe e interpretou um falso tradutor. Com a mentira, conseguiram entrar na casa. Para evitar que Rômulo Joviano entrasse em contato e estragasse a trapaça, os repórteres teriam cortado o fio de telefone da residência. E começaram a investigação.

O relato foi publicado na edição de 12 de agosto de 1944 de *O Cruzeiro.* Uma das fotos da reportagem *Chico Xavier, detetive do Além* mostra o médium esfregando a testa com ambas as mãos, como fazia antes das psicografias. Outra traz Chico sentado em uma banheira vazia, uma das mãos cobrindo o rosto, em pose embaraçosa de transe mediúnico. O texto advertia os leitores:

Sim, o mistério continuará por muito tempo. Eternamente. E Chico Xavier morrerá sem revelar o segredo de sua extraordinária habilidade ao escrever de olhos fechados, se é mágico, ou de seu fantástico virtuosismo, ao chamar, além das fronteiras da vida, as almas dos imortais, fazendo-os recordar os velhos tempos da Academia. Nossa intenção é mostrar o homem.

A reportagem definiu Chico Xavier, então com 35 anos, como um homem "adorável, cândido, humilde, um anjo de criatura", mas o foco do repórter foi rechear o texto com informações que levantassem dúvidas sobre a autenticidade das psicografias. Por meio das páginas de *O Cruzeiro*, os brasileiros souberam que o médium era, sim, um devorador de livros, que entendia um pouco de francês e inglês e que vivia em meio a estantes repletas de obras variadas, inclusive de autores mortos que ele psicografava, caso do português Guerra Junqueiro. Ou seja: a reportagem deixava nas entrelinhas que Chico era uma fraude. Veja:

Na parede, prateleiras repletas de livros. [Ali] as obras assinadas por Guerra Junqueiro, ainda em vida. [Também] os livros de Flammarion e de Allan Kardec, mas não os psicografados.

O repórter também incluiu um desabafo do médium, cansado do assédio que tornava ainda mais difícil sua já extenuante rotina diária. Um panorama interessante da movimentação espírita que começava a tomar conta de Pedro Leopoldo.

"Tenho necessidade de trabalhar para sustentar minha família. Se quase me dedico inteiramente a receber as comunicações, ainda se entende. O pior, entretanto, é a onda de gente que vem do Rio, de São Paulo e de todos os Estados."

"Peregrinos?"

"Mais ou menos. Não posso deixar de recebê-los, pois fico pensando que vieram de longe e necessitam de consolo. Isto leva tempo, toma tempo. Como se não bastassem essas preocupações, o telefone interurbano não para dia e noite. 'Chico, Rio está chamando... Chico, Belo Horizonte está chamando... Chico, São Paulo está chamando... Chico, Cachoeira está

chamando...' Evito atender, mesmo constrangido. Meu Deus! Eu não quero nada, senão a paz dos tempos antigos, o silêncio de outrora. Quero ser de novo aquele Chico sossegado e tranquilo que apenas se preocupava com as coisas simples…”

Quando leu a reportagem, Chico chorou. Além de constrangido, estava apavorado com o impacto negativo que o texto teria no processo da família de Humberto de Campos. Ele achava que o juiz poderia acabar influenciado pelos relatos e decidir que Chico era um plagiador. Não foi o que aconteceu, como vimos no capítulo 3 – no final de 1944, a Justiça encerrou a ação decidindo que a família só tinha direitos sobre os royalties de textos escritos em vida. A reportagem, no entanto, pautou a relação de Chico com a imprensa: ele negou pedidos de entrevistas profundas por mais de duas décadas depois do episódio.

Anos mais tarde, David Nasser mostrou arrependimento pela forma como retratou o médium. Definiu o trabalho como “a reportagem que não deveria ter escrito” e, em entrevistas, contou algo que ficou de fora do texto original. Em casa, logo após voltar de Minas Gerais, Nasser recebeu pela madrugada uma ligação do parceiro Jean Manzon perguntando se ele tinha aberto o livro que Chico lhes dera de presente quando a dupla se despediu. O repórter buscou o volume de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e se arrepiou ao ler a dedicatória: “Ao meu irmão David Nasser, de Emmanuel”. O problema: Nasser tinha dado um nome falso a Chico. Lembre-se de que a reportagem ainda não tinha sido publicada - Chico tinha dado o livro enquanto a dupla ainda estava apurando a matéria. Ou seja, Chico sabia que os entrevistadores não eram jornalistas estrangeiros e conhecia seus nomes verdadeiros. “Por coisas assim é que eu tenho medo de me envolver em assuntos de espiritismo”, disse Nasser.

Em julho de 1958, Chico voltou ao noticiário envolto em uma nova polêmica. O sobrinho Amauri Pena Xavier, filho de sua irmã mais velha, procurou o prédio do jornal *Diário de Minas* para desabafar, alegando que precisava “se livrar de um peso na consciência”. Na época, o rapaz de 25 anos era um prodígio da juventude espírita. O novato médium já tinha psicografado textos atribuídos ao poeta Castro Alves e encantado o movimento espírita mineiro com o poema épico *Os Cruzílidas*, assinado pelo espírito de Luís de Camões em pessoa.

A autoria das obras, no entanto, foi desmentida diante dos jornalistas. Amauri declarou que tudo era uma mentira, que as psicografias eram fruto de sua própria imaginação e que nunca tinha estado em contato com mortos. “Sempre encontrei muita facilidade em imitar estilos. Por isso os espíritas diziam que tudo quanto saía do meu lápis eram mensagens ditadas pelos espíritos desencarnados. Revoltava-me contra essas afirmativas, porque nada ouvia nem sentia de estranho quando escrevia. Os espíritas, entretanto, procuravam me convencer de que eu era médium. Levado a meu tio, um dia, assegurou-me ele, depois de ler o que eu escrevera, que deveria ser seu substituto. Isso animou bastante os espíritas. Insistiam para que eu fosse médium”, revelou.

Para piorar a situação, Amauri afirmou que o tio também não fazia contato com o plano espiritual. As obras publicadas pelo médium seriam fruto da inteligência, da leitura e da enorme facilidade que Chico Xavier tinha para escrever imitando o estilo de grandes autores. As declarações tiveram lugar não apenas no jornal mineiro, mas também nos principais veículos do país. *O Globo* estampou na capa de 16 de julho de 1958 a manchete “Desmascarado Chico Xavier pelo sobrinho e auxiliar”. No texto, seguia com as revelações bombásticas de Amauri:

> *Depois de se submeter ao papel de mistificador durante anos, o jovem Amauri Pena, sobrinho de Chico Xavier, resolveu, por uma questão de consciência, revelar toda a verdade. Chico Xavier era, desde muito cedo, um devorador de livros.*

Nas semanas seguintes, o pai de Amauri disse que o filho era “doente da alma” e “dado a bebidas”. O delegado da cidade de Sabará, onde o jovem residia, confirmou que o sobrinho de Chico bebia e causava badernas. A imprensa procurou o rapaz para novas entrevistas, mas Amauri tinha sumido. Chico Xavier, então, rompeu o silêncio com os repórteres.

O médium negou que o sobrinho fosse seu auxiliar e, apesar de magoado, desejou que o jovem encontrasse a felicidade. No entanto, em carta para Antônio Wantuil de Freitas, à época presidente da Federação Espírita Brasileira, Chico foi mais duro e classificou Amauri como um “familiar deliberadamente vendido aos adversários implacáveis da nossa causa”.

Anos mais tarde, o médium falou outra vez sobre o escândalo à imprensa. “Quanto ao meu sobrinho, era um perturbado. Bebia muito, não trabalhava

direito, acabou louco. E morreu há alguns anos. Ele fez aquilo, ao que parece, pela sedução do dinheiro. Que o Altíssimo o perdoe", disse.

Até hoje não se sabe se a confissão de Amauri era sincera de fato. Biógrafos e pessoas próximas a Chico suspeitam que o jovem teria aceitado suborno de um padre para desmoralizar a doutrina. Não há, porém, qualquer comprovação. As revelações do sobrinho de Chico ainda são motivo de polêmica porque nunca foi possível aprofundar as investigações com o principal envolvido: após o escândalo, Amauri teria sido internado em um sanatório espírita na cidade de Espírito Santo do Pinhal, no interior de São Paulo, para tratar o alcoolismo. Ele não largou o vício e morreu de hepatite em junho de 1961, aos 27 anos.

O ataque familiar afetou Chico Xavier. Deprimido, ele parecia convicto de que Pedro Leopoldo estava repleta de "forças negativas" determinadas a afrontá-lo. Um ano após as revelações do sobrinho Amauri, o nome mais importante do espiritismo brasileiro deixou a sua terra natal, onde vivera todos os 49 anos de sua vida, em busca de novos ares. Em janeiro de 1959 Chico Xavier fincaria raízes em Uberaba – onde passaria o resto da vida. Motivo: o médium decidiu morar com Waldo Vieira, uma jovem promessa do espiritismo brasileiro.

Os dois tinham se visto pela primeira vez quatro anos antes, em 1955. Na época, Waldo frequentava a Universidade de Uberaba, onde cursou medicina e odontologia. Com 23 anos de idade, dizia ouvir espíritos desde os 9 e psicografava desde os 13. Natural de Monte Carmelo, no interior mineiro, o rapaz havia chegado até Chico Xavier por indicação da mãe, Aristina Rocha, que mantinha um centro espírita na sua cidade natal.

Waldo causou uma ótima primeira impressão. Trazia no bolso da calça um poema com o título *Deus*, que atribuía a um espírito anônimo. O soneto alexandrino deixou Chico impressionado: havia potencial ali. A relação entre os dois se estreitou rapidamente – e Waldo continuaria a surpreender. Em uma das primeiras conversas que os dois tiveram, o jovem estudante revelou ao médium de Pedro Leopoldo que também estava habituado a receber mensagens de um espírito chamado André Luiz. Quando mostrou os textos que havia psicografado, Chico Xavier não teve dúvidas: com os olhos arregalados, como se tivesse acabado de ter uma grande epifania, concluiu que o André Luiz de Waldo era o mesmo espírito que teria lhe ditado *Nosso Lar*.

A chegada de um seguidor tão promissor interrompeu a solidão do trabalho de Chico Xavier depois de três décadas de atividade. Ninguém havia conseguido se aproximar dele como Waldo Vieira faria, e nenhum colaborador seria tão influente em sua vida. Chico passou a tratar o rapaz de Monte Carmelo como um filho, e não era apenas força de expressão: tinha certeza que esta havia sido a relação dos dois em alguma encarnação anterior. Sentia que precisava proteger e guiar Waldo. Em várias fotografias suas desse período, o pupilo aparece entre sua mãe e Chico Xavier, que ocupa a posição que caberia a um pai na imagem.

Na correria dos dias, o trabalho estava exigindo cada vez mais horas de Chico. As sessões públicas em Pedro Leopoldo atraíam um número sempre crescente de interessados e curiosos. Foi nesse período que, segundo o médium, Emmanuel impôs um novo desafio: Chico Xavier deveria continuar divulgando o espiritismo no Brasil com afinco redobrado e, para isso, precisava chegar à marca de cem livros publicados. Procurado por dezenas de pessoas diariamente, Chico tinha de atender, consolar, psicografar e ainda publicar livros. Avizinhava-se dos 50 anos, estava sobrecarregado e, para piorar, sua visão se deteriorava. Waldo Vieira chegou na hora certa para dividir as muitas tarefas que se acumulavam.

O entusiasmo que sentia no jovem aspirante a médico fez Chico apostar nele como um sucessor. Em setembro de 1957, quando ainda morava em Pedro Leopoldo, mandou uma carta a Wantuil de Freitas, presidente da FEB, admitindo que via com cada vez mais simpatia a ideia de formar um ajudante:

> *Agora, meu caro Wantuil, que 30 anos consecutivos se passaram sobre minhas singelas atividades mediúnicas, tenho necessidade de sentir alguém comigo, a quem eu possa ir transmitindo recomendações de nossos Benfeitores Espirituais que eu não possa, de pronto, atender ou em cujas mãos possa deixar alguns deveres preciosos, na hipótese de qualquer necessidade.*

Anexas à carta, Chico Xavier enviou à federação as primeiras páginas psicografadas por Waldo Vieira para a revista espírita *Reformador*. Sua mensagem a Wantuil de Freitas prosseguia com o tom de uma carta de recomendação:

Sinto em meu coração que devo e preciso cooperar para que o Waldo se aproxime da FEB e do Reformador com respeitosa afeição. Não me sinto cansado, nem tenho a vocação de falar na morte, quando há tanto serviço a fazer. É o anseio natural de ver a obra enriquecida com o enriquecimento espiritual daqueles que a amam e que vieram a este mundo para estendê-la nos corações.

Com a missão dos cem livros no horizonte, Chico Xavier abriu as portas a Waldo com uma oferta: psicografar a quatro mãos um livro ditado por André Luiz. Para quem olhava de fora, parecia uma ideia tresloucada, com poucas chances de dar certo. André Luiz até poderia ser o mesmo, mas era difícil imaginar como aquilo funcionaria: de um lado, um jovem estudante de medicina, leitor assíduo de clássicos da literatura e obras científicas; do outro, um senhor de meia-idade que tinha completado somente o ensino primário. Eles não apenas eram dois médiuns diferentes. Também viviam em cidades distintas. Chico e Waldo criaram um sistema curioso para contornar os problemas. Em Uberaba, onde seguia os estudos, Waldo ficou responsável pelos capítulos pares do novo livro. Ao concluir cada parte, enviava os originais para Pedro Leopoldo, onde Chico complementava a obra escrevendo os capítulos ímpares.

Parecia improvável que desse certo, mas, aos poucos, o primeiro volume da dupla ganhou corpo. Em 1958, por fim, chegava às livrarias a obra conjunta: *Evolução em Dois Mundos*, assinada por Chico Xavier e Waldo Vieira (com créditos para André Luiz, claro). Após tantas dúvidas quanto à viabilidade do projeto, a dupla estava orgulhosa: o texto tinha uma coerência surpreendente. Mas era um trabalho diferente, que em quase nada lembrava as obras anteriores de Chico. Se até ali seu estilo havia sido marcado por uma linguagem compreensível e popular, que não afastava os espíritas mais humildes, o novo livro seria criticado pela linguagem inacessível.

Termos como “Hausto Corpuscular de Deus”, “convulsões telúricas” ou “animálculos infinitesimais” povoavam as páginas e tornaram a leitura pesada. Havia ainda trechos de clara inspiração no jargão médico, mas que não pareciam fazer sentido mesmo para quem tinha familiaridade com as ciências da saúde, como a passagem sobre a formação das células: “são cenócitos ou microrganismos que podem viver livremente, como autositos, ou como parasitos; sincícios ou massa de células que se fundem para a

execução de atividade particular...”. Chico e Waldo foram acusados de propagar uma pseudociência no texto.

A complexidade da escrita, que tanta estranheza causou nesse primeiro livro, continuaria a ser uma marca das psicografias em conjunto que os dois fariam nos anos seguintes. Os livros a quatro mãos ocuparam a maior parte do tempo de Chico e Waldo. Mas, logo depois do primeiro dueto, uma mudança fundamental facilitou a parceria: a mudança de Chico para Uberaba, em 1959.

Waldo ainda vivia em sua residência de estudante, um casebre a 8 quilômetros do centro da cidade, no meio de um matagal, com um só quarto e sem pintura nas paredes. O isolamento não impediu que, em pouco tempo, os dois começassem a receber visitantes de todas as partes. A notícia da chegada de Chico Xavier na região percorreu a vizinhança, e o boca a boca despertou interesse até de quem nunca havia levado o espiritismo a sério. Um público ruidoso aparecia diariamente na casa dos dois. Era uma multidão que incluía cada vez mais católicos: fiéis em busca de consolo e respostas que a Igreja já não conseguia lhes dar.

Em abril de 1959, apenas três meses depois da mudança, Chico e Waldo inauguraram um centro espírita batizado de Comunhão Espírita Cristã em uma construção erguida ao lado da casa compartilhada. Separar o ambiente residencial do espaço onde ocorreriam as sessões era uma forma de atender melhor o público e organizar o próprio trabalho, para evitar que o tumulto diário prejudicasse a missão estipulada por Emmanuel.

As atividades eram intensas. Todos os dias, os colaboradores do centro serviam um sopão aos pobres e desabrigados que apareciam por ali. Nas noites de segundas, sextas e sábados, a partir das 20h, eram realizadas as reuniões públicas, e nas quartas tinham lugar as sessões privadas. Eram momentos exaustivos. Os ajudantes do centro aqueciam os visitantes com longas leituras do *Evangelho Segundo o Espiritismo* ou do *Livro dos Espíritos*, mas todos estavam apenas esperando o ápice da noite, quando Chico Xavier e Waldo Vieira apareciam para escrever mensagens madrugada adentro. Tanta mobilização, no entanto, não impedia que os dois tivessem um pouco de privacidade em momentos da semana: às terças e quintas, os dois fechavam as portas para o mundo dos vivos. Trancavam-se em casa para escutar os espíritos e seguir escrevendo seus livros.

Mas a concentração no trabalho e a mudança para Uberaba não livrou Chico de novos escândalos. Na verdade, foi na cidade que a reputação do

médium sofreria o maior abalo.

Em 3 de agosto de 1963, a revista *Fatos & Fotos* publicou reportagem sobre a médium Otília Diogo, responsável por fenômenos de materialização de espíritos em um centro espírita de Andradas, em Minas Gerais. O repórter Salomão Schvartzman escreveu que Otília, uma mulher baixa, magra e de aproximadamente 30 anos, tinha sido amarrada a uma cadeira. As luzes foram apagadas e a escuridão era total quando a sessão teve início. O fotógrafo da revista foi orientado a não disparar o flash sem autorização, sob risco de cegar a médium para sempre. Os presentes começaram a ouvir sons guturais, típicos de uma ânsia de vômito. Depois disso, surgiu a figura de Irmã Josefa, uma freira alemã que seria a mãe já falecida da própria médium. Não era uma imagem. Era um ser feito de algum tipo de matéria física (mas não de carne e osso). Um fantasma.

O relato feito pelo jornalista era assombroso:

> *De repente, em meio à escuridão, vislumbrei um vulto branco. Era o espírito que aparecia e que se anunciava como Irmã Josefa. Todos renderam graças a Deus. Fiquei estático. A preocupação de descobrir qualquer indício de embuste tirou-me o medo. Mas não vi nenhuma mistificação. E a Irmã Josefa lá estava, com apenas uma pequeníssima parte de seu rosto e a laringe iluminadas por uma luz fosforescente. Não se lhe viam os olhos, a boca e o nariz.*

Foi a própria Irmã Josefa quem autorizou o fotógrafo a registrar sua presença. Quando o flash disparou, rompendo a escuridão completa, o repórter disse ter visto o que seria um “espírito materializado numa vestimenta branca, comprida, tocando o chão”. A sessão, de 90 minutos, terminou quando a entidade sobrenatural disse que o ectoplasma da médium, a substância esbranquiçada responsável por dar forma ao espírito, estava acabando. As luzes foram acesas, e Irmã Josefa não estava mais presente. No palco estava Otília Diogo, de cuja boca um líquido branco escorria.

A repercussão do caso foi grande em todo o país, o que despertou interesse de Chico Xavier e Waldo Vieira. Eles queriam estudar os fenômenos de materializações e averiguar se médiuns como Otília eram ou não autênticos. Chico acompanhava tais manifestações desde 1948, quando recebeu em Pedro Leopoldo o médium Francisco Lins Peixoto, o

Peixotinho, considerado por entusiastas como o maior materializador de espíritos do Brasil. Fotos de Chico posando com estranhas figuras supostamente geradas pelo ectoplasma de Peixotinho estão disponíveis na internet – e nesses casos não há o que discutir: os tais "espíritos materializados" são pessoas cobertas por lençóis brancos. O que se vê ali é um show de mágica, de baixo orçamento.

Talvez por amizade, talvez para promover a "causa" espírita, como ele mesmo denominava, Chico dizia que o trabalho do médium cearense era autêntico. Atestou como sério também o trabalho do médium Fábio Machado, que no final dos anos 1940 gerava os mesmos espíritos de Peixotinho. Esses espetáculos fantasmagóricos, de qualquer forma, nunca foram importantes para Chico. Mas atiçavam a curiosidade de Waldo.

Por influência do pupilo, a dupla se pôs a divulgar os poderes de Otília Diogo e de outros médiuns materializadores. Não era uma divulgação convencional, diga-se. O que Waldo fez foi dizer que "testaria cientificamente" os poderes de Otília – como se ele fosse um cético.

Para isso, Waldo transformou o próprio consultório médico em sala de experiências, com palco para os médiuns e cadeiras para os investigadores. Montou uma equipe de quase 20 médicos de várias especialidades para dar legitimidade às pesquisas, que pretendiam ser as mais sérias já feitas sobre o assunto no país.

As sessões também eram abertas a alguns adeptos da doutrina espírita. Com base em relatos das testemunhas e em fotos divulgadas pelos próprios pesquisadores, a revista *O Cruzeiro* publicou na edição de 18 de janeiro de 1964 a primeira de várias reportagens que faria sobre os espetáculos de Uberaba. Na abertura do texto, a revista deixou claro que as informações vinham de fontes envolvidas na pesquisa. Era preciso ampliar a investigação.

O Cruzeiro apresenta o mais completo documentário sobre a "materialização de espíritos", fenômeno parapsíquico relacionado com a liberação de ectoplasma, denominado "quinto estado da matéria orgânica". Os depoimentos e as fotografias desta reportagem são da responsabilidade de uma equipe de médicos, de São Paulo e do Triângulo Mineiro, que assistiu e pesquisou durante três meses numerosas experiências, sob controle, na cidade de Uberaba.

Para não deixar dúvidas sobre a seriedade dos experimentos de Waldo, Chico convidou um repórter de *O Cruzeiro* para acompanhar os trabalhos em Uberaba. O jornalista, no entanto, apareceu acompanhado de outros cinco colegas dispostos a desvendar o mistério, o que teria deixado Otília e o time de investigadores desconfiados. Waldo, o líder dos trabalhos, atuava como porta-voz para dar explicações sobre os procedimentos adotados. Chico era um mero auxiliar. Também circulavam pelo local médicos e fotógrafos da equipe espírita, além de três assistentes da médium, que veio de São Paulo especialmente para os estudos. Quando as luzes foram apagadas, começaram os gemidos. Logo depois, apareceu diante dos presentes o que seria o espírito de Irmã Josefa, que conversou com os espectadores e ainda posou para fotos.

Dias antes de *O Cruzeiro* publicar a matéria, Waldo recebeu um telefonema da redação da revista. A sugestão era clara: “desapareçam por algum tempo, vão até o fim do mundo se for preciso”. O aviso era de um jornalista próximo a Chico Xavier, preocupado com o que havia escutado nas reuniões de pauta: “A revista vai fazer uma tempestade publicitária em cima de vocês”.

Uma das testemunhas que apareceram ao lado do fantasma é o repórter Mário de Moraes, que assina a reportagem publicada em 1º de fevereiro de 1964 junto com os colegas. O texto afirma categoricamente que os espetáculos de Uberaba eram uma farsa.

> *O Dr. Waldo levantou-se então, da cadeira onde estava sentado, bem à minha frente, segurou-me pelas mãos e conduziu-me, no escuro, até onde estava a “Irmã Josefa”. (...) E verifiquei, nitidamente, que a “Irmã Josefa” [o "espírito materializado"] tinha o mesmo rosto da médium Otília.*

Mais tarde, segundo o relato, a médium materializou o que dizia ser o espírito de Alberto Veloso, que teria sido médico da Marinha em vida. Mas nada disso convenceu os jornalistas, que viram apenas uma figura de bigode e turbante na cabeça por instantes. Depois da aparição, surgiu a voz de um caboclo, que não foi materializado. No fim da apresentação, o espírito da Irmã Josefa voltou, apenas em voz, para dizer que iria reforçar as amarras que prendiam a médium na cadeira, o que levantou mais suspeitas, como escreveu Mário de Moraes.

Novos gemidos, mais vômito da médium Otília, o som desta vez saindo da cabina. É "Irmã Josefa" de volta, informando que não está materializada: é apenas voz e está saindo a poucos centímetros da boca da médium. Diz que vai dar uma demonstração da sua "presença", apertando ainda mais as algemas que prendem os pulsos de Otília. Ouvimos, então, o barulho característico de uma algema fechando. Se o "espírito" não desse a necessária "explicação", nós poderíamos concluir que a algema estava aberta. Mas se a "Irmã Josefa" era apenas voz, com que mão apertou as algemas? Mais preces e termina a sessão. Que não me convenceu, absolutamente.

A reportagem de *O Cruzeiro* era contundente. Na avaliação do time de repórteres, os espetáculos feitos em Uberaba eram fraudulentos, e a investigação realizada por Waldo, Chico e a turma de médicos estava cheia de furos. A lista de suspeitas era longa. No acerto inicial feito com os espíritas, os jornalistas teriam total acesso para monitorar a materialização, o que não aconteceu. Não era possível fotografar sem autorização, o número de aparelhos com flash dentro da sala foi restringido, não foi permitido jogar talco ao redor da médium para ter certeza de que ela não deixaria a cadeira, as filmagens foram vetadas (o espírito teria prometido exclusividade para outra equipe). Os espíritas também não deixaram que a equipe de *O Cruzeiro* usasse algemas próprias para imobilizar Otília e não foi feita a revista completa da médium antes e depois do espetáculo. Além disso, os repórteres foram guiados o tempo inteiro por outras pessoas. O relato de Nilo de Oliveira dá um panorama das restrições.

Revistei as pessoas que entravam na sala, com exceção de duas moças e da médium, pois estava impossibilitado de fazê-lo. Anotei, então, um lembrete: levar, no outro dia, uma senhora que pudesse fazer a revista nas pessoas do sexo feminino. Quando fui algemar a médium as algemas eram de propriedade dos experimentadores – quis fazê-lo a meu modo, mas fui impedido pelos protestos dele e de alguns assistentes. Alegavam que Otília seria machucada durante as contorsões que teria. Rubriquei esparadrapos e coloquei no buraco das chaves, dos cadeados e das algemas. As chaves ficaram em meu poder, o que não excluía a possibilidade de alguém ter duplicata das mesmas, pois todo o material usado era de propriedade dos experimentadores. Nossas providências de

segurança seriam tomadas no dia seguinte, depois de observarmos a primeira sessão.

Os jornalistas notaram que a voz dos espíritos era muito semelhante ao timbre de Otília Diogo. Também perceberam que os pesquisadores encostaram muitas vezes nas aparições sem matar a médium (contrariando o alerta feito aos repórteres). Os jornalistas viram ainda que a materialização do tal médico mantinha o volume dos seios observado em Irmã Josefa e que o interruptor de luz vermelha era acionado rapidamente pela própria entidade. Além disso, os repórteres verificaram que uma marca de giz feita no chão foi apagada com o caminhar de Irmã Josefa, ficando vestígios do material nos pés da médium. No fim da apresentação, Otília estava muito nervosa e quebrou o protocolo, indo ao banheiro antes de ser devidamente revistada. Waldo Vieira tinha prometido aos repórteres que eles teriam chance de rever as suspeitas em sessão a ser realizada no dia seguinte, mas a nova oportunidade foi repentinamente negada. "Para nós o embuste era claro, mas muitos dos presentes à sessão ainda acreditavam nele e mostravam-se agressivos ante as nossas argumentações", escreveu o repórter Nilo de Oliveira.

A edição de *O Cruzeiro* caiu como uma bomba nos círculos mediúnicos, e outras reportagens ampliaram o mal-estar. Fotos feitas com filmes de alta sensibilidade, mesmo com iluminação precária, revelaram detalhes das feições da Irmã Josefa invisíveis a quem estava na penumbra da sala. Eram os traços da própria Otília Diogo, apenas escondidos atrás do véu. A revista publicou em mais de dez edições seguidas textos denunciando as farsas realizadas pelos espíritas em Uberaba. Foram quase três meses de campanha contra os shows de materializações. Graças à cobertura, a revista vendeu mais de 15 milhões de exemplares naquelas semanas – um volume que seria enorme para qualquer revista brasileira hoje. As imagens "oficiais" divulgadas pela equipe de pesquisadores sob comando de Waldo foram analisadas pelo perito Carlos de Mello Eboli, do Rio de Janeiro, que, entre muitos detalhes observados, garantiu que "as figuras, feminina e masculina retratadas são na realidade uma só, feminina, que se veste em várias ocasiões com parte de uma mesma indumentária".

Poucos espíritas saíram em defesa das sessões, dos médicos e dos médiuns. O mais aguerrido foi o escritor e jornalista Jorge Rizzini, que participou de programas de televisão para defender os experimentos e as

manifestações mediúnicas de Otília. Rizzini publicou o livro *Otília Diogo e a Materialização de Uberaba*, em que conta sua versão do ocorrido e acusa *O Cruzeiro* de promover uma campanha planejada contra o espiritismo. No livro, consta um depoimento de Chico Xavier garantindo que tais fenômenos eram autênticos e que a figura vestindo branco que falava e andava pelo escritório escuro era realmente um espírito materializado graças aos poderes da médium em transe.

> *Eu tive o prazer de assistir a experiências, havidas por deferência dos nossos amigos da medicina; experiências de caráter científico. Eu creio mesmo que seria dispensável minha presença; mas fui convidado e compareci com muito prazer. Foi para mim um conforto muito grande poder abraçar a nossa Irmã Josefa materializada em nossa reunião. Tive a felicidade de conseguir sair numa foto em que eu estava (para muita alegria minha) ao lado dela. [...] Eu tenho muita confiança na mediunidade de nossa dona Otília, que é realmente uma senhora digna do maior respeito pela honestidade, pela bondade e, vamos dizer, pela espontaneidade com que se entrega aos controles, pelo respeito aos cientistas. Ela se entrega de coração às exigências que foram feitas para que se verificasse a comprovação científica do fenômeno. De modo que eu respeito nela imensamente a bondade e esse amor à verdade.*

Waldo e Chico passaram a vida toda dizendo que não endossavam o trabalho de Otília e que estavam apenas investigando o suposto fenômeno – o que contraria o depoimento publicado no livro de Rizzini. Mas, seja como for, a aproximação dos médiuns com os materializadores pegou mal.

Defensores de Chico argumentam até hoje que o médium acabou vítima de eventuais farsantes, sendo iludido por eles da mesma maneira que qualquer outro que assistiu ao espetáculo foi enganado. Mas parece ter faltado desconfiômetro para Chico. Até o presidente americano John Kennedy, assassinado em 1963, teria dado as caras em algumas sessões. E a aparição transborda charlatanismo: nas fotos, “Kennedy” aparece vestindo um véu branco e usando uma máscara recortada de uma capa de revista. Críticos até localizaram a edição exata: um exemplar de *Fatos & Fotos* de dezembro de 1963. Constrangedor.

Esses episódios machucaram a imagem de Chico. Mas o trabalho que ele próprio fazia continuava sendo visto com respeito, e sua popularidade

seguiu crescendo. Mas em Waldo Vieira o golpe foi profundo. E a relação entre padrinho e afilhado se complicaria dali em diante.

10

O dissidente

Waldo Vieira tinha pretensões científicas para o espiritismo. Depois da desastrada investigação sobre as materializações de fantasmas, o afilhado de Chico Xavier decide tomar novo rumo, e revelar segredos do padrinho famoso.

WALDO VIEIRA ESTAVA FURIOSO. O afilhado de Chico Xavier repetia que não tinha a intenção de endossar as “materializações de espíritos” promovidas por Otília Diogo – por mais que tivesse participado ativamente dessas farsas. Primeiro, ficou em cólera com a cobertura das revistas. Mas também irritou-se com Chico. O experiente médium teria colocado a credibilidade dos dois em risco ao atestar a autenticidade dos fenômenos antes mesmo de os jornalistas chegarem a Uberaba para vê-los com os próprios olhos. Essa reclamação, diga-se, não fazia o menor sentido: Waldo era quem estava à frente da farsa, não Chico.

Seja como for, Chico e Waldo acabaram se refugiando para escapar dos holofotes negativos. De início, foram parar em uma fazenda no interior de Goiás. Continuaram seu périplo em outros lugarejos escondidos do país, bem longe da mídia, até que em maio de 1965 tomaram a decisão de partir juntos para sua primeira viagem pelo exterior, a fim de divulgar a versão brasileira do espiritismo de Allan Kardec. EUA, Inglaterra, França e Portugal fizeram parte de um roteiro no qual Chico Xavier chegou a arriscar psicografias em inglês.

A turnê rendeu alguns frutos imediatos: em Washington, fundaram um centro espírita denominado Christian Spirit Center, dirigido por Salim Salomão Haddad, a quem Chico havia conhecido em Pedro Leopoldo na década anterior. Juntos, Chico Xavier e Waldo Vieira psicografaram textos de um certo Ernest O’Brien, e trabalharam pela tradução para o inglês do livro *Ideal Espírita*, lançado no Brasil em 1963, rebatizado como *The World of the Spirits* na edição americana.

No longo prazo, o sucesso seria mais limitado: o que era best-seller em casa acabaria vendendo apenas 216 exemplares no ano de lançamento nos Estados Unidos. A fundação de novos centros espíritas no exterior também ocorreria timidamente, de forma espaçada e somente em grandes cidades – depois de Washington, viriam uns poucos centros, em locais como Nova York, Filadélfia ou Miami. Geralmente, porém, eram iniciativas de vida curta.

De volta ao Brasil, ainda em 1965, Waldo estava ensaiando uma carreira solo. Um ano depois da campanha bombástica de *O Cruzeiro* contra as materializações de Otília Diogo, o prodígio espírita abriu espaço na agitada parceria com Chico para lançar por conta própria um livro de grande repercussão: o romance *Cristo Espera por Ti*, atribuído a Honoré de Balzac.

A introdução, assinada pelo espírito do ousado escritor francês do século 19, começava provocando o leitor cético desde a primeira linha:

E o leitor dirá: "será mesmo?"

Decerto, quem nos conhece não espera encontrar, nestas páginas, o mesmo Balzac, em tudo semelhante àquele de mais de século atrás. Imensas transformações se operaram dentro e fora de nós, tivemos outras experiências, passamos enormes temporadas sem vestir o burel, sem empunhar a pena, sem ingerir café... Mas isso não quer dizer que deixamos de ser nós próprios. Quem quiser averiguá-lo analise com imparcialidade os múltiplos ângulos deste volume e nos encontrará, intrinsecamente qual éramos, apresentando não qualquer reedição do que já escrevemos, mas uma história original.

Mesmo o crítico Paulo Rónai, especialista na obra do francês, descrente da autenticidade do texto e sem qualquer ligação com o espiritismo, acabou cedendo à curiosidade despertada pela obra e comprou um exemplar em um sebo. Rónai chegou a dizer que seria louco se admitisse que Balzac escreveu qualquer coisa após sua morte, em 1850, mas não pôde negar a similaridade do estilo. Seu comentário sobre o livro passou a estampar a contracapa das edições mais recentes de *Cristo Espera por Ti:*

Essa leitura levou-me à conclusão de que o autor desse livro, fosse quem fosse, devia saber bem francês, estar impregnado da cultura francesa do século passado e conhecer a fundo o universo balzaquiano. Quanto à explicação da gênese do livro, não posso arriscar nenhuma hipótese.

A boa repercussão foi uma injeção de entusiasmo na hora certa.

No ano seguinte, os dois iriam novamente para a América do Norte. O médium mais famoso do Brasil voltaria para casa ao fim dessa segunda excursão, mas já não teria Waldo Vieira ao seu lado. Após 11 anos trabalhando em parceria, dividindo o mesmo teto e publicando 17 livros juntos, os dois seguiriam caminhos radicalmente diferentes: Chico retomou sua missão em Uberaba, enquanto Waldo se transferiu ao Japão para fazer um curso de pós-graduação em plástica e cosmética.

A separação geográfica, que originalmente deveria ser curta, acabaria se tornando também uma divisão ideológica sem volta: em 1966, quando

regressou a Minas Gerais, Waldo cortou seus laços com Chico Xavier. Só passou em Uberaba para pegar seus pertences pessoais. Em seguida, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde abriu um consultório médico e iniciou uma busca extensa para explicar cientificamente os fenômenos paranormais que haviam pontuado sua vida desde a infância. A ruptura foi profunda: Waldo tornou-se um crítico contumaz do espiritismo, nunca mais colaborou com Chico Xavier e nem participou de qualquer outro evento público ao lado de seu antigo mentor. Virando as costas para ideias que considerava ultrapassadas, dedicou-se a fundar e divulgar uma nova corrente para interpretar os fenômenos espirituais, chamada *projeciologia*.

No seu entendimento, a tal projeciologia não era uma seita nova, mas, sim, uma tentativa de dar uma explicação científica aos acontecimentos paranormais. De certa forma, Waldo estava retomando a essência original do espiritualismo dos séculos 18 e 19, quando pesquisadores e místicos se misturaram na tentativa de decifrar o oculto. O espiritismo vigente no Brasil do século 20, em sua opinião, já não era suficiente para entender esses casos: a doutrina fundada por Kardec e convertida em fenômeno no país por Chico seria "primária demais" para compreender algo tão complexo. Em pouco tempo, Waldo Vieira se tornaria o mais conhecido dissidente do movimento espírita brasileiro.

Ainda hoje, a indisposição causada pela cobertura de *O Cruzeiro* sobre Otília Diogo é apontada como a gota d'água para a ruptura de uma das parcerias mais frutíferas do espiritismo. Waldo Vieira, no entanto, começaria a contar outra versão: décadas mais tarde, diria que sua vontade de se distanciar do espiritismo era muito antiga, e vinha desde o instante em que começou a colaborar com Chico Xavier. "Ele já sabia que eu ia deixar [*o espiritismo*], mas ele ficava chorando... Tive que me preparar por vários anos para deixar o movimento espírita", contou durante um especial do canal de TV a cabo GloboNews sobre o centenário de nascimento de Chico, em 2010.

Naquele mesmo ano, durante uma Tertúlia Conscienciológica (nome dado às reuniões públicas em que passaria a divulgar sua nova doutrina após a virada do século), Waldo afirmou: "[*Desde jovem*] eu comecei a ver os furos do espiritismo. Furos desse tamanho. Cada besteira enorme. A primeira besteira que eu descobri é a seguinte: os espíritas, até hoje, não sabem o que eles são. Eles são religiosos, são cientistas, são filósofos? E comecei a ver todos esses problemas que eles estão discutindo até hoje. Isso

é uma perda de tempo danada. Comecei a ver também que Allan Kardec endereçou tudo para o 'J. Cristo'. Endereçou para o cristianismo, para poder sobreviver. Os espíritos que começaram a funcionar no espiritismo eram sempre cristãos. Qualquer um, se fosse islâmico ou judeu, não aparecia. Não tem universalismo nisso".

Para Waldo, o contato com o além precisava ser feito de uma maneira muito mais científica do que religiosa, e ficou cada vez mais claro que isso não seria possível no cotidiano da Comunhão Espírita Cristã. "Meu processo todo era estudar a cabeça. Isto é, o espírito, a consciência, a alma, a personalidade, a pessoa, o indivíduo", dizia.

Criar uma nova "ciência", evidentemente, não era um processo rápido. Depois de tanta publicidade nos tempos de parceria com Chico, Waldo passaria quase duas décadas sem aparecer muito, realizando experimentos e estudando aquilo que chamava de "projeções de consciência". Suas ideias seriam finalmente sistematizadas nos anos 1980, ao longo de diversos artigos e livros. Agora, Waldo já usava outro neologismo para explicar a abrangência dos seus estudos: a *conscienciologia*, um campo mais amplo do que a projeciologia. Duas dessas obras acabaram sendo consideradas os tratados fundadores das vertentes. Em 1986, Waldo lançou *Projeciologia: panorama das experiências fora do corpo*, um calhamaço com mais de mil páginas, quase 500 capítulos e cerca de 5 mil obras de referência. Em 1989, publicou um livro complementar: *700 Experimentos de Conscienciologia* tinha um tamanho parecido e aplicava muitos conceitos trazidos na obra anterior.

Os milhares de referências, as citações detalhadas e a menção à realização de "experimentos" eram uma tentativa de Waldo de dar mais credibilidade ao seu trabalho (mesmo que muitos continuassem acusando-o de charlatanismo). Seus novos livros não eram atribuídos a qualquer espírito, mas tinham uma peculiaridade difícil de ser ignorada por quem conhecia suas obras do passado: assim como nos livros de André Luiz que fazia no tempo em que psicografava ao lado de Chico Xavier, esses trabalhos de Waldo traziam um vocabulário complexo e quase inacessível ao grande público.

Eram volumes cheios de neologismos, palavras inventadas por Waldo para fundamentar sua nova "ciência", e os textos eram precedidos por longos glossários que tentavam descomplicar a vida do leitor. Mesmo assim, nem sempre funcionava. Grande parte dos termos utilizados era inteiramente

nova – outros, embora conhecidos pelo leitor, eram empregados com significados absurdos. Um exemplo é a própria definição de conscienciologia dada no livro de 1989. Segundo Waldo Vieira, essa nova ciência era "o estudo da consciência por meio de uma abordagem holística, holossomática, multidimensional, bioenergética, projetiva, autoconsciente e cosmoética".

Na visão de Waldo, a consciência humana ia muito além do corpo físico ou das limitações do cérebro – algo que, em seu entendimento, seria comprovado pela existência de experiências fora do corpo. Assim, enquanto a conscienciologia se dedicava a entender a consciência como um todo, a projeciologia seria responsável por estudar um dos seus aspectos mais importantes: as "projeções da consciência", ou seja, os momentos em que as personalidades de um homem ou de uma mulher fogem de seus corpos.

As ideias de Waldo Vieira começaram a atrair interessados, muitos deles também dissidentes do espiritismo. Depois de um longo ostracismo desde que deixou Uberaba para trás, voltou a público no final do século 20. Em 1992, o paranormal mineiro foi entrevistado por Jô Soares, e procurou esclarecer algumas das dúvidas mais frequentes em torno das suas ideias. Waldo estava então com 60 anos de idade e havia perdido a batalha inadiável contra a calvície. Mas compensava a falta de cabelo cultivando uma longa barba branca, que viraria sua marca pessoal e seria mantida até o final da vida. Empunhando a grossa edição de capa azul de *Projeciologia*, tentava resumir em alguns minutos os argumentos apresentados nas mais de mil páginas do livro de 1986: "O dia tem 24 horas. A média de sono é oito horas. Um terço da vida é passada dormindo, porque o corpo precisa dormir. Mas a consciência não para nunca. Pelas estatísticas internacionais, hoje, 89% da humanidade faz projeções inconscientes. Nós chamamos isso de comatosos evolutivos. São pessoas que saem e têm inconsciência absoluta. São cegos, surdos e mudos a respeito das outras dimensões". Uma selva verborrágica.

Nas entrevistas, Waldo procurava sempre destacar um aspecto que considerava decisivo para sua "ciência" ser vista como um passo além do espiritismo. Ele nunca negou a existência de espíritos ou de dimensões paranormais. Mas o pulo do gato estava na forma de se relacionar com tudo isso: enquanto as sessões públicas de Chico Xavier e seus seguidores tinham a necessidade de um médium, uma ponte para conectar os vivos ao aparentemente inacessível mundo dos espíritos, Waldo Vieira propunha

uma revolução. Com o devido estudo, dizia, qualquer pessoa seria capaz de dominar a "projeção consciente" e se comunicar com os espíritos por conta própria, sem precisar de intermediário nenhum.

Mais do que isso: Waldo defendia que a grande maioria das pessoas já fazia, sem querer, as chamadas "projeções inconscientes". O problema seria justamente conseguir manter a lucidez nesses momentos. Um sonho, por exemplo, seria um caso de "projeção inconsciente", quando não há controle algum sobre as ações que estamos experimentando. Já aqueles sonhos em que sentimos ter certo poder de decisão, ou nos quais sabemos de alguma forma que não estamos realmente acordados, seriam "projeções semiconscientes".

Bastava, então, um passinho a mais para alcançar uma plena lucidez nesse processo todo. A "projeção consciente", porém, era muito mais rara, e quase sempre aconteceria de forma involuntária. Muitas vezes, era causada por traumas, sendo que os casos mais famosos são as experiências de quase-morte – relatos de quem esteve à beira da morte chamam a atenção para a sensação de estar fora do próprio corpo, de "ver a si mesmo" na cama do hospital. Essa seria a "projeção consciente" em ação. Através de seus experimentos, Waldo Vieira buscava desenvolver maneiras de permitir que essas projeções se tornassem algo controlável, não dependendo apenas de casualidade ou de eventos traumáticos.

Para difundir suas ideias e arrebanhar outros interessados naquilo que pesquisava, Waldo fundou em 1988 o Instituto Internacional de Projeciologia (IIP), no Rio de Janeiro. A organização cresceu e, na década seguinte, deu origem ao Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC). Em 2002, o CEAEC inaugurou um campus nos arrabaldes de Foz do Iguaçu, para onde Waldo Vieira e vários colaboradores se transferiram. Aquela região do município acabou se tornando o atual bairro de Cognópolis, a "cidade do conhecimento", nome sugerido por Waldo.

O dissidente levou consigo toda a sua coleção de livros, gibis, moedas, selos e conchas – quase 700 mil objetos que gostava de chamar de "artefatos do saber". Na hora do almoço, o médico mineiro passou a ministrar diariamente uma série de conferências e palestras públicas, as Tertúlias Conscienciológicas. Ao mesmo tempo, Waldo dirigiu suas atenções para o grande projeto do fim da sua vida: a elaboração de uma *Enciclopédia da Conscienciologia*, obra que não havia sido concluída no momento de sua morte, em 2 de julho de 2015, aos 84 anos de idade.

Nas mais de 3 mil Tertúlias que comandou em seus anos finais, Waldo sempre dispensava um tempo para responder aos questionamentos dos curiosos visitantes do CEAEC. Não precisou esperar muito para se dar conta de que quem chegava a Cognópolis não estava interessado somente nos experimentos de projeciologia e na teoria da conscienciologia: grande parte dos frequentadores do centro também estava ávida para saber sobre seu passado, suas relações com Chico Xavier, suas opiniões a respeito do espiritismo. Muitas das declarações polêmicas de Waldo Vieira sobre a época vivida ao lado de Chico foram dadas nessas reuniões.

Em diferentes falas, Waldo apontou situações constantes que o teriam deixado incomodado durante o longo convívio dos dois na casinha de Uberaba. Segundo ele, Chico tinha muito mais contradições em sua vida íntima do que permitia transparecer em sua imagem pública. O médium guiado por Emmanuel passava dias lendo biografias de santos e santas, não apenas como inspiração, mas com o objetivo de imitá-los. Repetindo as frases e os trejeitos de grandes personagens do cristianismo, sabia que estava construindo uma imagem carismática e capaz de atrair novos seguidores para suas sessões espíritas, particularmente aqueles mais aferrados à fé católica. “Ele jamais falava a verdade”, disparou Waldo em uma Tertúlia de 2011. “Ele era normalmente uma pessoa boa, benigna, que ajudava os outros. Mas tinha uma série de fissuras na personalidade dele.”

Waldo também pôs a descoberto alguns jogos de cena de que, alega, Chico lançava mão para tornar suas sessões ainda mais impressionantes. Ao público do CEAEC, comentou ter encontrado, na Comunhão Espírita Cristã, um armário cheio de vidros de perfumes abertos ou já vazios. Seriam eles a explicação para o famoso “cheiro de rosas” que, segundo diversos relatos, invadia inexplicavelmente o salão do centro espírita durante certas psicografias públicas de Chico Xavier.

Uma das “revelações” mais debatidas de Waldo Vieira tem a ver com uma suposta homossexualidade de Chico. “A parte propriamente feminina dele predominava sobre a parte masculina”, disse Waldo durante uma Tertúlia. O ex-parceiro também disse que Chico não era um homem de hábitos tão espartanos assim. O médium tinha um acordo permanente com um barbeiro particular, que aparecia na casa dele todas as manhãs, bem cedo, para deixar seu rosto liso – em função de um suposto trauma vindo de encarnações passadas, Chico dizia ter medo de manipular uma navalha sozinho. O luxo de um barbeiro próprio contradizia, de certa forma, o discurso e a aparência

de humildade que o médium mantinha diante dos seus seguidores. Tanto que era um segredo mantido a sete chaves por Chico, segundo o seu antigo parceiro de psicografias.

Apesar dessas discordâncias mais ácidas, Waldo argumentava que o principal motivo da separação não tinha tanto a ver com as alegadas contradições do colega, ou com as polêmicas frequentes, mas principalmente quanto à forma com que cada um encarava os fenômenos paranormais. Chico representava uma crença religiosa. Waldo, com formação universitária na área médica, preferia uma perspectiva científica – pseudocientífica, no caso. Em 2010, entrevistado pela Globo durante as comemorações do centenário de Chico, Waldo justificou sua posição: "O pensamento dele, 24 horas por dia, era fazer assistência. Ele fazia 'tacon'. Eu deixei o espiritismo por causa disso. 'Tacon' é a tarefa da consolação. Eu, não. Eu sou da tarefa do esclarecimento. Ele é um processo mais de religião, de seita cristã. Eu sou mais do princípio da descrença".

Após o rompimento da amizade, Waldo tentou se aproximar de Chico uma última vez, no início dos anos 1990. Naquela época, o velho companheiro dos tempos de Uberaba já era malvisto pelos seguidores do espiritismo em função de suas declarações contrariando a mística em torno de Chico Xavier. Os novos assessores do médium nem deixaram a conversa andar: Waldo foi colocado na geladeira com a desculpa de que Chico estava viajando, e eles seguiram sem se encontrar. As nuvens negras nunca se dissiparam na relação dos dois e, mesmo após a morte de Chico, Waldo continuou por muito tempo sustentando afirmações polêmicas a respeito do antigo parceiro.

Foram quase 50 anos entre o rompimento da dupla e a morte de Waldo Vieira. Tempo suficiente para o ex-pupilo tecer as mais variadas críticas ao comportamento do espírita de Pedro Leopoldo. Waldo realmente acreditava que Chico tinha um avançado dom mediúnico, um talento inquestionável. Mas acusou seu antigo mestre de cometer fraudes para dar mais credibilidade às cartas de consolo escritas para as mães em luto.

A denúncia mais contundente de Waldo contra Chico está em uma reportagem de junho de 2010 da revista americana *Skeptical Inquirer*. A publicação, mantida pelo Comitê para a Investigação Cética (o CSICOP), a organização sem fins lucrativos que apura fenômenos paranormais, conversou com Waldo Vieira sobre o movimento espírita brasileiro. O ex-parceiro de Chico afirmou com todas as letras que as equipes dos centros

espíritas coletavam informações sobre as famílias antes das sessões de psicografia. Os dados eram levados ao médium, que usava nomes e fatos para fabricar uma aura de autenticidade às cartas. "Trabalhadores do centro espírita faziam fila para conseguir detalhes de falecidos ou se utilizavam de histórias contadas pelos parentes nas cartas onde pediam por um encontro. As mensagens de Chico tinham essa informação", disse Waldo para a *Skeptical Inquirer*.

O pai da conscienciologia fazia esse tipo de comentário abertamente nas Tertúlias. Em uma delas, disse que as informações íntimas dos mortos, aquelas que o psicógrafo não teria conhecimento e que impressionam plateias, muitas vezes eram fornecidas espontaneamente por outros membros da família, em cartas enviadas à equipe de Chico. "Mandaram cartas dessas para mim. Os remetentes diziam 'o apelido dele é esse', 'a tia que ele gosta é essa', 'a madrinha dele, a dindinha, é fulana'. Tudo para haver uma relação. Eles mandavam essas cartas com tudo já mastigado para você colocar. Tudo jogo de cartas marcadas", disse Waldo na Tertúlia, em vídeo disponível no YouTube. "Lá em Uberaba, na minha época, o Chico recebia essas mensagens", disse. Sobre as materializações de espíritos, que tantas polêmicas geraram, Waldo foi curto e grosso: "Era fajuto".

Waldo e Chico se separaram, mas as feridas do caso Otília Diogo ficaram abertas por anos. Enquanto o pupilo se refugiava no Rio de Janeiro em meio a experimentos e estudos científicos, Chico Xavier vivia dias agitados. Em 1970, o fantasma de Otília ressurgiu.

Hospedada na casa de um cirurgião plástico, em São Paulo, a médium realizou uma de suas apresentações para convidados de um anfitrião já desconfiado. Acabado o show, enquanto Otília dormia, o cirurgião abriu a maleta que a médium sempre carregava consigo. Lá, segundo reportagem publicada em 21 de outubro de 1970 por *O Cruzeiro*, estavam os materiais que não deixavam dúvidas sobre a farsa:

> *A Irmã Josefa apareceu desmontada. O crucifixo foi o primeiro, depois veio o véu, que como o rosário estava impregnado de material fluorescente. O manto, o capuz e as luvas de renda da Irmã Josefa estavam no fundo da mala, contrastando com um objeto de aparência estranha: eram as barbas do dr. Veloso. Duas gaitas também estavam na mala, e logo se deduziu que pertenciam a Japi, em suas aparições tocando flauta. Embrulhados num pano, foram encontrados dois pequenos vidros e*

uma bomba de spray. Um deles cheio de éter (dr. Veloso) e o outro contendo o perfume da Irmã Josefa. Ambos serviam para reforçar a presença do espírito.

Questionada pelo anfitrião, Otília Diogo disse que tinha perdido seus poderes em 1965, mas decidira manter o trabalho. Não adiantou, naturalmente. Com Otília desmascarada de vez, Chico Xavier receberia uma nova onda de críticas. Em julho do ano seguinte, ele daria um banho de credibilidade em sua imagem: participava de sua primeira sabatina no *Pinga-Fogo*, e encantava os telespectadores brasileiros da mesma forma como fazia com seus peregrinos em Uberaba.

Depois da veiculação do programa, porém, Chico viveu sua verdadeira prova de fogo, ao ser escrutinado por José Hamilton Ribeiro, um dos melhores repórteres o que país já viu. José Hamilton viajou para Uberaba disposto a desmascarar o médium numa reportagem de fôlego para a revista *Realidade*, em novembro de 1971.

O primeiro indício de trucagem encontrado pelo jornalista estava no perfume de rosas que volta e meia tomava conta do ambiente – o mesmo artifício testemunhado por Waldo Vieira. Fiéis que aguardavam o início da sessão achavam que o aroma indicava a presença de espíritos, mas o fotógrafo da revista viu quando um dos assessores de Chico borrifou discretamente a fragrância, que estava escondida sob o paletó. José Hamilton descreve:

Enquanto a sessão não começa, há no ambiente uma confusão de vozes, um burburinho. Pessoas trançam de um lado para outro. De repente, uma lufada de rosas corta o ar. Daí a pouco, outra vez a onda de perfume. Vem de um senhor que organiza as filas; ele usa esse perfume, e a lufada o acompanha de um lado para o outro.

Quando o médium entrou no salão lotado, a sessão teve início com a leitura de trechos de livros de Allan Kardec, parte do ritual para atrair os chamados espíritos elevados, aptos e dispostos a ajudar os necessitados. Chico levantou e foi para uma sala reservada com centenas de bilhetes. Em cada papel, nome, idade e endereço de pessoas carentes de ajuda. Nas horas seguintes Chico psicografaria os conselhos dos espíritos para cada caso nas costas de cada bilhete. Como parte da investigação, José Hamilton deixou dois bilhetes na pilha que seria lida por Chico.

O primeiro trazia o nome de uma amiga de José Hamilton que sofria horrores com uma alergia. Esse voltou com um recado bastante genérico: “Dentro de todos os recursos ao nosso alcance, buscaremos cooperar espiritualmente em seu favor. Confiemos na bênção de Deus”. Era um conselho abrangente – sem nenhuma menção à alergia. No segundo bilhete, José Hamilton simplesmente inventou um nome e um endereço. Se o bilhete viesse com uma resposta, ficaria claro que os fiéis estavam diante de um engodo. E foi o que aconteceu.

> *Chico é dessas pessoas das quais a gente se aproxima e não quer se afastar mais. Espalha calor humano. Mas agora vou ler a receita psicografada do pedido que fiz em nome de Pedro Alcântara Rodrigues, alameda Barão de Limeira, 1327, ap. 82, São Paulo. Na letra inconfundível de psicografia, lá está: "Junto dos amigos espirituais que lhe prestam auxílio, buscaremos cooperar espiritualmente em seu favor, Jesus nos abençoe". O que pensar disso? Nem a pessoa com aquele nome, nem mesmo esse endereço existem. Eu os inventei.*

A revista *Realidade* e seu jornalismo de primeira linha transbordavam prestígio na virada dos anos 1960 para os 1970. A credibilidade da publicação, no entanto, não foi suficiente para derrubar Chico Xavier. No mês seguinte, o líder espírita estava de volta à bancada do *Pinga-Fogo* para bater outro recorde de audiência na edição natalina do programa. Dali em diante, Chico Xavier seria figura constante na vida dos brasileiros.

11

Volta por cima

As entrevistas do Pinga-Fogo *foram só o pontapé inicial de uma longa trajetória televisiva que fez do mineiro a maior figura religiosa do Brasil, sempre cercada por celebridades. A confiança no médium era tanta que suas psicografias chegaram a ser aceitas como provas em casos de homicídio.*

A CONFERÊNCIA NACIONAL dos Bispos do Brasil convocou uma coletiva de imprensa. O assunto era um só: uma ameaça chamada Chico Xavier. No dia 26 de janeiro de 1972, um mês depois da segunda participação do médium no *Pinga-Fogo*, os líderes da CNBB foram aos microfones tentar conter o fenômeno de Uberaba. A audiência brutal dos programas da Tupi havia levantado o sinal amarelo na Igreja. “É excessiva e maciça a publicidade em torno das atividades mediúnicas, especialmente do fenômeno Chico Xavier”, dizia o comunicado apresentado pelos bispos dom Aloísio Lorscheider, dom Ivo Lorscheider e dom Avelar Villela Brandão. “Por trás desses programas de divulgação, há perigos evidentes para a formação religiosa do povo brasileiro”, concluíram.

A Igreja não teve forças para parar a locomotiva espírita. Em pouco mais de cinco anos, Chico Xavier havia passado por uma transformação notável que o deixou mais forte que nunca. Em 1964, ele foi acusado de patrocinar charlatões pela maior revista do Brasil. Logo depois, o parceiro Waldo o abandonou. A situação era difícil, mas o médium mineiro renasceu em 1971, nas sabatinas da Tupi. Mesmo com a reação da CNBB, Chico Xavier passou a ser homenageado por sua atuação. Em 22 de setembro de 1972, recebeu o título de cidadão do Estado da Guanabara em cerimônia realizada para uma plateia de 800 pessoas, que lotou o espaço. O médium de 62 anos chorou ao agradecer a reverência: “Se uma parede arruinada pode ter uma voz diante de tal plenário, então recebo a honraria de coração”. Deputados discursaram, e João Xavier foi o primeiro. “Chico é a bondade personificada, de cujos lábios só se ouvem palavras de amor e conforto”, disse o político da Arena. Rubem Dourado, do MDB, classificou Chico como “Messias do Evangelho” e, ao terminar o discurso, beijou as mãos do médium.

A audiência das duas participações de Chico Xavier no *Pinga-Fogo* chamaram a atenção dos figurões da TV Tupi para um tema até então pouco explorado. A religião do médium rendeu outros programas jornalísticos na emissora, e Chico se tornou um produto nobre para a telinha, passando a frequentar a TV com desenvoltura. Não apenas na Tupi. Em 1973, por exemplo, ele fez sucesso como convidado do programa de Hebe Camargo, na Record. Outros convites se seguiram.

Quando a novela *Roque Santeiro* foi censurada pelo regime militar no dia de sua estreia, em 27 de agosto de 1975, a TV Globo reprisou às pressas *Selva de Pedra*, exibida três anos antes. A Tupi, ainda que pudesse lamentar

esse triste episódio de repressão, aproveitou a oportunidade para emplacar um dos grandes sucessos da emissora em todos os tempos: a novela *A Viagem*, escrita por Ivani Ribeiro. Para isso, encurtou a história que estava no ar e acelerou o ritmo de gravações da nova atração. A campanha de divulgação incluía cartazes em postes com o provocativo slogan “assista a uma novela inédita com capítulos inéditos”, mas o grande apelo de *A Viagem* era outro: a temática espírita.

A atração foi ao ar em 1º de outubro de 1975, com Eva Wilma, Tony Ramos e Irene Ravache no elenco. A trama sobrenatural era baseada nas descrições do plano espiritual presentes em *Nosso Lar* e *E a Vida Continua…*, psicografados por Chico. O médium palestrou para os atores da Tupi, em uma espécie de *coaching* espírita para a turma no clima do além.

O enredo dos 141 capítulos de *A Viagem* gira em torno de Alexandre, um jovem delinquente de classe média que mata um homem durante um assalto, é preso e comete suicídio. Morto, ele volta para o mundo dos vivos como um espírito obsessivo, decidido a atormentar a vida de familiares e amigos que julga traidores, prejudicando a todos. O único a perceber o que está acontecendo é o médico da família, adepto do espiritismo, que tenta mudar o espírito atormentado por meio de sessões mediúnicas. A história segue com a morte de outros personagens, que passam a viver em um lugar conhecido como Nosso Lar, onde tentam neutralizar as terríveis ações do espírito do mal sobre suas vítimas na Terra.

O médium mineiro, valendo-se da amizade com a autora, chegou a dar alguns pitacos na trama. Numa mensagem alegadamente psicografada, pediu a Ivani que o tema de amor da novela fosse uma música em francês. Pedido aceito: a canção escolhida para embalar o romance dos protagonistas foi *Sans Amour*, do egípcio francófono Gilbert. Em abril de 1994, a TV Globo exibiria uma nova versão de *A Viagem*, como novela das sete.

•••

Na década de 1970, Chico tinha se tornado um sexagenário que vivia entre mães desesperadas, fiéis necessitados, apresentadores de TV e artistas. O assédio cobrou seu preço.

O médium anunciou por meio de uma carta de maio de 1975 que estava deixando a Comunhão Espírita Cristã, a entidade de Uberaba fundada em parceria com Waldo Vieira, localizada ao lado da casa onde Chico vivia. O

movimento intenso e constante em torno da sede tinha se tornado insuportável para o médium, que, aos 65 anos, não tinha mais disposição para atender tanta gente. Então, tomou duas decisões. Primeiro, usou dinheiro de doações para construir uma nova residência do outro lado da rua. Depois, ergueu uma nova organização, o Grupo Espírita da Prece. Mas, dessa vez, foi mais precavido na hora de escolher o endereço: comprou um terreno a 800 metros da nova casa. A distância pode parecer pequena, mas a caminhada de quatro quadras era suficiente para separar melhor o trabalho da vida pessoal. A muvuca da Comunhão continuava do outro lado da rua. Chico, no entanto, havia cortado relações com a antiga entidade e não frequentou mais o local.

Na nova rotina, contou com a ajuda de dois jovens que o acompanhariam pelo resto da vida. Eurípedes Higino dos Reis estava ao lado de Chico desde os 8 anos. Era filho de uma enfermeira que trabalhava no antigo reduto de Chico e virou presidente do novo lar. Vivaldo da Cunha Borges estava próximo do médium havia menos tempo, mas demonstrava grande interesse em ajudar: dava passes no centro espírita e assumiu a função de datilografar, organizar e arquivar as psicografias do chefe. A mudança de ares trouxe tranquilidade ao mineiro. Com a distância do fuzuê do centro espírita e o apoio da dupla, Chico tinha mais tempo para se concentrar, escrever e publicar livros. A média de obras por ano subiu de sete para nove depois da mudança. Eurípedes e Vivaldo se tornaram seus filhos adotivos. O médium agora tinha uma família.

A nova casa significava menos tumulto em Uberaba, mas a vida pública era cada vez mais movimentada. Ivani Ribeiro deu um novo empurrão na fama de Chico ainda nos anos 1970: emplacou outro sucesso espírita na TV Tupi. Em outubro de 1977, foi ao ar o primeiro episódio de *O Profeta*, novela exibida até abril de 1978 no horário das 20 horas. O personagem principal é Daniel, um médium capaz de ver o passado e o futuro e que fica rico e famoso com o seu dom – algo condenável na visão espírita que defende a gratuidade dos serviços mediúnicos.

O grande destaque da novela foi a participação especial de Chico Xavier na trama, interpretando ele mesmo em episódio exibido no final de 1977. Os atores Aldo César e Ana Rosa foram até Uberaba para gravar a cena em que procuram o médium em busca de conforto. Chico dá um conselho ao pai do médium ganancioso. “Deixe que a própria natureza se encarregue de mostrar a ele o caminho certo. Ninguém tem o direito de usar a

mediunidade como meio de exploração comercial. O tempo se encarregará de amadurecer nele essa convicção”, afirmou Chico, interpretando a si próprio.

Assim como ocorreu com *A Viagem*, a Globo também produziu um remake da novela *O Profeta*, exibido entre 2006 e 2007. O papel principal de paranormal com desvios éticos foi interpretado pelo ator Thiago Fragoso, tendo Paolla Oliveira como par romântico. A trama, além de ser reprisada pela emissora em 2013, ganhou o mundo licenciada para mais de dez países. A Globo, por sinal, também investiu em tramas originais com fundo espírita, caso de *Anjo de Mim* (1996), *Alma Gêmea* (2005), *Escrito nas Estrelas* (2010) e *Amor Eterno Amor* (2012), uma amostra da aceitação que o tema tem entre os brasileiros.

Chico apareceu na versão original de *O Profeta* não somente como maior expoente da religião espírita, mas também porque estava se tornando uma celebridade. Depois do *Pinga-Fogo*, de participações em programas de auditório e da ponta na novela, passou a estreitar laços com alguns dos mais prestigiados artistas brasileiros. Ao longo da vida, colecionou uma lista gigantesca de amigos famosos: Renato Aragão, Mussum, Ronald Golias, Aracy Balabanian, Paulo Goulart, Nicete Bruno, Eva Wilma, Nair Bello, Tony Ramos, Lima Duarte e até a desbocada Dercy Gonçalves. Era amigo ainda de cantores como Jair Rodrigues, Agnaldo Rayol, Benito di Paula, Wanderléia, Clara Nunes e Perla. E também dos apresentadores Flávio Cavalcanti, Sílvio Santos, Carlos Alberto de Nóbrega e Hebe Camargo. O médium sempre dizia que não procurava fama, mas àquela altura era impossível se manter longe dos holofotes. Não podia ignorar que o apoio e as fotos com os amigos da mídia ajudavam a dar publicidade à "causa espírita" e aumentavam a arrecadação dos projetos sociais.

Chico foi inspiração de músicos fascinados pelo médium. Em homenagem ao mineiro, Gilberto Gil escreveu *No Céu da Vibração*, interpretada por Elis Regina. Fábio Júnior compôs uma música chamada *Chico Xavier*, enquanto Moacyr Franco falou do médium na canção *Uma Lágrima no Rio*, e Vanusa, em *Um Abraço pro Chico*. Há certa polêmica se Roberto Carlos teria se inspirado em Chico ou em João Paulo 2º para escrever *O Homem Bom*, embora isso não importe muito diante da amizade que o cantor manteve por longos anos com o médium. Roberto Carlos visitou Chico em Uberaba quando estava aflito com a doença de um dos filhos, como o médium lembraria em entrevista para a revista *Destaque*, em 1977.

Ele nos deu a honra de uma visita. (...) Desde então nos tornamos amigos. Compreendo Roberto; um grande gênio criador da música e da poesia brasileira. Seja como poeta, como compositor, ou como cantor, o Roberto Carlos, para mim, não é só o amigo, é um gênio admirável também.

As celebridades procuravam Chico por causa da sua fama de sábio, e seus conselhos equilibrados e amorosos foram fundamentais para a construção de uma nova imagem. Aos 67 anos, o médium estava se tornando uma figura unânime. Chico era "verdadeiro", como muitas vezes disseram seus amigos. As reportagens que tentavam desvendar os truques do homem que dizia conversar com os mortos aos poucos deram lugar a entrevistas mais brandas, onde o foco era falar com a personalidade, não com o médium. As investigações tinham arranhado o mineiro, mas não afetaram de fato sua carreira. A resiliência de Chico parece ter criado como efeito colateral a ideia de que ele era um sujeito honesto. O mineiro deixou de ser uma simples ferramenta de acesso ao mundo espiritual para virar um modelo nacional de religiosidade e conduta, incansável em seu trabalho de caridade, avesso às recompensas. O "homem bom".

Essa figura acima de qualquer suspeita fez de Chico Xavier uma fonte a ser consultada sobre todo e qualquer assunto. Até assassinatos.

Em fevereiro de 1976, João Batista França dividiu o quarto de um motel com o amigo Henrique Emanuel Gregoris e duas mulheres, na cidade de Aparecida de Goiânia. No meio da confraternização, regada com bebidas alcoólicas, França foi ao carro buscar uma arma para uma arriscada rodada de roleta-russa. O jogo acabou mal: França acertou um tiro fatal em Henrique. O autor do disparo foi acusado de homicídio doloso, com intenção de matar, mas o juiz Orimar de Bastos absolveu o réu por entender que se tratava de uma fatalidade. A família da vítima iria recorrer da decisão, mas uma mensagem atribuída ao falecido mudou os planos. O próprio Chico procurou a mãe de Henrique para entregar a psicografia em que o garoto pedia que a mãe "perdoasse o amigo".

Não foi a única vez que o juiz Orimar de Bastos usou uma psicografia de Chico como prova no tribunal. Em maio de 1976, o estudante goiano José Divino Nunes, de 18 anos, matou com um tiro no peito o amigo de infância Maurício Garcez Henriques, quando conversavam e ouviam música na casa da vítima. No depoimento à polícia, o acusado alegou que o disparo foi acidental. Maurício teria revirado pertences do pai em busca de cigarros e

encontrado a arma. Os dois brincaram com o revólver, que disparou na mão de José Divino e atingiu Maurício. O processo já corria havia três anos quando os pais do falecido procuraram o juiz para apresentar uma prova inusitada: uma mensagem da própria vítima, psicografada pelo médium mineiro. Devastados com a perda do filho, o casal tinha viajado muitas vezes a Uberaba, na esperança de receber algum consolo. Em maio de 1978, reconheceram a assinatura do filho no papel.

O José Divino e nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de se ferir alguém, pela imagem no espelho; sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo, ou minha mesmo. O resultado foi aquele. (...) Se alguém deve pedir perdão, sou eu, porque não devia ter admitido brincar, em vez de estudar.

O espírito do filho teria enviado nova mensagem em 1979 pelas mãos de Chico Xavier, reforçando que a família deveria aceitar a versão contada por ele no ano anterior.

Peça a meu pai para que, no íntimo, aceite a versão que forneci do acontecimento que me suprimiu o corpo físico. Não se procure culpa em ninguém. Tudo está encerrado em paz, porque o acidente foi acidente real.

As psicografias foram anexadas ao processo, junto com a cópia da carteira de identidade da vítima, uma forma de mostrar semelhanças entre as assinaturas feitas em vida e no além. Em 2 de junho de 1980, a promotoria pediu a condenação do réu por assassinato. O júri popular, no entanto, em votação secreta, absolveu o acusado por 6 votos a 1. É verdade que a investigação feita pelos peritos policiais também concluiu que o tiro poderia ter sido acidental e que essa era a história contada desde o início pelo acusado. Mas as psicografias de Chico foram aceitas como válidas por Orimar de Bastos, que na sentença escreveu que era preciso “dar credibilidade à mensagem”. Nota: encerrados os dois processos, o magistrado se tornou espírita.

Conversões como a do juiz Bastos se tornavam cada vez mais comuns. Desde o *Pinga-Fogo* com Chico, a doutrina foi virando um produto popular, de baixa rejeição na mídia – a nação parecia pouco se importar

com a hipótese de inexistência de espíritos. A telinha estava conquistada. Faltava a telona.

O filme *Joelma 23º Andar*, lançado em 1979, contou a história do terrível incêndio no Edifício Joelma, no centro de São Paulo, que resultou na morte de 191 pessoas e deixou mais de 300 feridos. Em 1º de fevereiro de 1974, os brasileiros haviam assistido perplexos às imagens do prédio em chamas. O fogo subiu rapidamente, fazendo pessoas desesperadas saltarem para a morte de andares mais altos. Chico teria entrado em contato com o espírito de uma das vítimas, a processadora de dados Volquimar Carvalho dos Santos, de 21 anos, que relatou do além como foram seus últimos minutos de vida. O suposto depoimento se transformou no livro *Somos Seis*, psicografado pelo médium mineiro em 1976.

No longa, a mãe da vítima vai a Uberaba em busca de mensagem consoladora da filha. Uma das cenas mostra o intenso movimento de pessoas e carros nas ruas de terra batida que rodeiam o centro espírita de Chico. Em outro trecho, o líder espírita surge psicografando mensagem da morta em uma sessão.

Com quase 70 anos, o médium tinha se transformado num patrimônio nacional, mas estava com a saúde debilitada. Boatos de que o coração do religioso estava prestes a parar corriam o país, o que deflagrou uma peregrinação fora do normal a Uberaba no primeiro semestre de 1979. Milhares de fiéis viajaram à cidade na esperança de ver Chico Xavier ainda vivo, pela última vez. O médico Eurípedes Tahan Vieira, que cuidava de Chico, tentou acalmar os brasileiros: disse que o médium sofria desde 1974 com insuficiência das coronárias, o que provocava crises de angina, uma aguda dor cardíaca. Um período de descanso, segundo o médico, ajudaria a recuperar o paciente. Chico precisava pisar no freio se quisesse melhorar. Estava proibido, por exemplo, de dar entrevistas.

Uma exceção foi aberta ao repórter Nei Gonçalves Dias, do *Fantástico*, que foi até Minas Gerais para fazer a primeira entrevista com Chico Xavier para a TV Globo. Ele nunca tinha surgido na tela da emissora líder de audiência, o que ocorreria na noite de 15 de maio de 1979, com uma longa entrevista que o *Fantástico* chamou de “verdadeiro testamento espiritual de Chico Xavier”. Anos mais tarde, em programa especial sobre o médium, Nei Gonçalves Dias disse que a entrevista “traçou pelo resto da vida o perfil de Chico Xavier” para o Brasil.

De fato, a conversa mostrou a milhões de brasileiros algumas das virtudes do homem que dedicou sua vida a auxiliar os necessitados. De peruca, óculos escuros e terno xadrez, Chico esclareceu que não estava "sofrendo assim tanto" com suas dores no peito e que "estar doente e podendo trabalhar já é quase saúde". Sobraram lições de humildade: o médium afirmou que a sua vida particular despertava "muito pouco interesse" diante do trabalho que amigos espirituais promoviam ao distribuir "paz, esperança, verdade e amor" e reafirmou que os 150 livros psicografados até aquele dia pertenciam a entidades que "os editam ou os escrevem através das minhas mãos".

Não houve perguntas polêmicas. Nada sobre os espetáculos de materializações com a fraudulenta Otília Diogo, nada sobre as antigas acusações do sobrinho Amauri, nada sobre o rompimento com Waldo Vieira. Até mesmo a doutrina espírita ficou em segundo plano. A primeira vez de Chico Xavier na TV Globo revelou um médium com vocação cristã. Em vez de inéditas revelações do mundo espiritual, Chico pregou um discurso bíblico.

No mundo, a nosso ver, não apareceu, por enquanto, nenhuma frase resumindo uma filosofia correta de vida como aquela pronunciada por Jesus: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Isto é, amar sem esperar ser amado, e sem aguardar recompensa alguma. Amar sempre.

Chico seguiria ocupando o cargo de palpiteiro-geral da nação. Ele começou a ser consultado para dar seu aval sobre os mais variados temas: aids, vida extraterrestre, homossexualidade, jovens, situação política na União Soviética. O médium tinha algo a dizer sobre tudo e fazia isso sempre que convidado para algum programa televisivo. Participou outras vezes do *Fantástico*, foi entrevistado em várias oportunidades pela amiga Hebe Camargo, esteve em todos os grandes canais da TV brasileira.

O fascínio pela figura de Chico Xavier aumentava também com novos casos de psicografias para livrar a barra de réus. Uma dessas ações judiciais teve grande repercussão em 1980. João Francisco Marcondes de Deus foi acusado de matar a própria mulher, a ex-Miss Campo Grande Gleide Maria Dutra de Deus, com um tiro efetuado em 1º de março, na capital de Mato Grosso do Sul. O réu alegou em depoimento que a arma disparou enquanto ele tirava o cinto da calça, atingindo a garganta da esposa, que estava

sentada na cama descalçando os sapatos, após retornarem de uma festa. Dessa vez foi o acusado quem procurou o médium mineiro em busca de contato com o espírito da falecida, que teria se manifestado para esclarecer o episódio:

> *Sentara-me no leito, ia ficar a esperar por você por alguns instantes, quando notei que você retirava o cinto cuidadosamente para resguardá-lo. Não pude saber e compreendo que nem você saberia explicar de que modo o revólver foi acionado de encontro a qualquer obstáculo e o projétil me atingia na base da garganta. Somente Deus e nós dois soubemos que a realidade não é outra, recordo a sua aflição e de seu sofrimento buscando socorrer-me, enquanto eu própria debatia querendo reconfortá-lo sem possibilidade para isso. Depois um torpor muito grande me atingia, entretanto, nos restos de lucidez que ainda dispunha, roguei a Deus não me deixasse morrer sem esclarecer a verdade.*

Em 1982, João Francisco foi condenado por homicídio doloso e o caso foi levado a júri popular. Em julho de 1985, cinco anos após o crime, a defesa usou no tribunal a explicação enviada do além para convencer os julgadores de que o disparo havia sido acidental. Enfermeiros que socorreram a vítima também disseram que a mulher teria dito antes de morrer que o marido não tinha culpa. A decisão foi unânime: o acusado era inocente.

Chico trabalhava muito pelos outros, conquistando donativos e até absolvições. Muita gente achava que estava na hora da sociedade retribuir. O médium desembarcou no Rio de Janeiro em meados de 1980 pensando que iria gravar um depoimento para homenagear o baiano Divaldo Franco, tido como o orador mais importante do espiritismo. Não era verdade. A mentira, inventada pelo diretor da TV Globo Augusto César Vanucci, serviu para atrair Chico ao local em que seria rodado um programa especial sobre ele mesmo. O objetivo era nobre: dar início à campanha do médium mineiro ao Prêmio Nobel da Paz do ano seguinte. No teatro escolhido, algumas das maiores celebridades brasileiras ensaiavam suas falas. Chico, que dias antes tinha rechaçado a ideia de concorrer, não pôde escapar de um projeto em andamento.

Começava ali a jornada que concretou a imagem do ídolo espírita como homem acima de qualquer suspeita. Por mais de um ano, a principal emissora de TV do país, apoiada por outros veículos de imprensa que

abraçaram a causa, retrataram Chico como um messias calmo, simples e caridoso. Um autêntico santo brasileiro. A imagem que manteria para o resto da vida.

Às 21 horas do dia 23 de maio de 1980, em horário nobre e para todo o Brasil, foi ao ar o programa *Um Homem Chamado Amor*, que emocionou milhões de brasileiros. Na abertura, o cantor Roberto Carlos destacou o caráter sentimental que marcaria a atração:

> *Este é um programa de amor. Um homem chamado Amor. Um homem que eu aprendi a amar através da minha vida. Meu amigo Francisco de Paula Cândido Xavier.*

Ao longo do programa, Roberto Carlos cantou *Ave Maria* e *Força Estranha*, Vanusa deu voz à oração *Prece de Cáritas*, enquanto Elis Regina cantou *No Céu da Vibração*, a canção composta por Gilberto Gil em homenagem a Chico. Lima Duarte, Tony Ramos, Eva Wilma e outros atores do primeiro escalão da emissora declamaram poemas e textos psicografados pelo médium. A atriz Nair Bello subiu ao palco para agradecer a Chico pelo consolo oferecido depois que ela perdeu o filho Mané. Mas o maior destaque era o próprio Chico, que foi entrevistado pela atriz Glória Menezes.

O médium de 70 anos afagou os espectadores católicos ao comentar a vinda do papa João Paulo 2º ao Brasil. Destacou "o sacrifício que o atual Sumo Pontífice tem feito em favor da paz na Terra" e definiu o líder da igreja hegemônica como "um homem maravilhoso, que está revestido de uma dignidade religiosa que nós todos devemos respeitar e amar profundamente como se ele fosse o nosso próprio pai".

Respondeu ainda a uma série de questões polêmicas. Chico defendeu as técnicas de inseminação artificial e afirmou que "não temos o direito de reprovar a criatura que escolheu esse processo". Fincou posição contrária ao aborto ao dizer que esse procedimento "é sempre um delito muito grave" e que os anticoncepcionais existiam "para que ninguém precise exterminar crianças indefesas". Também defendeu o amor como principal arma na luta contra as drogas. "Devemos combater a influência dos tóxicos através de uma intensificação do amor, na assistência afetiva mais intensa junto de nossos filhos".

Aspectos intrincados da doutrina espírita mais uma vez foram deixados de lado, mas Chico alertou que "toda pessoa, de um modo ou de outro, pode

desenvolver mediunidade”. O ponto alto da atração foi uma mensagem do espírito Emmanuel, psicografada por Chico em frente às câmeras e lida logo em seguida por Glória Menezes:

Amigos, Jesus nos abençoe. A inteligência humana conseguirá atingir as maiores realizações. Poderá conhecer a estrutura de outros mundos. Construir no piso dos mares. Escalar os mais altos montes. Interferir no código genético das criaturas. Decifrar os segredos da vida cósmica. Penetrar os domínios da mente e controlá-los. Inventar os mais sofisticados aparelhos que propiciem o reconforto. Criar estatutos para o relacionamento social e transformá-los, segundo as suas próprias conveniências. Levantar arranha-céus ou materializar as mais arrojadas fantasias. Entretanto, nunca poderá alterar as leis fundamentais de Deus e nem viver sem amor.

Emmanuel.

Após o programa, os organizadores da campanha de Chico convocaram uma coletiva de imprensa em uma entidade espírita do Rio de Janeiro. A conversa com o médium durou mais de três horas. Foi uma oportunidade para Chico deixar claro que não era sua pretensão concorrer a premiações de qualquer tipo, algo que ele repetiu diversas vezes ao longo dos meses de mobilização, como em entrevista publicada pelo jornal *Estado de Minas,* em julho de 1980.

Quando soube, o movimento já tinha idade de uns 20 dias. Eu não podia desapontar esses amigos. Então, estou dentro de uma campanha que não foi desfechada por mim, pois não teria coragem de suscitá-la, mas a vida é também participação e não omissão. E a gente vai com os amigos não para ganhar, mas para compartilhar nas alegrias, nas esperanças, nas aspirações daqueles grupos a que pertencemos. Espero que tudo corra da melhor maneira possível, mas sem nenhuma ideia de ter ou ganhar esse ou aquele troféu, porque eu nunca fiz coisa alguma para merecer essa ou aquela honra. Absolutamente, isto não está em meu pensamento.

A coletiva de Chico também foi a oportunidade que Augusto César Vanucci, o diretor da TV Globo, encontrou para pedir a jornais, revistas, rádios e outras emissoras que abraçassem a campanha. Nascido em Uberaba

e convertido ao espiritismo, Vanucci era também amigo de Chico, o que explica seu mergulho no projeto. Vários veículos de imprensa compraram a ideia e ajudaram a construir um Chico Xavier mais amável que nunca. Não foi só o mineiro que ganhou espaço. A campanha em torno do seu nome funcionou como uma divulgação importante e gratuita do movimento espírita no Brasil, que agora estava o tempo todo na mídia. Um exemplo de como Chico e o espiritismo passaram a ser bem tratados pela imprensa é este artigo publicado pelo jornalista Arthur da Távola em *O Globo* de 26 de maio de 1980.

> *Sem qualquer formulação política, sem qualquer mensagem diretamente relacionada com a exploração do homem, sem qualquer revolta direta e institucionalizada contra a miséria ou a injustiça, Francisco Cândido Xavier emerge com a força do perdão, da tolerância, da fraternidade real, da fraqueza forte, da fé, da humildade e do despojamento erigidos como regra de vida, como trabalho efetivo da caridade; da não pompa; da não hierarquia; da não violência em qualquer de suas manifestações. (...) Tudo isso gera uma figura de comunicação de alta força, mistério, empatia e grandeza moral, principalmente se considerarmos que enfrentou e ultrapassou tempos diferentes do atual (...). Antes, manifestações como as dele eram removidas como bruxaria ou perigosa, ou bárbaras ou alucinantes quaisquer manifestações místico-religiosas diferentes ou discrepantes da religião da classe dominante.*

Além de Augusto César Vanucci, coordenavam a campanha ao Prêmio Nobel o deputado federal Freitas Nobre e o médium Divaldo Franco. Com apoio televisivo, as assinaturas para a indicação de Chico Xavier começaram a chegar de várias partes do país. Além de artistas, o universo político brasileiro também se mobilizou. Deputados e senadores discursaram em favor de Chico Xavier, que recebeu apoio, por exemplo, do ex-presidente Jânio Quadros e do senador Tancredo Neves. Quase 5 mil centros espíritas de todas as partes do país montaram ações para recolher assinaturas para a inscrição de Chico ao Nobel. Mais de 200 câmaras municipais também trabalharam em busca de apoio. O nome do médium foi respaldado por instituições brasileiras e de outros 28 países, principalmente por grupos espíritas.

Em fevereiro de 1981, a documentação para a candidatura de Chico Xavier foi entregue ao Instituto Nobel, na Suécia. A papelada pesava mais de 100 kg. Eram quase 200 livros publicados em dez idiomas diferentes, além de informações sobre 60 trabalhos assistenciais e 2 mil instituições fundadas, auxiliadas ou mantidas com o dinheiro de direitos autorais dos quase 10 milhões de exemplares vendidos pelo médium. Foram entregues ainda 2 milhões de assinaturas recolhidas pelo país. Ao final da campanha, que continuou mesmo depois da inscrição, os organizadores conseguiram 10 milhões de adesões. O entusiasmo tomou conta dos brasileiros, que projetaram a vitória com base no histórico recente da premiação. Madre Teresa de Calcutá recebeu o prêmio no ano anterior com 28 obras assistenciais, menos da metade do que a campanha de Chico apresentou.

A disputa, no entanto, era acirrada. O mineiro concorreu com ninguém menos que o papa João Paulo 2º. Outro polonês também era forte candidato, o sindicalista e defensor dos direitos humanos Lech Walesa (que acabaria recebendo seu Nobel dois anos depois, em 1983). Para surpresa geral e decepção dos brasileiros, porém, o vencedor naquele ano de 1981 foi o Escritório do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para os Refugiados, responsável pela assistência a expatriados. Chico mostrou satisfação pela escolha: “Estamos felizes sabendo que um prêmio dessa ordem coube a uma instituição que já atendeu a mais de 18 milhões de refugiados”.

Chico tinha mesmo motivos para estar feliz. A campanha pela sua indicação tinha movimentado o Brasil em torno da causa espírita. Ele estava de volta aos holofotes com força total uma década depois de sua estreia triunfante na TV, no programa de entrevistas da Tupi. Chico agora era conhecido por todos os brasileiros, e admirado pela maioria deles. Em 1981, foram vendidos mais de 700 mil livros de Chico Xavier no Brasil. A figura religiosa mais popular do país estava no caminho para se tornar um dos santos que tanto estudou.

Mas, antes, os tribunais lhe esperavam mais uma vez. As psicografias forenses tinham virado moda, principalmente entre os que alegavam terem disparado “tiros acidentais”. Em outubro de 1982, o policial Aparecido Andrade Branco, apelidado de “Branquinho”, disparou um tiro fatal em um deputado federal. A vítima era Heitor Cavalcante de Alencar Furtado, que estava em viagem de campanha pela reeleição, dormia dentro do carro, no pátio de um posto de gasolina de Mandaguari, norte do Paraná. Foi quando

o acusado se aproximou e acertou o peito do parlamentar, que morreu no local. Em 11 de dezembro daquele ano, Chico colocou no papel mensagem atribuída ao espírito do falecido, mais uma vez dizendo que o disparo havia sido sem intenção.

O que se seguiu sabem todos: os homens armados chegaram com vozes altas. Acordei surpreendido e notei, mais com a intuição do que com a lógica, que os recém-chegados eram pessoas inofensivas, tão inofensivas que um deles tocou a arma sem saber manejá-la. O projétil me alcançou sem meios-termos e, embora o tumulto que se estabeleceu, guardei a convicção de que o tiro não fora intencional. O olhar ansioso daquele companheiro a desejar socorrer-me sem qualquer possibilidade para isso não me enganava.

A mensagem influenciou a decisão do júri, que aceitou a ideia de acidente e abriu mão de condenar o policial por homicídio doloso. Em setembro de 1984, Aparecido Andrade Branco foi condenado por homicídio simples, recebendo a pena de oito anos e vinte dias de reclusão.

Em meio a tanta aprovação em torno de Chico, havia pelo menos uma pessoa que achava um verdadeiro absurdo que os tribunais estivessem levando em consideração cartas “ditadas por mortos”: um certo Padre Quevedo.

Óscar González Quevedo nasceu em Madri em 1930. Viu no Brasil um campo fértil para desenvolver seus estudos sobre os fenômenos sobrenaturais. Desde a sua chegada, nos anos 1950, militou contra todo e qualquer tipo de superstição, o que lhe causou problemas até mesmo com superiores católicos. Quevedo era um padre jesuíta que rejeitava o espiritismo. Ele foi pioneiro no “ativismo cético” – atividade que anos depois teria no biólogo britânico Richard Dawkins seu maior baluarte global. Quevedo defendia com dureza seu ponto de vista: ninguém pode conversar com mortos, espíritos são ficção. “Non ecziste”, como dizia no bordão carregado de sotaque espanhol que ficou famoso.

Certo de que podia descobrir os truques utilizados por qualquer paranormal, desafiou a todos, pedindo que mostrassem seus alegados poderes. A provocação era direcionada a figuras como Thomaz Green Morton, conhecido como “o homem do rá!”, e o israelense Uri Geller, que ganhavam dinheiro entortando talheres e produzindo luzes. Mas a fúria do

padre não poupou médiuns espíritas dedicados à doutrina kardecista, por mais generosos e avessos a bens materiais que fossem. Chico Xavier, então, entrou na mira do espanhol.

Em 22 de abril de 1979, três semanas antes de Chico figurar pela primeira vez na TV Globo, Padre Quevedo era atração do *Fantástico*, apresentado como "caçador de charlatões" em uma reportagem sobre curandeiros. Usando tripas, fígado e sangue de galinha, Quevedo demonstrou diante da câmera como era fácil simular uma cirurgia espiritual. A encenação um tanto nojenta pode ter estragado o jantar dos brasileiros, mas o debate sobre o assunto era quente: na mesma semana, a Organização Mundial da Saúde havia recomendado que os países em desenvolvimento não desprezassem o poder dos curandeiros. Para o padre, é claro, a orientação era um absurdo completo, um perigo para a saúde pública. Restava a ele seguir a luta contra as crendices sobrenaturais. E a melhor maneira de alertar a população era participar de programas televisivos.

Por anos, Padre Quevedo repetiu que Chico Xavier não tinha contato com os mortos. Lançou livros, analisou centenas de textos espíritas e comentou diversos episódios polêmicos da carreira de Chico. Nos programas de TV, reforçava os argumentos, volta e meia aumentando a dose de agressividade. Disse, por exemplo, repetidas vezes, que o médium era "biruta" e sofria "surtos de loucura". Quevedo contava um causo para tentar provar sua tese de que o guia Emmanuel "non ecziste". Certa vez o padre conversou em latim com Chico Xavier. Como o espírito mais íntimo de Chico teria vivido na pele de um senador romano em vidas passadas, Quevedo esperava que o médium compreendesse a língua do antigo império. Mas, segundo o padre, Chico não entendeu nada e abandonou o papo.

O espanhol criticou Chico por não aceitar ser investigado por estudiosos não espíritas, questionou partes de psicografias de autores famosos, debochou da incapacidade do médium para escrever mensagens em outras línguas e relembrou os episódios polêmicos da trajetória do mineiro, em especial a acusação do próprio sobrinho e as fraudes nas materializações de Otília Diogo. Em entrevista à revista *Veja* de 28 de julho de 1982, Padre Quevedo arriscou uma explicação cética para a escrita psicográfica de Chico:

"Cientificamente, sua psicografia ocorre por um automatismo do subconsciente, o fidelíssimo gravador que retém tudo quanto se passa

conosco. (...) Ele se auto-hipnotiza superficialmente, entregando-se ao subconsciente; este, por sua vez, faz o lápis correr sobre o papel".

Quase 30 anos depois, na edição de 19 de janeiro de 2000 da mesma *Veja*, o católico espanhol foi bem mais contundente: "Chico Xavier é um fanático que já foi pego em truques".

Padre Quevedo tem mais de 80 anos hoje e está afastado da TV, concentrado em escrever novos livros. Apesar de ter sido o grande oponente televisivo de Chico, o padre aliviou as investidas quando percebeu que o médium mineiro já estava velho e doente. Pegava mal criticar uma figura de paz, amiga dos pobres e necessitados, rodeado por celebridades, homenageada de Norte a Sul e, pior, com saúde debilitada. A preocupação de Quevedo com o estado físico de Chico Xavier não era teatro. A verdade é que, no auge da fama, o médium já ensaiava sua partida.

12

A viagem

Ele viveu por 92 anos e esforçou-se para seguir trabalhando até o fim. Quando partiu, já tinha uma dimensão com a qual o menino de Pedro Leopoldo jamais poderia ter sonhado.

NO FINAL DA TARDE de 5 de junho de 1986, as linhas de telefone do departamento de jornalismo da TV Globo começaram a tocar. Eram fãs de Chico Xavier em busca de informações sobre o estado de saúde do médium de 76 anos. Um boato circulava pelo Brasil sobre a morte do espírita mais famoso do país.

Chico estava em casa, descansando, mas os rumores ganharam força, em parte, porque nem jornalistas ou fãs conseguiam confirmar se o médium seguia vivo – algo difícil de entender nos dias de hoje, com telefones celulares e redes sociais, mas um problema corriqueiro na época. O relato ilustra como Chico passou os últimos anos de vida. Depois da notoriedade nos 1970 e 1980, o contraste foi grande: Chico se tornou em pouco tempo um homem de aparência frágil, o que alimentava boatos sobre sua morte.

Sofrendo com as dores da angina, a partir de meados dos anos 1980 Chico Xavier já não tinha mais saúde para manter o ritmo frenético de sempre. Ele cortou o número de viagens e aumentou os critérios para aceitar convites de homenagens e entregas de prêmios.

Também passou a circular menos em público e reduziu o tempo de participação nas sessões no centro espírita, onde, apesar da fragilidade, continuava a escrever suas mensagens para consolar familiares.

Mas Chico estava sem forças para dar conta dos milhares de visitantes que continuavam indo a Uberaba na esperança de falar com ele. Vez ou outra recebia um fiel mais desesperado ou então algum famoso em busca de consolo. Em 1985, Chico recebeu a viúva de Tancredo Neves, o presidente eleito que nunca chegou a assumir, vitimado por um tumor. Risoleta foi ao encontro do médium de 75 anos três meses após a fatalidade que frustrou o país na transição da ditadura para a democracia, mas Chico não recebeu nenhuma mensagem do político. Mais tarde, em fevereiro de 1993, foi a vez da visita da escritora Glória Perez, mãe da atriz Daniella Perez, assassinada pelo colega Guilherme de Pádua. O crime foi presença constante na imprensa da época.

Talvez pela notoriedade dessas pessoas ajudar a divulgar o espiritismo, Chico achava tempo e forças para dar atenção aos famosos. Mas a preferência pelas celebridades causava ciúme nos milhares de anônimos que viajavam a Uberaba para encontrá-lo. As filas eram grandes. Alguns desesperados chegaram a invadir a casa do médium. Quando aparecia em público, fãs tocavam a sua roupa, apalpavam sua cabeça e depositavam

recados no bolso do casaco. Esses episódios de idolatria e agitação custavam cada vez mais caro para o médium septuagenário. Ainda assim, Chico também encontrava tempo para apoiar os trabalhos de caridade bancados pela venda dos livros. Ocasionalmente, visitava hospitais e entregava suprimentos para moradores de rua em datas especiais, como no Natal, quando filas gigantescas se estendiam pelas quadras de Uberaba para receber as doações e palavras de carinho do médium.

Mas, na maior parte do tempo, Chico era um homem recluso. A distância do público e o isolamento criaram condições para que Chico se concentrasse e seguisse escrevendo. Se nos primeiros anos de mediunidade publicava dois livros por ano, a média subiu na mesma proporção em que a idade avançava. Nos anos 1970, quando atingiu a meta de ter mais de cem títulos publicados, lançou anualmente uma média de oito obras. Na década seguinte, essa média subiu para 14.

Em 1987, uma pneumonia aliada a uma infecção renal o colocaram de cama por mais de um mês. Mesmo impossibilitado de trabalhar por semanas, Chico publicou 20 livros naquele ano, aos 77 de idade.

A qualidade, no entanto, despencou. Emmanuel e André Luiz assinaram o livro *Ação e Caminho*, lançado em 1987. A curta obra de 80 páginas tem apenas uma mensagem de André Luiz, o que dá uma certa sensação de propaganda enganosa, uma vez que o nome do espírito estampava a capa do livro em letras garrafais:

Se você traz consigo algum problema, peça a Deus coragem para suportá-lo, evitando queixas e lutas que fariam de você um problema difícil para os outros e, trabalhando e servindo em silêncio, com paciência e bondade, você observará que Deus transformará os outros em canais de socorro espontâneo a seu favor, pelos quais, sem alarme e sem perda de tempo, encontrará você a necessária e a melhor solução.

André Luiz, o autor do instigante *Nosso Lar*, parecia de férias. Emmanuel, que seria o responsável por quase todo o resto do livro, oferece apenas alguns aforismos:

Não desanimes. Aceita a provação.
Não reclames. Usa a paciência.
Conserva a serenidade. Não censures.

Esquece o mal. Perdoa sempre.
Age em paz. Não discutas.

As epopeias históricas, como a saga de *Paulo e Estêvão*, tinham ficado no passado. Chico sofreu críticas no movimento espírita, e a aposentadoria foi sugerida. Os fãs, no entanto, seguiam comprando seus livros aos milhares.

Uma nova pneumonia atingiu o médium quatro anos mais tarde. Sua saúde ficou cada vez mais delicada. Chico parecia ainda mais frágil com a peruca preta sobre a cabeça, que usava desde a aparição no *Pinga-Fogo.* O farto aparato capilar que escondia a testa calva destoava do corpo magro e lento do senhor grisalho de quase 80 anos. Alguns de seus ternos pareciam pertencer ao armário de um homem muito maior. Para completar, os remédios provocavam sono. Quando ia às sessões do centro espírita, realizadas sempre à noite, precisava do estímulo de chás e de trilha sonora para evitar que caísse dormindo sobre a mesa enquanto redigia uma mensagem – Chico preferia música clássica. Falava com a ajuda de um microfone nos encontros para amplificar a voz cada vez mais fininha.

Em outubro de 1989, a rotina se agitou por algumas semanas. O médium recebeu a visita de Fernando Collor de Mello, então candidato a presidente. Chico abençoou o alagoano e presenteou o "caçador de marajás" com um livro, cuja dedicatória dizia: "O Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República, o senhor a consolidará". O endosso do maior líder espírita do país a Collor causou inveja em outros candidatos. No final do mês, Chico deu entrevista à Agência Estado pedindo que os concorrentes "pelo amor de Deus" lhe deixassem em paz. Disse que recebeu Collor como um cidadão comum e que aceitaria a visita de qualquer outro candidato, desde que seu nome não fosse alvo de exploração política.

Depois de eleito, Collor visitou Chico outras vezes. A amizade levou a uma situação curiosa. Em 1992, o senador Humberto Lucena apresentou um projeto de lei que criava uma pensão vitalícia para o médium. Lucena disse à imprensa que havia decidido levar a proposta adiante depois de constatar a "imensa pobreza" na qual Chico vivia em Uberaba. A pobreza era voluntária, já que Chico poderia ter para si os milhões que seus livros geravam em direitos autorais. Mesmo assim, a mesada foi aprovada no Senado em 27 de agosto. A essa altura do mandato, Collor estava vivendo uma enorme crise política em função das suspeitas de desvio de recursos do caixa de campanha. Deputados e senadores já haviam aprovado o relatório

da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que pediu seu impeachment. Ainda assim, o presidente encontrou tempo para outros temas e sancionou a lei 8.456 em 3 de setembro de 1992, uma semana depois de chancelada pelos senadores, concedendo uma pensão mensal de Cr$ 2.300.000 a Chico Xavier – o equivalente a R$ 4,3 mil corrigidos pela inflação em 2016. Foi um dos últimos atos de Collor no cargo: ele seria afastado um mês depois.

A partir de 1995, a vida pública de Chico Xavier foi reduzida ainda mais. Aos 85 anos, ele sofreu um enfisema pulmonar. Dali em diante, passou a se deslocar com o auxílio de cadeira de rodas, e as crises de angina continuavam. No fim da vida, Chico enxergava a própria notoriedade com olhar ambíguo. Os fãs lhe enviavam doações e compravam livros. Com o dinheiro, fazia mais caridade. Ele sabia que aparecer na televisão e receber pessoas eram atividades que ajudavam a aumentar a arrecadação. Mas estava cansado da responsabilidade de escrever e de conviver com tantas tragédias familiares.

Próximo do fim da vida, o médium se tornou um para-raios de condecorações. Ele recebeu pelo menos 62 títulos de cidadania de municípios brasileiros. Em 1999, ele mesmo se tornaria um prêmio. O Estado de Minas Gerais instituiu a Comenda da Paz Chico Xavier, sancionada pelo governador e ex-presidente Itamar Franco. Aos 90 anos, o médium foi eleito o Mineiro do Século 20 em enquete da Globo Minas – não era um prêmio tão simples nem para uma figura do calibre de Chico: o pedro-leopoldense concorria com Santos Dumont, de Palmira, e Pelé, de Três Corações. “Não mereço isso, não”, disse com voz quase inaudível ao receber o título, em 2000. Foi uma das últimas vezes que Chico falou para a TV.

•••

O Brasil acordou cedo naquele domingo de 30 de junho de 2002. Às 8h, a Seleção Brasileira pisava no gramado do estádio de Yokohama, no Japão, para jogar contra a Alemanha a final da Copa do Mundo de futebol. Antes do almoço, o país já estava em festa com os dois gols de Ronaldo que deram o pentacampeonato ao Brasil. Foi um domingo alegre de Norte a Sul.

Chico Xavier não viu o jogo, mas comemorou o resultado. Naqueles dias, o médium vinha intrigando amigos e assistentes. Estava fazendo agradecimentos mais profundos que os de costume. Recebia um copo de água e dizia: “Jesus vai te abençoar. Muito obrigado”. As idas e vindas aos

hospitais tinham afastado Chico da Casa da Prece por quase dois anos. Mas, poucas semanas antes, ele havia voltado às reuniões de sábado – e distribuía obrigados. No sábado, foi ao culto das 14h e perguntou à cozinheira da casa, Josiane, se ela sabia quantos livros ele havia escrito. Chico vasculhou a biblioteca, releu alguns e disse para Josiane: “Trabalhei muito. É muito bonito o que fiz”.

No início da noite daquele domingo, o médium de 92 anos jantou mingau de maizena, acompanhado de guaraná, tomou um café bem quente e se deitou na cama. A vizinha Kátia Maria, que vinha cuidando de Chico, viu que o amigo estava transpirando no rosto. O médium pediu um copo de água, e Kátia chamou o médico. Chico fechou os olhos. E não abriu mais. Às 20h de um domingo de festa, o menino de Pedro Leopoldo que ouvia vozes foi vítima de uma parada cardíaca.

Em meio à ressaca e às reprises noturnas da final da Copa, as notícias tristes de Uberaba atingiram milhões de brasileiros. A cidade decretou feriado para o enterro. Choveram notas oficiais de lamentos. “Grande líder espiritual e figura querida e admirada pelo Brasil, Chico Xavier deixou sua marca nos corações de todos os brasileiros que, ao longo de décadas, aprenderam a respeitar seu permanente compromisso com o bem-estar do próximo”, dizia a mensagem divulgada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Chico havia registrado em cartório os desejos para o próprio funeral. Não queria pompa e pediu para ser velado na Casa da Prece e enterrado em Uberaba. Na segunda-feira, milhares de seguidores fizeram uma fila de 4 km para dar adeus ao ídolo no centro espírita. Caravanas chegaram às pressas.

Depois de quase dois dias de velório e do adeus de mais de 200 mil pessoas, o caixão foi colocado em cima de um caminhão dos bombeiros e seguido por mais de 30 mil pessoas ao longo de 5 km, um trajeto percorrido em uma hora e meia pelo cortejo. As autoridades ignoraram os desejos humildes do médium para a própria despedida: um helicóptero da Polícia Rodoviária Federal jogou pétalas de rosa sobre a multidão, e o esquife foi recebido com uma salva de 21 tiros. O caixão chegou ao cemitério São João Batista coberto com as bandeiras de Minas Gerais e do Brasil. Às 17h do dia 2 de julho de 2002, era enterrado o corpo de Francisco Cândido Xavier. Sua imagem, porém, segue viva na memória de milhões de brasileiros como uma das maiores figuras religiosas da história da humanidade.

Epílogo

EM 75 ANOS DE TRABALHO, Chico conseguiu fazer do Brasil a maior nação espírita do mundo. Mais de 3,8 milhões de brasileiros se dizem seguidores da religião. Contando os simpatizantes, o número pula para 30 milhões. Esse talvez seja o principal legado do médium no Brasil: tornar a religião acessível, conhecida e respeitada.

Os brasileiros logo reconheceram a dimensão do médium. Em 2006, a revista *Época* decidiu escolher o maior brasileiro da história. A publicação formou uma comissão com 33 personalidades notáveis, que ia do ex-presidente Fernando Henrique ao ator Paulo Autran, para escolherem o agraciado. Deu empate entre o escritor Machado de Assis e o político e diplomata Ruy Barbosa. A redação se viu obrigada a votar também, e o escolhido foi Barbosa. Em paralelo, *Época* criou uma enquete online para dar voz aos leitores na questão. A revista colocou no site uma lista de 50 nomes pré-selecionados.

O médium não estava entre as sugestões oferecidas pela redação. Mas a votação previa um espaço em branco para que o leitor elegesse outras pessoas. Com essa brecha, o azarão Chico Xavier assumiu a ponta da eleição e terminou em primeiro lugar, com 36% dos votos, o dobro do segundo colocado, Ayrton Senna.

Chico também venceu o concurso O Maior Brasileiro de Todos os Tempos, promovido pelo SBT ao longo de 12 programas em 2012. Para chegar ao posto, o mineiro deixou para trás Irmã Dulce, Princesa Isabel, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek. Chico, no programa final, foi representado pelo amigo Saulo Gomes, o jornalista que lhe convenceu a dar a entrevista para o *Pinga-Fogo*.

Desde 2002, o mineiro calou-se, mas deixou um amplo e fértil terreno para outros espíritas trilharem seu caminho. Chico não deixou herdeiros diretos. Na Casa da Prece, em Uberaba, ele era o único médium. Mas a semente estava plantada. A cidade tinha cerca de cem centros espíritas no ano da sua morte. No vácuo de Chico, nomes como Divaldo Pereira Franco puderam consolidar suas carreiras.

Divaldo é o maior missionário do espiritismo. Aos 89 anos, quase 70 deles dedicados à doutrina, percorreu os cinco continentes e milhares de cidades brasileiras para divulgar a religião por meio de palestras e entrevistas, sendo o principal responsável pela abertura de novos centros e pelo crescimento do movimento fora do Brasil. Achou conforto nos espíritos ainda criança, quando dois irmãos morreram. Em 1947, aos 20 anos de idade, fundou um centro espírita em Salvador.

Começou a psicografar mensagens ainda na adolescência. O primeiro livro, *Messe de Amor*, só seria publicado em 1964, quando Divaldo já tinha quase 40 anos. Mas depois disso deslanchou: foram mais de 250 títulos, alegadamente guiados por mais de 200 espíritos. Vendeu 8 milhões de exemplares, com tradução para quase 20 idiomas. Parte do sucesso se explica pela versatilidade. Nos seus textos, Divaldo explorou vários estilos, tendo publicado contos, romances, poemas e crônicas. Os temas também foram plurais: há livros psicológicos, doutrinários, históricos e até mesmo infantis.

Divaldo diz que recebe mensagens de uma mentora chamada Joanna de Ângelis, espírito que teria um talento especial para reencarnar em pessoas que testemunharam fatos históricos. Em suas vidas passadas, Joanna teria sido uma das mulheres que acompanhavam Jesus no momento da crucificação, a fundadora de uma ordem católica no século 13, uma poetisa mexicana no século 17 e mártir da independência da Bahia em 1822.

Com a ajuda de Joanna, Divaldo diz ter escrito os livros *Autodescobrimento*, de 1995, e *Triunfo Pessoal*, de 2002, sucessos recentes de uma série psicológica em que o médium explora uma abordagem mais próxima da autoajuda. Embora respeitosas à doutrina kardecista, as psicografias do médium baiano estão mais alinhadas a uma nova faceta do espiritualismo, em que os adeptos buscam apoio do plano dos mortos para prosperar e superar os problemas do cotidiano.

Embora seja conhecido pela psicografia, Divaldo diz possuir talento para clarividência, vidência e psicofonia – a habilidade de falar em nome de espíritos. Além da importância dentro do movimento espírita, Divaldo também é responsável por projetos sociais na cidade de Salvador, onde fundou a Mansão do Caminho, em 1952.

O mercado editorial espírita deve muito a Chico Xavier. Ele escreveu mais de 400 livros em vida e deixou um catálogo de 491 títulos, incluindo as obras póstumas com coletâneas de textos inéditos. Divaldo e outros autores

alinhados à doutrina vendem milhões de exemplares, uma babilônia perto das tiragens médias de 3 mil exemplares dos livros do mercado “laico”. A grande massa de leitores espíritas cultivada por Chico Xavier permitiu, por exemplo, o sucesso de Zibia Gasparetto, uma médium de 90 anos autora de livros supostamente psicografados desde 1958. Ela coleciona mais de 40 títulos, alguns deles traduzidos para o inglês, espanhol e japonês, e acumula mais de 16 milhões de exemplares vendidos. É figura constante nas listas dos best-sellers brasileiros.

Mas a autora se distanciou da doutrina. Ela já foi kardecista engajada, deixou o movimento e hoje se diz identificada com o termo “espiritualista”, mais genérico que “espírita”, uma palavra que pode ser entendida como sinônimo de “kardecista”. No final dos anos 1960, Zibia fechou o centro espírita que mantinha com a venda de livros e passou a publicar por uma editora própria. Manteve poder sobre seus direitos autorais, uma decisão radicalmente oposta aos ensinamentos de Chico Xavier e que rende críticas até hoje – para os espíritas, o médium não pode ganhar em cima do que teria recebido de graça. Zibia é empresária e comanda uma lucrativa operação familiar que inclui programas de televisão, rádio e palestras – além dos livros. Ela não enxerga conflito ao monetizar o suposto dom mediúnico. Embora enfrente certa oposição, Zibia encontrou sucesso dentro e fora do movimento espírita, e parte da explicação está no teor das obras, que transitam no popular segmento de autoajuda.

Outro pilar espírita de hoje está em Goiás. Mais precisamente para a cidade de Abadiânia, onde João de Deus promove seus tratamentos sobrenaturais. Estima-se que ele já tenha tratado mais de 9 milhões de pessoas na Casa Dom Ignácio de Loyola, seu quartel-general em Abadiânia. Lá, ele promove sessões de reza e meditação, mas também corta alguns doentes com bisturis, dispensando qualquer anestesia, ou enfia facas ou tesouras nas narinas dos pacientes. Tudo parece ocorrer sob algum tipo de transe, e os voluntários dizem que não sentem dor. João de Deus já teria arrancado até tumores do cérebro de doentes com suas técnicas nada ortodoxas. Quando incorpora o papel de médico, o médium fica com o olhar perdido e fala pouco. Parece fora de si.

As filas que contornavam os quarteirões de Uberaba agora são vistas em Abadiânia. Ônibus de todo o Brasil estacionam na cidade de 17 mil habitantes que vive em função de atender as caravanas de doentes. São apenas 117 km de Brasília, uma posição privilegiada que ajuda a ampliar a

clientela de João de Deus. O médium é um fenômeno no Brasil, mas cerca de 80% dos doentes vem do exterior, onde ele é conhecido como John of God. Em 2012, foi a vez da apresentadora Oprah Winfrey desembarcar em Abadiânia para encontrar o curandeiro e gravar segmento para o seu programa, um dos campeões de audiência nos Estados Unidos. Parte da fama internacional veio após o depoimento da atriz Shirley MacLaine, que diz ter sido curada de um câncer no abdômen com a ajuda do curandeiro.

Divaldo, Zibia e João de Deus podem ter ocupado o espaço que foi todo de Chico Xavier, mas os seguidores ainda aguardam notícias do mineiro. Antes de morrer, Chico afirmou que não se manifestaria logo do mundo espiritual. Mas deixou uma senha, ou seja, um código secreto, para confirmar a autenticidade de mensagens suas quando enfim resolvesse se comunicar direto do plano dos mortos. Ele queria evitar que charlatões anunciassem a chegada de uma mensagem exclusiva sua – o que lançaria qualquer médium ao estrelato. A chave para o contato com Chico no além foi entregue oito anos antes da sua morte ao filho adotivo, Eurípedes Higino dos Reis, ao médico e amigo Eurípedes Tahan Vieira e para a vizinha Kátia Maria. Cada um recebeu uma palavra diferente, um segredo individual, que não deve ser compartilhado nem entre os integrantes do trio. A verdadeira carta enviada por Chico teria necessariamente essas três palavras mágicas. Os fiéis seguem aguardando.

Bibliografia

Trabalhos acadêmicos

ALMEIDA, *Angelica Aparecida Silva de.* **Uma fábrica de loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900-1950).** *2007. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.*

ARRIBAS, *Célia da Graça.* **Espiritismo: entre crime e religião.** *Mneme - Revista de Humanidades, Natal, p. 318-339, jan-jul. 2011.*

CARREIRA, *Shirley de Souza Gomes.* **Shakerismo na América do Norte: ascensão e queda de uma comunidade utópica.** *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Belford Roxo, jan. 2012.*

JUSTICE, *Ginny.* **The role of indulgences in the building of New Saint Peter's Basilica.** *2011. Master of Liberal Studies Theses, Hamilton Holt School, Rollins College, Florida, 2011. http://scholarship.rollins.edu/mls/7*

LEWGOY, *Bernardo.* **Chico Xavier e a cultura brasileira.** *Revista de Antropologia, São Paulo (USP), v. 44, n. 1, p. 53-116, mai. 2001.*

ROCHA, *Alexandre Caroli;* **PARANÁ,** *Denise;* **FREIRE,** *Elizabeth Schmitt;* **NETO,** *Francisco Lotufo;* **MOREIRA-ALMEIDA**, *Alexander.* **Investigating the fit and accuracy of alleged mediumistic writing: a case study of Chico Xavier's letters.** Explore - The Journal of Science and Healing, *Nova York, set-out. 2014.*

Livros

ANDREWS, *Edward Deming.* **The People Called Shakers.** *Nova York: Dover Publications, Inc, 1953.*

BACCELLI, *Carlos A.* **100 Anos de Chico Xavier: Fenômeno Humano e Mediúnico.** *Leepp, 2010.*

BATES, *David.* **The Mystery of Truth: Louis-Claude de Saint-Martin's Enlightened Mysticism.** *Filadélfia: Journal Of The History Of Ideas, out. 2000.*

BERGQUIST, *Lars.* **Swedenborg's Secret: the meaning and significance of the word of God, the life of the angels, and service to God; a Biography.** *Londres: The Swedenborg Society, 2005.*

BRITTEN, *Emma Hardinge.* **Nineteenth Century Miracles, or, Spirits and Their Work in Every Country of the Earth: a complete historical compendium of the great movement known as "Modern Spiritualism".** *Nova York, 1884.*

BUCKLAND, *Raymond.* **The Spirit Book: the encyclopedia of clairvoyance, channeling, and spirit communication.** *Canton: Visible Ink, 2005.*

CAMPION, *Nardi Reeder.* **Mother Ann Lee: morning star of the shakers.** *Hanover: University Press Of New England, 1976.*

CASEY, *John.* **After Lives: A guide to heaven, hell and purgatory.** *Nova York: Oxford University Press, 2009.*

COCKREN, *Archibald.* **Alchemy Rediscovered and Restored.** *Nova York: Cosimo Classics, 2007.*

COHEN, *Otávio.* **O Livro Secreto da Maçonaria.** *São Paulo: Editora Abril, 2015.*

CROSS, *Whitney.* **The Burned-over District: the Social and intellectual history of enthusiastic religion in western New York, 1800-1850.** *Ithaca: Cornell University Press, 2015.*

DAMAZIO, *Sylvia.* **Da Elite ao Povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.** *Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.*

D'ANDREA, *Anthony.* **The Niche Globalization of Projectiology: cosmology and internationalization of a brazilian parascience.** *In:* **ROCHA,** *Cristina;* **VÁSQUEZ,** *Manuel.* **The diaspora of brazilian religions.** *Leiden: Brill, 2013, p. 339-362.*

DARNTON, *Robert.* **Mesmerism and the End of the Enlightenment in France.** *Londres: Harvard University Press, 1968.*

DIONISI, *Fabio Alessio Romano.* **A História do Espiritismo.** *Dionisi, 2013.*

FRANCIS, *Richard.* **Ann the Word: The story of Ann Lee, female Messiah, Mother of the Shakers, the Woman Clothed with the Sun.** *Nova York: Arcade Publishing, 2001.*

GIBBONS, *B. J.* **Spirituality and the Occult: from the Renaissance to the Modern Age.** *Nova York: Routledge, 2001.*

GIUMBELLI, *Emerson.* **O "Baixo Espiritismo" e a História dos Cultos Mediúnicos.** *Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.*

GIUMBELLI, *Emerson.* **O Cuidado dos Mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo.** *Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.*

GOMES, *Saulo.* **Pinga-Fogo com Chico Xavier.** *Intervidas, 2010.*

HARLEY, *Jhon.* **O Voo da Garça: Chico Xavier em Pedro Leopoldo | 1910-1959.** *Vinha de Luz, 2010.*

HAUK, *Dennis William.* **The Emerald Tablet: alchemy of personal transformation.** *Nova York: Penguin Group, 1999.*

HOROWITZ, *Mitch.* **Occult America: White House seances, ouija circles, masons, and the secret mystic history of our nation.** *Nova York: Bantam Books, 2010.*

JORGE, *Fred.* **Chico Xavier: Sua verdadeira história.** *Saber, 1972.*

KUCICH, *John.* **Ghostly Communion: cross-cultural spiritualism in nineteenth-century american literature.** *Hanover: Dartmouth, 2004.*

LACHAPELLE, *Sofie.* **Investigating the Supernatural: from spiritism and occultism to psychical research and metapsychics in France (1853-1931).** *Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.*

LEONARD, *Todd Jay.* **Talking to the Other Side: a history of modern spiritualism and mediumship.** *Nova York: Iuniverse, 2005.*

LÉVI, *Éliphas.* **The History of Magic.** *Boston: Red Wheel/Weiser Books, 2001.*

LEWGOY, *Bernardo.* **O Grande Mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira.** *Bauru: EDUSC, 2004.*

MAIOR, *Marcel Souto.* **As Vidas de Chico Xavier.** *São Paulo: Planeta, 2003.*

MAIOR, *Marcel Souto.* **Kardec: a biografia**. *Rio de Janeiro: Record, 2013. [E-book]*

MARTIN, *Sean.* **Alchemy and Alchemists.** *Harpenden: Pocket Essentials, 2006.*

MAXWELL-STUART, *P. G.* **The Chemical Choir: a history of alchemy.** *Londres: Bloomsbury Publishing, 2012.*

MEBANE, *John S.* **Renaissance Magic and the Return of the Golden Age.** *Lincoln: University of Nebraska Press, 1992.*

MONROE, *John Warne.* **Laboratories of Faith: mesmerism, spiritism, and occultism in modern France.** *Nova York: Cornell University Press, 2008.*

MOREMAN, *Christopher.* **The Spiritualist Movement: speaking with the dead in America and around the world.** *Santa Bárbara: Praeger, 2013.*

NEWMAN, *William R.;* **GRAFTON,** *Anthony (Ed.).* **Secrets of Nature: astrology and alchemy in early modern Europe.** *Cambridge: Mit Press, 2001.*

NEWMAN, *William R.* **Newton's Early Optical Theory and its Debt to Chymistry.** *In:* **JACQUART,** *Danielle;* **HOCHMANN,** *Michel. (Eds.)* **Lumière et vision dans les sciences et dans les arts, de l'Antiquité au XVIIe siècle.** *Geneva: Droz, 2010. p. 283–307.*

PONSARDIN, *Mickaël.* **Chico Xavier, o Homem e o Médium.** *Brasília: EDICEI, 2010.*

PRINCE, *Lawrence M.* **The Aspiring Adept: Robert Boyle and his alchemical quest.** *Nova Jersey: Princeton University Press, 1998.*

RANIERI, *Rafael Américo.* **Materializações Luminosas.** *Lake, 1981.*

RIZZINI, *Jorge.* **Materializações de Uberaba.** *São Paulo: Livro Fácil-Nova Luz Editora e Distribuidora Ltda, 1967.*

ROCHA, *Alexandre Caroli.* **A Poesia Transcendente de Parnaso de Além-Túmulo.** *Campinas: Unicamp, 2001.*

RÓNAI, *Paulo.* **Balzac e a Comédia Humana.** *São Paulo: Globo, 2012.*

SANTOS, *Dalmo Duque dos.* **Nova História do Espiritismo.** *Editora do Conhecimento, 2010.*

SCHUBERT, *Suely Caldas.* **Testemunhos de Chico Xavier.** *Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1986.*

SOUTO MAIOR, *Marcel.* **As Vidas de Chico Xavier.** *São Paulo: Planeta, 2003.*

SOUTO MAIOR, *Marcel.* **Por Trás do Véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos.** *São Paulo: Planeta, 2004.*

SOUZA, *Luiz Eduardo de.* **Desvendando o Nosso Lar.** *São Paulo: Universo dos Livros, 2010.*

SOUZA, *Luiz Eduardo de.* **O Homem que Falava com Espíritos.** *São Paulo: Universo dos Livros, 2010.*

SOUZA, *Luiz Eduardo de.* **A Fascinante História de Chico Xavier.** *São Paulo: Universo dos Livros, 2011.*

STOLL, *Sandra Jacqueline.* **Espiritismo à Brasileira.** *São Paulo: Orion, 2003.*

SWEDENBORG, *Emanuel.* **Arcanos Celestes.** *Rio de Janeiro: Sociedade Religiosa "A NOVA JERUSALÉM", 1999*

SWEDENBORG, *Emanuel.* **O Céu e o Inferno.** *Londres: The Swedenborg Society, 1982.*

TIMPONI, *Miguel.* **A Psicografia ante os Tribunais: o caso de Humberto Campos.** *Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1978.*

TOKSVIG, *Signe.* **Emanuel Swedenborg: scientist and mystic.** *West Chester: Swedenborg Foundation Press, 2012.*

VIEIRA, *Waldo.* **700 Experimentos da Conscienciologia.** *Foz do Iguaçu: Editares, 2013.*

VIEIRA, *Waldo.* **Cristo Espera por Ti (Romance de Balzac).** *São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1983.*

VIEIRA, *Waldo.* **Projeciologia: panorama das experiências da consciência fora do corpo.** *Rio de Janeiro: edição do autor, 1986.*

VIEIRA, *Waldo.* **Projeções da Consciência: diário de experiências fora do corpo físico.** *São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora, s.d.*

XAVIER, *Francisco Cândido.* **Ação e Caminho.** *Grupo IDEAL, 1987.*

XAVIER, *Francisco Cândido.* **Nosso Lar: a vida no mundo espiritual.** *Rio de Janeiro: FEB, 1943.*

XAVIER, *Francisco Cândido;* **VIEIRA,** *Waldo.* **Evolução em Dois Mundos.** *Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s.d.*

WANTUIL, *Zêus.* **Grandes Espíritas do Brasil.** *Rio de Janeiro, 1990.*

WEGNER, *Daniel.* **The Illusion of Conscious Will.** *Londres: Bradford Books, 2002. [E-book]*

WEISBERG, *Barbara.* **Falando com os Mortos: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo.** *Rio de Janeiro: Agir, 2013.*

Entrevistas

GOMES, *Saulo. Entrevista a André Schröder em 2 de maio de 2016.*

NETO, *Geraldo Lemos. Entrevista a Alexandre de Santi em 19 de abril de 2016.*

Matéria em jornal ou revista

CASTELLA, *Tom de.* **What caused the mystery of the Dark Day?.** *BBC News Magazine, Londres, 18 mai. 2012 Disponível em: http://www.bbc.com/news/magazine-18097177.*

FOLGATO, *Marisa.* **O caminho de Uberaba, sem Chico Xavier.**

O Estado de São Paulo, São Paulo, p. A13, 7 jul. 2002.

LOES, *João.* **A senhora dos espíritos.** *IstoÉ. São Paulo, 5 jun. 2013. Disponível em: http://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/.*

"Medium" recebe honraria da GB. *O Estado de São Paulo, São Paulo, p. 4, 23 set. 1972.*

WEINGRILL, *Nina.* **O fenômeno do milhão.** *Superinteressante, São Paulo, mai. 2007. Disponível em: http://super.abril.com.br/historia/o-fenomeno-do-milhao.*

Revistas

O CRUZEIRO. *Rio de Janeiro: Diários Associados, 18 jan. 1964.*

O CRUZEIRO. *Rio de Janeiro: Diários Associados, 01 fev. 1964.*

O CRUZEIRO. *Rio de Janeiro: Diários Associados, 08 fev. 1964.*

O CRUZEIRO. *Rio de Janeiro: Diários Associados, 27 out. 1970.*

Sites

A vida de Swedenborg. *Disponível em: www.swedenborg.com/emanuel-swedenborg/about-life/.*

Mensagem psicografada por Chico Xavier para Nair Bello. *(em 03/Junho/1977). 2015. Disponível em: http://www.institutochicoxavier.org.br/mensagem-psicografada-por-chico-xavier-*

para-nair-bello-em-03junho1977/.

NEWMAN, *William R. (Ed.). The Chymistry of Isaac Newton. Disponível em: http://webapp1.dlib.indiana.edu/newton/.*

CENTRO DE ALTOS ESTUDOS DA CONSCIENCIOLOGIA (CEAEC). *Disponível em: http://ceaec.org.br/index.php/site/1.*

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR. *Disponível em: http://www.ecclesia.pt/.*

ENCICLOPÉDIA DA CONSCIENCIOLOGIA. *Disponível em: http://enciclopediadaconscienciologia.org/.*

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA E CONSCIENCIOLOGIA (IIPC). *Disponível em: http://www.iipc.org/.*

THRICE GREATEST HERMES. *Biblioteca da Universidade de Delaware. Disponível em: http://www.lib.udel.edu/ud/spec/exhibits/alchemy/hermes.html.*

VÍDEOS

MELO, *Oceano Vieira de. Pinga-Fogo com Chico Xavier: Programas 1 e 2. Disponível em: DVD.*

MELO, *Oceano Vieira de. Saulo Gomes entrevista Chico Xavier em 1968. Disponível em: DVD.*

YOUTUBE. *Newman on why did Isaac Newton believe in alchemy.*

YOUTUBE. *Waldo Vieira fala sobre Chico Xavier - Globonews (2010).*

YOUTUBE. *Waldo Vieira no Jô Soares - Conscienciologia (1992).*

YOUTUBE. *Waldo Vieira - A verdade sobre a revista "O Cruzeiro" com Chico Xavier e Waldo Vieira.*

YOUTUBE. *Waldo Vieira - Por que Waldo Vieira deixou o espiritismo de Allan Kardec e Chico Xavier?.*

YOUTUBE. *Conscienciologia - Chico Xavier e suas particularidades que só o Waldo tem coragem de dizer.*

YOUTUBE. *Espiritismo é incompatível com a conscienciologia - ageratologia.*

YOUTUBE. *A farsa do espiritismo com Waldo Vieira.*

YOUTUBE. *Carta do filho da Nair Bello psicografada por Chico Xavier - parte 1 de 3.*

YOUTUBE. *Carta do filho da Nair Bello psicografada por Chico Xavier - parte 3 de 3.*

YOUTUBE. *O segredo de Chico.*

ESTE LIVRO FOI ESCRITO a quatro mãos. ***Alexandre de Santi*** é jornalista e colabora desde 2010 para a SUPER e outras revistas. Também é coautor do livro Cura Espiritual: Uma Investigação, na qual pesquisou junto de Sílvia Lisboa o que a ciência diz sobre curandeiros. ***André Schröder*** é jornalista e trabalhou nas redações do Terra, Zero Hora e G1. Escreveu reportagens para a SUPER, Piauí e outras revistas. Os dois moram em Porto Alegre.